



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Sexualidade feminina:  
a temporalidade e a singularidade da mulher no climatério

Patrícia Lopes Salzedas

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,  
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como  
parte das exigências para obtenção do título de  
Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO – SP

2001

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Sexualidade feminina:  
a temporalidade e a singularidade da mulher no climatério

Patrícia Lopes Salzedas  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Alves de Toledo Bruns

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,  
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como  
parte das exigências para obtenção do título de  
Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO – SP  
2001

## FICHA CATALOGRÁFICA

Salzedas, Patrícia Lopes

Sexualidade feminina: a temporalidade e a singularidade da mulher no climatério. Ribeirão Preto, 2001.

101 p. : il.; 29 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP – Dep. de Psicologia e Educação.

Orientadora: Bruns, Maria Alves de Toledo

1. Sexualidade feminina. 2. Climatério. 3. Ontologia do envelhecimento.

DEDICATÓRIA

ÀS ENTREVISTADAS

Pela generosidade em compartilhar  
suas dores e delícias em ser mulher  
no mundo contemporâneo.

## AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que fizeram parte de minha trajetória pessoal e profissional até então, e enriqueceram-me com vínculos estabelecidos.

Minha gratidão especial a:

Adalberto e Neuza, pais, cuidadores e modelos em minha vida.

Alcides, Andréa e Júnior pela vivência fraterna compartilhada e por serem exemplos de grandes valores.

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Alves de Toledo Bruns por me guiar nesse caminho da pesquisa com delicadeza, seriedade e amizade.

Dr. Luiz Yoshida e Maria Fátima Barsotini por viabilizarem meu encontro com as entrevistadas nesse estudo.

Professores Dr. Sérgio Kodato e Dr. Francisco Hashimoto pela solicitude em participar do Exame de Qualificação nessa pesquisa, possibilitando-me ricas reflexões.

Laura, sobrinha querida e, inspiração para projetos futuros.

## **FIGURA DA CAPA:**

Essa figura encontra-se na internet.

Observe-a com atenção.

O que o leitor “enxerga”?

Nessa foto é possível ver o perfil de uma mulher jovem e o de uma mulher idosa. Isso nos remete ao fato, muitas vezes negado, de que a jovem e a idosa, em um processo contínuo de envelhecimento, são parte da mesma mulher.

No transcorrer desse processo de envelhecimento encontra-se o climatério, fenômeno vivido em suas múltiplas nuances por essa mulher. Este período, que não se pode observar congelado em uma foto, e acontece na temporalidade da vivência feminina, constituiu-se na inquietação deste estudo.

## RESUMO

Esta pesquisa buscou ampliar os horizontes de compreensão acerca da vivência da sexualidade de mulheres no climatério atendidas em ambulatório de Ginecologia na cidade de Campinas/SP, buscando compreender quais significados mulheres inseridas no presente momento histórico-cultural atribuem a sua vida durante a referida fase do ciclo vital, visto que se trata de um período marcado por mitos e preconceitos construídos historicamente. Utilizou-se a metodologia qualitativa fenomenológica e as idéias de Martin Heidegger para a compreensão dos discursos. Por intermédio de entrevistas individuais com cinco mulheres, com idade variando entre 46 e 54 anos, buscou-se apreender o significado por elas atribuído a esta vivência, a partir da questão norteadora: *“Fale para mim como você está vivenciando o seu momento de vida atual, no climatério, em especial no que diz respeito à sexualidade, relacionando com a história de sua vida.”* As entrevistas foram gravadas com a anuência das participantes, que assinaram um termo de consentimento informado antes da realização da entrevista. Constatou-se que, nas relações afetivo-sexuais com um parceiro (marido, em geral) as entrevistadas relacionam-se com escassez de diálogo e dificuldades na vivência sexual compartilhada, o que é relatado como motivo de insatisfação e pede por mudança. No relacionamento com os filhos está uma realização importante em suas vidas, embora também com estes não tenham um diálogo autêntico. O trabalho aparece como uma forma de realização pessoal e preenchimento de uma necessidade, o que possibilita que se sintam independentes.



## SUMÁRIO

01

### **Apresentação ao Leitor**

08

### **Capítulo I**

A sexualidade feminina no decorrer do processo histórico:  
a temporalidade do ser-mulher

17

### **Capítulo II**

Climatério: passagem intrínseca no projeto de vida  
de mulheres & Menopausa: a mediação da face física na  
metamorfose do envelhecimento

25

### **Capítulo III**

A passagem do tempo: um corpo em  
transformação silenciosa

31

### **Capítulo IV**

A fenomenologia ontológico-hermenêutica  
de Martin Heidegger

38

### **Capítulo V**

1. Trajetória de acesso às entrevistadas 38
2. Situacionalidade das entrevistadas 40
3. Apresentação das entrevistadas 41
4. A entrevista 43
5. Os discursos e os passos da análise 45

47

## **Capítulo VI**

### As múltiplas facetas do estar no mundo da mulher no climatério

- |  |    |
|--|----|
| 1. Apresentação das categorias   | 48 |
| 2. Breve perfil das entrevistadas  | 49 |
| 3. Em direção à compreensão e interpretação das<br>unidades de significado | 54 |

83

## **Capítulo VII**

### A temporalidade e a singularidade da mulher no climatério

88

## **Capítulo VIII**

### Horizontes

92

## **Referências Bibliográficas**

**Anexos**

1. Termo de consentimento informado	98
2. Questionário de Classificação – camada social (LMP e Marplan)	99
3. Carta de apresentação da pesquisa ao CEAMA	100
4. O conteúdo das entrevistas	101

## Apresentação ao Leitor

A feitura deste trabalho se traduz em metáfora quando me imagino frente a um quebra-cabeças de mil peças e, como uma criança curiosa aventuro-me a juntar os pequenos fragmentos de formas variadas uns aos outros para, ao final, apreciar a peça pronta diante dos meus olhos. Durante esse período dinâmico de montagem, diversas mãos me auxiliaram e, as vivências diárias me trouxeram novas reflexões, num descobrir incessante e instigante de novas partes desse todo o que me moveu a investir nesta peça dia-a-dia, assim, construindo minha trajetória pessoal e profissional, fusão de um mesmo ser-no-mundo. Com a minha escolha profissional pelo Curso de Psicologia, freqüentei a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo entre os anos de 1993 e 1997, e entrei em contato com questões relacionadas à sexualidade por intermédio da participação em cursos de extensão e formação, na participação em eventos científicos como simpósios, jornadas, congressos, e sobretudo em estágios que traziam consigo a reflexão sobre sexualidade humana. No decorrer do segundo e terceiro ano de faculdade participei de atividades de monitoria voltada ao trabalho junto a adolescentes, estudantes de primeiro e segundo grau, para o debate de temas relacionados à prevenção de problemas ligados à sexualidade, prevenção de DST/ Aids e uso indevido de substâncias psicoativas. A partir de então, o meu interesse pessoal pelo tema foi gradativamente aumentando e, o desejo de aprofundar meus conhecimentos sobre a sexualidade na adolescência, e sistematizá-los, fez com que eu buscasse um orientador para tal intento. Foi neste caminho que encontrei a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Alves de Toledo Bruns e, expondo a ela o meu interesse em estudar a sexualidade na adolescência, desenvolvemos uma pesquisa sobre adolescentes portadores de deficiência visual o que me despertou para o universo do conhecimento científico e as possibilidades de investigação de temáticas relacionadas aos temas sexualidade e adolescência. Deste estudo publicamos, BRUNS & SALZEDAS (1999), o artigo científico intitulado “Adolescer: a vivência de portadores de deficiência

visual”, na *Revista Benjamin Constant*, que trazia os resultados e reflexões desta pesquisa realizada durante os anos de 1996 e 1997. Vale dizer que esta pesquisa foi realizada na vertente fenomenológica e que isto se mantém no trabalho de pós-graduação atualmente.

Em 1998, já formada como Psicóloga e Bacharel em Psicologia, cursei Aprimoramento para Profissionais da Saúde (Pós-graduação “lato sensu”) na Área de “Fundamentos de Psicologia em Saúde Reprodutiva da Mulher”, junto ao setor de Psicologia do Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (CAISM) da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (FCM/ UNICAMP), no qual se encontram ambulatorios e enfermarias relacionados ao atendimento ginecológico, obstétrico e oncológico. Como aprimoranda da Área de Ginecologia estive em contato com múltiplas questões relacionadas à vida reprodutiva, afetiva e sexual da mulher nas mais variadas faixas etárias (desde meninas com desenvolvimento precoce até mulheres idosas com doenças sexualmente transmissíveis) visto que são diversos os ambulatorios que compõem a Área de Ginecologia, entre eles: Ambulatório de Ginecologia de adolescentes, Ambulatório de Menopausa, Ambulatório de Infecções Genitais, Ambulatório de Revisão e Orientação de Aborto, Planejamento Familiar, Ambulatório de HIV. Durante esse ano de Aprimoramento desenvolvi pesquisa no Ambulatório de ginecologia de adolescentes a partir de grupos de pré-consulta médica que coordenava em parceria com a enfermagem, dedicando-me, então, a um aprofundamento maior a esta fase do desenvolvimento humano que já me inquietava durante a faculdade e que retomei durante o Aprimoramento. Esta pesquisa foi concluída no final do Aprimoramento e apresentada em forma de monografia no final do curso. O Aprimoramento ampliou meus horizontes para além da adolescência como momento de transformações físicas e emocionais ao qual eu tinha voltado meu olhar até então. Assim, o fim do período fértil da mulher, suas implicações hormonais, emocionais, e nos relacionamentos afetivos e sexuais, enfim, a vivência do climatério, constituiu-se parte essencial na minha formação durante o Aprimoramento. No ambulatório de Menopausa,

ocorrendo duas vezes por semana, realizavam-se grupos de pré-consulta médica, já citados, nos quais as pacientes eram informadas a respeito de prevenção à osteoporose, terapia de reposição hormonal e, no qual emergiam questões relacionadas a aspectos emocionais vivenciados pelas pacientes (irritabilidade e depressão, por exemplo). Nestes grupos entrei em contato com uma variedade de vivências destas mulheres em relação à sua sexualidade. O discurso dessas pacientes foi despertando em mim inquietações em relação ao planejamento de suas vidas, a vivência da sexualidade, a realização, ou não, da maternidade e a auto-estima, sem esquecer que atualmente, devido aos avanços da medicina nas últimas décadas, de forma geral, a mulher está vivendo 1/3 de sua vida após a menopausa (parada da menstruação).

Perguntava-me como seria a vivência desta passagem da vida adulta para a velhice. Se haveriam, ou não, características em comum em suas vivências afetivo-sexuais. Indagava-me, ainda, como esta mulher que, em geral, teve como palco de sua adolescência a repressão sexual e a submissão ao parceiro (marido), estaria vivenciando sua sexualidade em tempos de Aids, preservativo e emancipação feminina.

Foi com estas inquietações que, novamente, procurei a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Alves de Toledo Bruns para que pudesse realizar a pós-graduação visando a possibilidade de estudar em profundidade a sexualidade no climatério. Sendo acolhida, fui ao encontro do ambiente no qual pudesse encontrar mulheres nesta fase da vida e, deparei-me com elas em um Ambulatório de Ginecologia que serve a funcionários públicos estaduais no interior do Estado de São Paulo, um CEAMA (Centro de Atendimento Médico Ambulatorial), localizado na cidade de Campinas/SP, que funciona como uma extensão do Hospital do Servidor Público Estadual, localizado na cidade de São Paulo. Neste local fui recebida pela psicóloga que atendia, em grupo, pacientes no climatério, acompanhadas no ambulatório de ginecologia. A princípio, participei como observadora participante de algumas sessões deste grupo e, posteriormente apresentei as idéias gerais da pesquisa no grupo e, finalmente, com a anuência de participantes que se

enquadravam no perfil deste estudo, realizei entrevista individual com mulheres que participam, ou haviam participado desse trabalho grupal. Este estudo teve por objetivo investigar, descrever e buscar compreender o(s) significados(s) da vivência da sexualidade de mulheres no climatério. Este objetivo abrange os seguintes aspectos relacionados: a compreensão que mulheres têm de sua sexualidade, ou seja, quais suas percepções e sentimentos sobre a mesma; e, as articulações dessa compreensão com o fluir de sua existência, que envolve tanto a vivência do tempo e do espaço consigo mesmas, como no relacionamento com os outros. Dessa forma, intentando chegar ao entendimento da vivência da sexualidade na atualidade, levando em conta a totalidade de sua existência, que abrange experimentar não apenas o presente, mas também o passado e as perspectivas futuras.

A vivência é aqui considerada como *“a percepção que o ser humano tem de suas próprias experiências, atribuindo-lhes significados que, com maior ou menor intensidade, sempre são acompanhados de algum sentimento de agrado ou desagradado.”* (FORGHIERI, 1992: 07)

A seleção na pós-graduação e o ingresso no Mestrado em 1999, voltando-me para o climatério enquanto fase do desenvolvimento humano, possibilitou-me dar continuidade à investigação da sexualidade humana na pesquisa e/ou na prática, instigada em vasculhar e aprofundar meus conhecimentos sobre a mulher no climatério, e procurar compreender ‘quem é esta mulher’. Neste caminho trilhado, olhando em retrospectiva, revejo detalhes guardados na memória e o desvelar de um ser-pesquisadora em mim, com a disponibilidade possível de estar com o outro e experimentar o fenômeno da descoberta de algo que vai além do que os olhos permitem enxergar, procurando vislumbrar os signos implícitos no quadro pronto ao meu alcance.

Devo dizer, ainda, que desde o segundo semestre de 2000 atuo como psicóloga em Hospital Geral em ambulatório e enfermaria de Urologia, o que me possibilitou entrar em contato com a realidade de pacientes do sexo masculino com patologias diversas, entre as quais se destacam neoplasias e

disfunções sexuais masculinas. Cabendo uma visão mais abrangente em meu universo, a partir desta experiência, observei o descortinar de realidades entrelaçadas de homens e mulheres que se encontram a todo instante, mas, apresentam dificuldades em estabelecer uma relação genuína, ou um encontro EU-TU, como descreve o pensador Martin Buber.

Para organizar os “mil” fragmentos, contei com a participação de muitas pessoas, entre as quais destaco a minha orientadora, e as mulheres que se dispuseram a contribuir com seu discurso para este trabalho, sendo assim, a partir deste ponto, direi sempre nós já que não compus este trabalho sozinha e sim em parceria com essas muitas mulheres, além de amigos, colegas e pacientes que colaboraram anonimamente com suas sugestões e/ou contribuições espontâneas para a construção deste ‘texto-quadro’. Nesta pesquisa deparei-me com a mulher em-relação com múltiplas possibilidades de ser-no-mundo no aspecto afetivo-sexual, profissional, na vivência da maternidade e, sobretudo, na descoberta de si própria.

No desvelar deste fenômeno, ou seja, a sexualidade no climatério, por considerarmos de extrema importância o momento sócio-histórico em que se insere esta mulher, para compreendê-la, optamos pela metodologia qualitativa fenomenológica na perspectiva do filósofo alemão Martin Heidegger, que leva em conta a temporalidade e historicidade do Ser.

Finalmente, a elaboração deste trabalho seguirá os seguintes momentos:

O capítulo inicial, “A sexualidade feminina no decorrer do processo histórico: a temporalidade do ser-mulher” traz uma revisão bibliográfica sobre a sexualidade feminina e seu tangenciamento com a sexualidade masculina.

O capítulo II dispõe sobre “Climatério: passagem intrínseca no projeto de vida de mulheres” e “Menopausa: A mediação da face física na metamorfose do envelhecimento”.

O capítulo III trata sobre “A passagem do tempo: um corpo em transformação silenciosa”, abordando o processo de envelhecimento e seus aspectos mais relevantes no desenvolvimento humano.



O capítulo IV trata sobre a “Fenomenologia Ontológico-Hermenêutica de Martin Heidegger”, possibilitando ao leitor ter acesso a um breve histórico sobre a vida do filósofo e os conceitos básicos por ele elaborados a respeito da existência humana. Este é o referencial teórico desta pesquisa.

No capítulo V é descrita a “Trajetória de acesso às entrevistadas”. Neste ponto do trabalho está relatada a forma de contato inicial com as informantes que participaram desta pesquisa, além da caracterização das mesmas e descrição do procedimento relativo à entrevista propriamente dita. Neste capítulo, também, estão relatados os três momentos da análise fenomenológica utilizados para a obtenção das unidades de significados nos depoimentos obtidos e, posterior compreensão do fenômeno estudado.

No capítulo VI são expostas “As múltiplas facetas do estar no mundo da mulher no climatério”, trazendo as categorias obtidas nos discursos e as unidades de significado apreendidas nos depoimentos das entrevistadas, além da análise das categorias.

No capítulo VII, “A temporalidade e a singularidade da mulher no climatério” busca fazer uma síntese compreensiva do fenômeno estudado, tendo as idéias propostas por Martin Heidegger como caminho para compreensão do fenômeno.

No capítulo VIII são apontados os “Horizontes” e possibilidades que se delineiam a partir desta pesquisa.

Em seguida são apresentadas as “Referências bibliográficas”.

Finalmente, os “Anexos” deste trabalho: 1. Termo de consentimento informado; 2. Questionário de Classificação – camada social (LMP e Marplan); 3. Carta de apresentação da pesquisa ao CEAMA; e, 4. o conteúdo das entrevistas.

***“Não se nasce mulher,  
torna-se mulher.”***

Simone de Beauvoir

## CAPÍTULO I

### A Sexualidade feminina no decorrer do processo histórico: a temporalidade do ser-mulher.

Para compreender o fenômeno a que nos propusemos, a “sexualidade no climatério”, necessitamos fazer um passeio pela literatura científica e verificar o que ela nos mostra sobre sexualidade, e a respeito de outros assuntos relacionados a este estudo. Em primeiro lugar EISLER (1989; 1996) nos diz que nossos ancestrais da Era Paleolítica (+ou – 18.000 a. C.) eram tipicamente vegetarianos e as coletas de alimentos eram feitas pelas mulheres, o que correspondia a 70% da dieta, já que os homens ficavam encarregados da caça, o que culminava muito mais em fracasso do que em sucesso. Então, nessa época, a mulher gozava de prestígio econômico e poder político. Na era citada, haviam estruturas sociais de parceria, a mulher possuía um lugar de destaque pelo poder de gerar a vida, sendo venerada e respeitada por isso, uma vez que dela dependia a continuidade da espécie e a manutenção da prole além da sobrevivência do grupo. Havia a veneração da Grande Deusa, cuja expressão na Terra estava representada pela mulher, e a vida sexual era vinculada à vida espiritual. O fato da mulher ser sacralizada e respeitada por sua posição econômica e religiosa não significava que os homens fossem oprimidos e dominados.

As transformações dos modelos familiares de matrilineares em patrilineares ocorreu em função de uma mudança na pré-história denominada de *Última Crise Neolítica*, quando houve grande migração da população do Oriente para a Europa introduzindo sua língua e suas maneiras de estruturar as relações sociais e sexuais (EISLER, 1996). Por essa perspectiva, a dominação, a escravidão de homens considerados

fracos e, especialmente de mulheres, não se deu sem repressão, inclusive a repressão sexual. Esse momento histórico coincide com o reconhecimento da paternidade, com a proibição do incesto e a instauração do patriarcado. A repressão sexual, o casamento monogâmico e a idéia da vivência sexual como pecado passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas. Este ponto nos remete a indagação do que estamos falando quando nos referimos à repressão sexual e, propriamente à sexualidade.

Afinal, o que é sexualidade? A sexualidade engloba o conjunto de fenômenos da vida sexual abrangendo as esferas biológica, psicológica e social, além disso, o *“Dicionário de Psicanálise, de Laplanche e Pontalis, considera que a sexualidade não se confunde com um instinto sexual porque um instinto é um comportamento fixo e pré-formado, característico de uma espécie, enquanto a sexualidade se caracteriza por grande plasticidade, invenção e relação com a história pessoal de cada um de nós. (...) A sexualidade não se confunde com um instinto, nem com um objeto (parceiro), nem com um objetivo (união dos órgãos genitais no coito). Ela é polimorfa, polivalente, ultrapassa a necessidade fisiológica e tem a ver com a simbolização do desejo.”* (CHAUÍ, 1991, p.14-15).

Assim, a capacidade do ser humano da utilização do pensamento e da abstração possibilita que a vivência da sexualidade ultrapasse os limites do instinto e ganhe significados peculiares atribuídos a ela por intermédio da própria vivência humana e sua criatividade inerente. Envoltas em tabu até os dias atuais, a sexualidade já era assunto, como descrevemos, que despertava sentimentos diversos, do desejo à repulsa desde tempos remotos.

Em se tratando de sexualidade, foi Freud quem trouxe para discussão a questão da sexualidade infantil e o conflito edipiano, colocando a criança não mais como um “anjo inocente”, como fora tratada em momentos históricos anteriores. No viés da psicanálise, a criança apresenta conflitos sexuais no desenvolvimento dos seus seis primeiros anos de vida, findando-se com a resolução do Complexo de Édipo - desejo de posse exclusiva da

criança pela figura parental de sexo oposto ao seu, no triângulo afetivo com a figura parental do mesmo sexo.

Após essa fase, ocorre um período de latência dos seis aos doze anos, aproximadamente, em que a criança, no seu desenvolvimento normal, desenvolve um forte superego, conjunto de padrões morais, e a sexualidade fica temporariamente inibida. Nos anos subseqüentes, os conflitos sexuais que estavam latentes voltam a ser enfrentados pelo jovem, em decorrência das alterações hormonais e fisiológicas pelas quais passa. Para a menina, a primeira menstruação representa um acontecimento marcante. Significa que adquiriu sua maturidade biológica, que é mulher e capacitada fisicamente para o amor e para a maternidade.

Entre os primitivos, a primeira menstruação está rodeada de tabus e cerimônias que culminam num grande festival, durante o qual a menina é aceita na sociedade das mulheres adultas como uma delas. Com a aquisição da capacidade reprodutiva do púbere, uma retomada dos conflitos envolvendo a vivência da sexualidade ronda o adolescente, até que, superando esta fase, possa vir a ser um adulto que experiencia de forma madura e, possivelmente, prazerosa, sua própria sexualidade. Quanto à questão da virgindade, a defloração, em sociedades primitivas, é um acontecimento que, como a menstruação, é rodeado de inúmeros tabus e cerimoniais. Segundo Freud, surge o tabu onde o primitivo teme o perigo. A defloração costuma ocorrer em meio a uma festa, com o consentimento de toda tribo. Em nossa sociedade, temos de nos ater a certos ritos simbólicos, como o que dispõe que a noiva entre na igreja pelo braço do pai, e saia ao lado de seu esposo e que se vista de determinada maneira, por exemplo. Frente às possibilidades diversas da vivência da sexualidade, o que seria definido por “feminino” nesta troca afetiva e sexual entre os gêneros?

FREUD (1932), procurando definir o que seja feminilidade diz que *“poder-se-ia, talvez, dizer que a feminilidade caracteriza-se, no sentido psicológico, por uma inclinação para objetivos passivos, o que não é o mesmo que falar de passividade. Com efeito, algumas vezes é necessário desenvolver uma grande atividade para alcançar objetivos passivos.”* Freud

acrescenta, ainda, que não se pode subestimar a influência da organização social que tende a colocar a mulher em situações passivas. E, que a diferença entre passividade e objetivos passivos, é exemplificada quando uma mãe educa um filho homem e, na relação com ele, ela é o elemento ativo, embora essa educação seja no sentido de transmitir valores que mantenham a posição de dominação do homem sobre as mulheres (objetivos passivos). Já MCDUGALL (1997, p.35) afirma que a definição do que é 'feminino' e 'masculino' muda de uma cultura para outra, bem como de uma época para outra, e dentro da cultura ocidental *“quando o ambiente familiar tiver desempenhado uma papel facilitador na aquisição por parte da filha, da identidade sexual feminina, bem como no prazer em desfrutar essa identidade, os processos de luto envolvidos na integração dos desejos bissexuais e edipianos provavelmente terão sido realizados. O discurso social acrescenta que essa orientação tende a estar associada ao desejo de encontrar relacionamentos amorosos gratificantes e, finalmente, de ter filhos com o homem escolhido”*. Assim, o tratamento que McDougall dá à questão da feminilidade e, para a vivência da sexualidade pela mulher, implica num avanço, na medida em que se abre a possibilidade do sexo feminino sair da situação de ser oprimido para poder escolher o parceiro e não mais delegar ao outro este papel. Para FRANCHETTO et al.(1981, p.3), *“o fato biológico indicador de sexo só ganha sentido pleno em um contexto social. É a cultura, com suas múltiplas determinações, que dá significado à identidade feminina. Nesse sentido, não existe a Mulher e sim uma pluralidade de realizações do ser-feminino”*.

VILLELA (1998) refere que é necessário desconstruir a identificação do feminino ao oprimido e do masculino ao opressor, apostando na construção de um mundo mais justo para homens e mulheres, no qual docilidade e força, capacidade de decisão e paciência possam ser exercidas por homens e mulheres, conforme for mais confortável para cada um, com suas características individuais e de gênero, o que pode parecer romântico, mas, antes disso, necessário para nos tornar criativos e ousados na relação com o outro.

Quando se pensa em “ser mulher”, em feminilidade, logo se imagina a vivência da maternidade. *“A construção da feminilidade como maternagem e maternidade, e a sua associação a comportamentos dóceis e assexuados começou a se delinear no século XVIII como subproduto significativo do discurso médico e tomou forma, em especial no século XIX, quando, em função das altas taxas de mortalidade infantil, era importante que as mulheres tivessem muitos filhos e pudessem se dedicar exclusivamente a eles”* (VILLELA, 1998, p.66), criando, deste modo, o mito do amor materno. Antes disso (séculos XIII ao XVII), a criança tinha pouca importância na família, era considerada um estorvo, e, na França, por exemplo, era entregue aos cuidados de amas de leite que dela cuidava até por volta dos sete anos. Muitas crianças morriam nesse período devido ao descaso das amas para com elas.

Segundo BADINTER (1980) o amor materno não é inato, mas construído com os cuidados dedicados ao filho, além disso, não é uma regra, pois nele intervém diversos fatores, entre os quais, a história da mulher, não sendo, assim, uma conduta universal e necessária em todas as mulheres. De acordo com a autora, esse amor não é necessário para a sobrevivência da espécie já que pode ser proporcionado por uma outra pessoa. Badinter situa o amor materno como apenas um sentimento do ser humano como tantos outros, frágil, incerto e imperfeito, não representando o desejo de todas as mulheres, apesar de ser o fator biológico que possibilita a procriação e a continuidade da própria linhagem.

No início do século XX, a psicanálise coloca a mãe como o centro da família e, até atribuiu a ela a causa primeira do equilíbrio do filho, promovendo, com isso, ainda mais as diferenças dos papéis parentais, colocando a mãe como símbolo de amor e de ternura e o pai como símbolo de autoridade e da lei. No entanto, na segunda metade do século XX surge um novo discurso feminino que tornou obsoleta a teoria da mãe naturalmente devotada, nascida para o sacrifício. E, apesar de permanecer a principal fonte de amor para o filho e também de sacrifício, esta mãe mostra vários sinais de que deseja compartilhar com seu companheiro o amor e o

sacrifício pelo filho. Além disso, as mulheres estão mais sensíveis para a dualidade do papel de mãe e de profissional, e mesmo permanecendo mais próximas de seus filhos do que as de séculos atrás, isso não significa que a maternidade seja sempre a primeira e instintiva preocupação da mulher. Atualmente, o fato das mulheres recusarem sacrificar suas próprias ambições e desejos pelo filho não as torna anormal e patológica. Com isso, apesar de ser forte a raiz do amor materno entre as mulheres atualmente, muitas já começam a interiorizar que a maternidade é uma vivência que não deve ser forçada, imposta para mulheres que não a desejam. Além do que, as mulheres do século XXI começam a exigir do homem que este partilhe com elas dos encargos e responsabilidades de se ter um filho, ou ao contrário, optam por uma produção independente sem a necessidade da presença paterna na educação da criança.

Em contrapartida à vivência da maternidade, *“a infertilidade, historicamente, sempre veio acompanhada de atitudes de depreciação, acusação e repúdio, principalmente à mulher (MALDONADO, 1997, p.31).”* No decorrer da história, a esterilidade da mulher sempre foi muito mais falada e estudada do que a do homem, e, à mulher se atribuía a responsabilidade da fecundidade e a culpa da infertilidade, a tal ponto que em algumas culturas, tornou-se legítimo que o marido repudiasse a mulher que não conseguisse lhe dar filhos; em outros contextos, ainda nos dias de hoje, desvaloriza-se a mulher que não consegue dar à família um varão, numa clara negação do fato de que é o homem que, cromossomicamente, determina o sexo da criança.

Outro aspecto da vivência feminina é o vínculo conjugal que, conforme descreve FOUCAULT (1985, p.153), constitui-se em *“encontro indispensável do macho e da fêmea para a procriação; a necessidade de prolongar essa conjunção numa ligação estável para assegurar a educação da progenitura; o conjunto das ajudas, comodidades e prazeres que a vida a dois, com seus serviços e suas obrigações pode proporcionar; e finalmente, a formação da família como elemento de base para a cidade.”* O desejo de união advém tanto em função da vivência sexual quanto por uma demanda



da vida em comunidade, uma necessidade de compartilhar responsabilidades, caracterizando o ser humano ao mesmo tempo como conjugal e social.

Um outro aspecto que diz respeito à sexualidade feminina refere-se à homossexualidade. A este respeito, reportando-se à sua experiência de atendimento psicológico de analisandas lésbicas MCDOUGALL (1997, p.37-38) destaca que as questões clínicas com estas analisandas não são significativamente diferentes daquelas que surgem com pacientes heterossexuais, e que, em primeiro lugar surgem questões relacionadas à inibição, ou mesmo colapso, em seu trabalho profissional; e, depois as dificuldades dentro de um relacionamento amoroso (em alcançar e proporcionar prazer). Segundo Hooker (1972), a única diferença óbvia entre homossexuais e heterossexuais é a sua escolha objetal psicosexual. (MCDOUGALL, 1997).

Em matéria publicada na Revista Super Interessante (1999) sobre comportamento homossexual em 450 espécies, o biólogo americano Bruce Begemihl resgatou artigos de jornais, trabalhos publicados há mais de 200 anos e entrevistou zoólogos, analisando, principalmente mamíferos e aves, todas praticantes, em maior ou menor grau, de hábitos homossexuais, e revelou que *“o velho modelo macho com fêmea para criar filhotes é uma pequena parte da história”* (BURGIERMAN, 1999, p.27). Neste trabalho, o biólogo afirma que o termo homossexualismo tem um sentido diferente no que se refere ao comportamento sexual dos animais se comparado com os seres humanos, pois não se sabe quais motivos de fato os levam a ter parceiros sexuais do mesmo sexo, podendo ter um motivo simples, que costuma ser ignorado pelos biólogos: prazer. Mais do que questionar o porquê do comportamento homossexual entre os animais irracionais, e mesmo entre os seres humanos, evidencia-se a diversidade sexual que convive na natureza e que mostra que a prática sexual, até entre os bichos não está necessariamente relacionada com a procriação exclusivamente. COSTA (1994) propõe considerar-se onze papéis de gênero existentes entre homens e mulheres, são eles: mulher heterossexual, homem heterossexual, homem

homossexual, mulher lésbica, mulher bissexual, homem bissexual, travesti, o transexual, a transexual, o hermafrodita.

Quanto ao prazer nas vivências com os outros, BRUNS (1996, p.13) aponta *“o prazer como uma das possibilidades a ser vivenciada pela existência e no seu decorrer”*. Acrescenta que, com isso *“o percurso da vida em si seria um desafio em busca de paragens com paisagens significativas”*, pois os objetivos estariam voltados para a qualidade de vida e não para o número de anos que se vive.

Pensando sobre a vivência da mulher e seus pontos marcantes de transição, MALDONADO (1981) afirma que no decorrer do ciclo vital da mulher, *“há três períodos críticos de transição que constituem verdadeiras fases do desenvolvimento da personalidade e que possuem vários pontos em comum: a adolescência, a gravidez e o climatério. São três períodos de tensão biologicamente determinados, caracterizados por mudanças metabólicas complexas, estado temporário de equilíbrio instável devido às grandes perspectivas de mudança envolvidas nos aspectos de papel social, necessidade de novas adaptações, reajustamentos interpessoais e intrapsíquicos e mudanças de identidade.”* Afirma que estes momentos de crise na vida da mulher constituem verdadeiras encruzilhadas em termos de saúde mental.

Versando sobre crises previsíveis na vida adulta, SHEEHY (1978, p.43) diz que *“é assustador pisar a ponte balouçante que conduz à segunda metade da vida.”* Continua: *“durante o caminho descobrimos que estamos sozinhos. Não temos mais de pedir permissão, pois somos os provedores de nossa própria segurança. Temos de aprender a nos conceder permissão. Tropeçamos em aspectos masculinos ou femininos de nossa natureza que até esse momento se mantiveram mascarados. Há motivos para nos pormos de luto, porque uma velha personalidade está moribunda.”* A autora coloca que, nesse momento, que para a mulher ocorre por volta dos 35 anos, é possível assumir aspectos indesejáveis ou partes suprimidas de si mesmo, e há o espaço para a reintegração de uma identidade que pertence a si mesmo, e não alguma forma artificial formada para agradar a cultura ou aos

pares. SHEEHY (1978, p.30) refere que *“durante cada passagem (da vida adulta), a maneira como nos sentimos em relação à nossa maneira de viver sofrerá mudanças sutis em áreas de percepção. Uma é a sensação interior do eu em relação a outras pessoas. Uma segunda é a proporção de segurança que sentimos em nossas vidas. Uma terceira é a nossa percepção do tempo – temos tempo em abundância ou estamos começando a sentir que o tempo está se acabando?”*. No caminho em direção à velhice o ser humano passa por um acúmulo de vivências pessoais, mudanças fisiológicas e sociais. Especificamente para a mulher, o que ocorre nesta passagem?

(...) “Cismeí que adoecia e procurei o médico.  
Ele não perspicaz.  
Auscultou, profissional, minhas cavidades  
e prescreveu ginástica, redução de calorias, vida calma.  
Doía tudo. Aqui dói, doutor, aqui também.  
É certo que o senhor nunca deglutió pedras,  
mas, afianço-lhe, mesmo a água que bebo  
é indigesta coisa sólida no meu bucho.  
Ele precavê-se, intimidado pela minha fluência, pelo  
manuseio intemorato que dispenso às palavras.  
Dependendo da atividade intelectual,  
da sensibilidade de cada um,  
tais sintomas ocorrem minha senhora.  
E mostra as garras defensivo, mais uns grãos de enfado.  
Eu não estava doente. E estava muito.  
O medo de morrer, habitualmente grande,  
trinta vezes aumentado.  
Comecei a rezar no registro dos náufragos:  
Perdoa-me, senhor. Lembra-te de que és meu Pai.  
Como gostaria de nascer de novo  
E começar tudo generosamente.  
Olha pelos filhos que deixarei,  
por meu marido que talvez não se case mais  
Onde achará, neste lugar pequeno, outra mulher que  
lhe ofereça tantos motivos para mortificar-se?  
Passeava na casa, amargando a saudade prévia dos seus cantos.  
Doía tudo, até que, até que nada, não dói mais.  
Recolhi-me ao corriqueiro estatuto de comer, dormir, lavar-me (...)  
Continuo passando a língua no molar obturado,  
desgostosa, porque senão sou eu a cuidar da cozinha  
uma lata de óleo é a conta de dois dias.  
Confesso-vos: quando comecei a escrever  
o que eu queria era fazer teatro.” (...)

Adélia Prado

## CAPÍTULO II

**Climatério:**  
Passagem intrínseca no projeto de vida de mulheres  
&  
**Menopausa:**  
A mediação da face física na metamorfose do envelhecimento

O climatério é considerado, dentro da evolução biológica feminina, um período de transição entre o final da vida reprodutiva plena e o início da senectude, constituindo, pois, uma fase de transição, assim como o é a adolescência. É a passagem da fase reprodutiva para a fase em que a reprodução natural não é mais possível. Trata-se de um fenômeno biopsicossocial, ou seja, que sofre influências de fatores psicológicos e sócio-culturais, inclusive no que diz respeito à expressão da sexualidade. Sendo uma fase de transição, pode ser considerada como um momento potencialmente de crise, em decorrência das próprias alterações ocorrentes no período em questão.

No Império Romano, a expectativa de vida das mulheres rondava os 25 anos. No início deste século, nos Estados Unidos, era de 51,2 para as mulheres brancas e de 35,7 para as negras. Na década de 60 essa estimativa já era 74,2 anos para as mulheres da raça branca e 66,5 anos para as negras. Na década de 90 a expectativa de vida nos países desenvolvidos quase atingia os 80 anos, enquanto que no Brasil alcançava os 66 anos. Assim, observa-se que hoje, a mulher, em média, vive 1/3 de sua existência no período pós-menopáusicos.

O climatério, cuja palavra tem origem grega e denota “*crise*”, ou período crítico na existência humana, corresponde biologicamente à falência progressiva dos ovários como gônadas produtoras de óvulos e, glândulas enquanto produtores de estrogênio e progesterona. O episódio marcante

neste período é a menopausa, a cessação definitiva da menstruação, e ocorre, segundo PITELLI (1997), por volta dos 49 anos, dividindo o climatério em dois períodos, pré e pós-menopáusicos. Segundo este autor, o *déficit* do hormônio estrogênio e a ocorrência de fenômenos próprios do envelhecimento fazem com que a mulher possa apresentar mudanças importantes tanto físicas quanto emocionais.

BOLSANELLO (1985) pontua a menopausa como um momento da vida da mulher, podendo ser classificada em natural e artificial, sendo que a primeira ocorre quando o aparelho reprodutor feminino pára de produzir óvulos e, com isto o ciclo menstrual começa a ter espaço maior até a sua extinção. Segundo este autor a menopausa ocorre entre os 40 e 50 anos. A forma artificial ocorre em decorrência de alguma cirurgia sofrida pela mulher nos órgãos reprodutores, impedindo a ovulação e impossibilitando a reprodução, o que pode acontecer em qualquer idade.

Vejamos, então, algumas modificações orgânicas e psicológicas observáveis no climatério:

Em primeiro lugar, a resposta sexual humana, como demonstram Masters e Johnson (1984), sofre mudanças fisiológicas com o passar da idade nas fases de excitação e orgasmo. Na atualidade, mais precisamente no último quarto do século XX, a sexologia define seu problema central: o orgasmo. Sendo assim, a finalidade principal do sexólogo é suprimir e prevenir as perturbações que afetam a capacidade orgásmica (BÉJIN, 1987).

Em se tratando da questão do desejo sexual, este aparece, atualmente, permeado de tabus, entre os quais a mulher idosa não seria capaz de desenvolver sua capacidade sexual. Devemos lembrar que o amor ocupa um espaço significativo na vida da mulher e, daí decorre a necessidade de se respeitar a vivência do amor e da sexualidade feminina, inclusive na idade avançada. TRIEN (1991) refere que a mulher na menopausa perde a capacidade reprodutiva, sem perder sua sexualidade e, por conseguinte pode estar mais liberada para o sexo sem o receio de uma nova gestação. FERNANDEZ et al. (1995, p.416) diz que “o prazer de

*desfrutar as coisas fundamentais e elementares pode desenvolver-se depois da vida madura, exatamente porque as pessoas de mais idade percebem melhor a brevidade da vida.*” FERNANDES et al. (1995) destacam em estudo realizado com mulheres na menopausa, para captar os fatores que interferem na sexualidade, que o alcance das mulheres sobre o assunto não as habilita a vivenciar plenamente esta fase da vida já que queixas como desmotivação para o sexo, chegada da velhice, cansaço, relações sexuais por obrigação ou apenas para satisfazer o parceiro perpassam por esta transição e demonstram o despreparo de algumas mulheres para vivenciar prazerosamente este período da vida.

Conforme FAVARATO et al. (2000, p.199), as disfunções sexuais femininas designam “as alterações do desejo sexual, da excitação e do orgasmo, podendo também incluir as queixas sexuais dolorosas” e, acrescenta que “as transformações biológicas, sociais, psicológicas e interpessoais do climatério contribuem para a função sexual”. Entre as alterações mais freqüentes estão, segundo SARREL & WHITEHEAD (1985), perda do desejo sexual, perda da sensibilidade ao toque, secura vaginal, perda do orgasmo e vaginismo. FREUD (1912) no texto “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor ” diz que se o psicanalista clínico indagar a si mesmo qual perturbação leva as pessoas com maior freqüência a procurá-lo em busca de auxílio, ele será compelido a responder – deixando de lado as diversas formas de ansiedade – que consiste na impotência psíquica” (p.163) Pensando na vivência de mulheres, o que seria amor para a mulher? Quando ela se percebe impotente?

FAVARATO et al. (2000) destaca que a sexualidade no climatério é influenciada por diversos fatores psicossociais, entre os quais, o relacionamento com o parceiro, experiências da vida sexual, além de influências sociais e culturais.

Lembremos que o decréscimo de estrogênio pode acarretar alterações a curto, médio e longo prazo. Fenômenos vasomotores: as ondas de calor, sudorese, calafrios, e sintomas na área genital, destacando a dispareunia podem compor a síndrome climatérica. A longo prazo, a

ausência de hormônio sexual pode evidenciar-se no metabolismo lipídico e ósseo, podendo levar ao maior acúmulo de gordura e osteoporose, respectivamente (PITELLI, 1997).

GRIIO et al. (1999) referem que os efeitos nocivos da deficiência de estrógeno no organismo feminino na menopausa são responsáveis pela redução da libido, redução da lubrificação vaginal e alterações importantes na função afetivo-sexual, e como resultado afirmam que o uso de reposição hormonal adequada pode, efetivamente, modificar os sintomas advindos da menopausa, melhorando a qualidade de vida e a função sexual.

ANDREWS (2000) afirma que os avanços da medicina moderna tem prolongado a vida de muitas pessoas, no que se refere aos aspectos qualitativos e quantitativos e que, na transição ocasionada pela menopausa emergem questões relacionadas à qualidade de vida e à vivência da sexualidade pela mulher, e que por isso, o médico destas pacientes deve estar pronto para conversar abertamente e sem julgamentos, e de forma sensível sobre esta questão, para criar um ambiente de segurança e confiança entre médico e paciente. Somente assim, desfazendo o mito de que, todas as mulheres mais velhas tem um declínio no interesse sexual, pode ajudar as pacientes a se sentirem menos reticentes em conversar sobre suas dificuldades sexuais com seus médicos. Na vivência da sexualidade na meia-idade, ressalta-se o medo de ter uma disfunção sexual, embora a causa mais comum da impotência na maturidade seja em decorrência da ingestão excessiva de álcool, o consumo de tranqüilizantes e antidepressivos e o stress.

Quanto aos benefícios, ou não, que a propalada reposição hormonal pode trazer nessa fase, pesquisa para avaliar a adesão ao Tratamento de Reposição Hormonal em 276 mulheres atendidas em Ambulatório de Climatério em maternidade, no período de janeiro de 1996 a dezembro de 1997, COSTA et al. (1999) pesquisaram pacientes com a seguinte sintomatologia: fogachos (76,4%), artralgia (39,6%), cefaléia (27,9%), insônia (25%), pele seca (19,9%), nervosismo/ ansiedade (17,4%), depressão (10,1%), diminuição da libido (8,7%), além de 5,8% de mulheres



assintomáticas, sendo que a maioria apresentava mais de um sintoma. Entre as pacientes que iniciaram a TRH, 96% referiram melhora da sintomatologia, no entanto 38% das pacientes iniciaram o tratamento, e dessas, 30% interromperam-no alegando, como motivo principal, dificuldade financeira.

NAHAS et al. (1999) combinando exercício físico aeróbio e tibolona (esteróide gonadomimético, com propriedades progestogênicas, estrogênicas e androgênicas combinadas, utilizada como terapia de reposição hormonal na menopausa) encontrou resultados que sugerem que exercício físico combinado com a tibolona podem ter efeitos benéficos sobre a antropometria e o perfil lipídico na mulher em menopausa.

Outro estudo com tibolona realizado por MONTGOMERY et al. (2000), avaliando seu efeito na vivência sexual das pacientes, apontou um aumento de frequência, satisfação e prazer sexual com o seu uso. Além disso, demonstrou, segundo o estudo, benefício no controle dos sintomas climatéricos de mulheres na pós-menopausa (ansiedade, depressão, sintomas somáticos, sintomas vasomotores - ondas de calor - e disfunção sexual).

Quanto a mudanças psicológicas, estas podem aparecer em graus variáveis de uma mulher para outra. Crenças difundidas popularmente, incrementam a vivência do climatério para a maioria das mulheres. Idéias difundidas como, “menopausa é doença”, “a vida sexual começa na adolescência e tem fim com a menopausa”, “com a chegada da menopausa ocorre um aumento da irritabilidade, do nervosismo e de depressão”, servem como justificativa para as pessoas, em geral, usarem um tom conformado, ou pejorativo, ao se remeterem a uma mulher de meia-idade em uma situação de maior exaltação e nervosismo com a frase: “Deixa, ela está na menopausa!” Pesquisa de revisão bibliográfica realizada por DENNERSTEIN (1996), contendo conhecimento acumulado de estudos populacionais publicados da experiência de saúde e de doença durante a transição com a menopausa, aponta que não há um aumento de incidência de depressão maior entre as queixas emocionais por ocasião da menopausa. Quanto a sintomas depressivos nessa fase do ciclo vital, SALETU et al. (1995)

observaram que os efeitos positivos da reposição estrogênica não foram superiores ao efeito de placebo em ensaio clínico de 12 semanas com mulheres no climatério portadoras de transtorno depressivo maior.

A época da menopausa pode coincidir com doença ou morte dos pais idosos, viuvez, aparecimento de uma doença em si mesma, o aflorar de conflitos conjugais, saída dos filhos de casa para estudar ou se casar, e a aposentadoria. A angústia e a depressão, por vezes, estão presentes e costumam associar-se com as ameaças à integridade física e pessoal. Pessoas que se consideram fracassadas por terem desperdiçado oportunidades que tiveram, ou que se consideram à margem do que é normal (por não terem vivenciado a maternidade/paternidade) sentirem ter se enganado ao escolher uma carreira ou, sem ambições e habilidades sociais, podem desenvolver reações de angústia e depressão.

Quanto à aposentadoria, BRUNS & ABREU (1997) em estudo realizado com 50 homens e 50 mulheres, no momento da aposentadoria, acerca do significado que atribuíam ao trabalho ao longo de suas vidas, encontraram que antes da aposentadoria são feitos diversos planos do que se deseja realizar depois dela, no entanto, a maioria se mostra desencantado por não saber gerenciar com prazer a existência sem uma ocupação profissional, mesmo quando essa atividade tinha sido executada com insatisfação. A ausência de projetos para serem concretizados após a aposentadoria provoca sentimentos de angústia e solidão.

Além disso, na sociedade ocidental e consumista em que nos encontramos o valor maior, em geral, é dado ao que é novo, “de ponta”, jovem, viril, de primeira mão, e, o que é usado, velho, gasto, é marginalizado, ou se busca recuperá-lo, para que se pareça com o que há de novo no mercado. Isso não se dá somente com objetos inanimados que compramos em lojas, acontece, também, com seres humanos, até porque, atualmente, corpos vendem muito, a começar por prostitutas até propagandas com atrizes colocando sua imagem associada a uma marca de um produto qualquer para fazer o produto multiplicar-se em vendas. Enfim, envelhecer, dentro deste contexto, quase sempre significa um mau negócio.

Nessa perspectiva, como lidar com essa realidade a qual o ser humano não pode se isentar, que é o envelhecimento humano?

No início deste capítulo está um texto de Adélia Prado que dispõe suas queixas físicas e emocionais referindo-se às mesmas sem definir, ao certo, onde se originaram, revelando a angústia do ser-lançado-ao-mundo que se depara consigo mesmo e com suas dores e incômodos no decorrer do processo de envelhecimento.

### CAPÍTULO III

#### A PASSAGEM DO TEMPO: UM CORPO EM TRANSFORMAÇÃO SILENCIOSA

BEAUVOIR (1990) aponta a diferença marcante entre a passagem da adolescência para a idade adulta e desta para a velhice dizendo que no primeiro caso existem rituais de iniciação (casamento, escolha profissional) que demarcam esta transição e, no entanto, da idade adulta para a velhice não há o que marca, sendo que a menopausa (marco do final da vida reprodutiva da mulher) ocorre muito antes dela chegar e, que, portanto ela avança sorrateira, sem avisar, numa metamorfose diária, e que o outro aparece como o parâmetro para se perceber envelhecido. A autora relata seu próprio espanto em rever amigos há anos distante e se deparar com pessoas envelhecidas, o que a remetia a seu próprio processo de transformação com o passar do tempo.

Segundo ERIKSON (1976) o desenvolvimento do indivíduo no decorrer do ciclo vital acontece em estágios sucessivos e definidos. Cada um desses estágios aparece marcado por uma crise e a superação da mesma para que o desenvolvimento ocorra dentro de padrões de normalidade. Se um estágio não é resolvido, todos os estágios subseqüentes ficam comprometidos na forma de um desajuste físico, cognitivo, social ou emocional. Na velhice, o valor questionado é a desesperança e o temor à morte em contraposição com a integridade do ego, havendo a necessidade de atribuir um significado ao seu papel frente a sociedade, ou ao grupo social a que pertence, caracterizando o enfrentamento do continuar existindo por intermédio da continuidade do outro e admitir a possibilidade de vir a não-ser, ou seja, de sua própria finitude e proximidade da morte.

O tempo se esvai, na maior parte do tempo, de forma sutil. Em *Ser e tempo* HEIDEGGER (1995) define o homem como um ser temporal vivendo num mundo temporal, e a temporalidade como o sentido do existir humano. Assim, a percepção dessa espacialidade e temporalidade pelo ser humano permite que se construa sua subjetividade, perturbando a plenitude e introduzindo a idéia de não ser. Esta idéia é tão perturbadora que assistimos constantemente os esforços do ser humano, por intermédio dos avanços tecnológicos, em prolongar esse tempo de vida. Observamos os resultados desse empenho no aumento do número de pessoas com mais de 60 anos acontecendo como um fenômeno mundial. Mesmo no Brasil, caracterizado geralmente como um país jovem, isso está mudando, está ficando mais velho, e de forma muito rápida. A faixa etária de 60 anos ou mais é o segmento que mais cresce em termos proporcionais no país, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). Em 1950, a população idosa (pessoas com 60 anos ou mais) correspondia a 4,4% dos brasileiros; em 1991, ela subiu para 7,4% e, em 2020, estima-se que ultrapasse os 14%.

O problema que se apresenta então, é quanto a qualidade de vida nessa fase da vida. Envelhecer com qualidade de vida aparece como um desafio. Com a redução das famílias, cuja tendência é ter apenas dois filhos, as pessoas idosas podem ficar mais desamparadas durante a velhice, sendo necessário casas de repouso em que possam residir e, aliado a isso, compondo uma gama cada vez maior de aposentados, muitas vezes não sendo remunerados pelos recursos da previdência social da forma que se faria necessária para conservarem uma adequada qualidade de vida nessa fase do ciclo vital.

BEAUVOIR (1990) diz que as limitações físicas e financeiras e o ostracismo social tirariam do idoso o exercício da independência. No entanto, de positivo, a autora vê a audácia, que cresceria com a idade, já que diminuiria a preocupação com o julgamento dos outros frente suas atitudes, arriscando em uma vida que vai gradativamente perdendo seu apego. Já para BOBBIO (1996) a velocidade das transformações e do conhecimento no mundo moderno não permitem ao idoso, cuja capacidade

intelectual diminui, acompanhar as novidades. A velhice seria, para este autor, a época da lentidão dos movimentos e do raciocínio. Acrescenta que 60 anos é, atualmente, somente um marco burocrático, quando muitos se aposentam e, que somente percebeu a chegada da velhice por volta dos 80 anos.

Dados do Seade (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados) apontam que a partir da década de 70 cresceu a taxa de suicídios no Estado de São Paulo, sendo maior entre os idosos acima de 80 anos. Isto não significa que estes sejam mais infelizes do que a população em geral, mas que numa tentativa de suicídio, pela própria debilidade física, têm mais êxito. A depressão é o que mais leva o idoso a se matar. O indivíduo, mesmo com um histórico de desenvolvimento saudável, do ponto de vista físico e emocional, e que tenha alcançado uma adaptação adequada à sua realidade, vivencia nas adversidades da velhice algo capaz de abalar seu equilíbrio, podendo, por vezes, desencadear psicopatologias. BIANCHI (1993), considera a possibilidade de haver uma problemática específica do envelhecimento, distinta dos distúrbios psicológicos conhecidos e autônoma à estrutura de personalidade, a qual denomina *mal do tempo* ou *situação universal deceptiva*, que seria um desafio psíquico imposto pela própria passagem do tempo ao sujeito que envelhece, relacionado à percepção do ambiente, o que o compõe, e de si mesmo como que lhe escapando.

BOSI (1973, p.25) diz que “*a sociedade industrial é maléfica à velhice pois nela todo sentimento de continuidade é destroçado, o pai sabe que o filho não continuará sua obra e que o neto nem mesmo dela ter notícia. Destruirão amanhã o que construímos hoje.*”

Afinal, o que é envelhecer? Não há consenso definitivo sobre o assunto. VERAS (1994) diz que a velhice é um termo impreciso e sua realidade difícil de perceber e que nada flutua mais do que os limites da velhice em termos de complexidade fisiológica, psicológica e social. Então, fica cada vez mais presente a idéia de que a velhice até por ser algo que somente é vivenciado por um número grande de pessoas na realidade atual ainda não tem contornos definidos e ganha significados novos a cada dia,

baseado na experiência daqueles que a vivenciam e atribuem outras leituras para este mesmo período da vida. Algo que se evidencia com isso é que a subjetividade de cada indivíduo interfere nessa fase que apresenta seus próprios conflitos e dificuldades assim como suas alegrias e descobertas. O que se sabe, segundo BRUNS & ABREU (1994) é que independente da classe social, religião ou posição política, o envelhecimento faz parte dos fenômenos coletivos da espécie humana, tais como: o nascer, o morrer, o enamoramento, a amizade e a sexualidade.

SILVA (1983) afirma que o idoso institucionalizado experimenta a negação da velhice de diversas formas: por intermédio do isolamento, delegando a velhice sempre ao outro com o qual se evita manter relações identificatórias; transformando a velhice em doença estando implícita a esperança da cura, e, por conseguinte, desaparecendo a velhice magicamente; como último recurso, não havendo a possibilidade de mascarar a presença da morte, o velho toma para si a crença da imortalidade da alma, na tentativa de velar mais uma vez a efemeridade do ser humano.

O desejo dúbio entre a imortalidade e o de não envelhecer, e o temor das possíveis perdas que acompanham este processo fez com que escritores diferentes se colocassem em posições diversas em relação ao valor dado em ter uma vida longa. Para Cícero, político e orador romano, que escreveu uma apologia à velhice aos 64 anos, em 44 a. C., as principais virtudes da velhice são a sabedoria e a liberdade, já que nada mais se espera do idoso ele pode fazer o que quiser. Na época de Cícero o velho era valorizado como força política, por eles era formado o Senado, ou “Assembléia de velhos”.

BEAUVOIR (1990) acredita que as limitações físicas e financeiras e o ostracismo social tirariam do idoso o exercício da independência. A essa sensação de ser colocado à margem do sistema soma-se a proximidade da morte, que também tolheria qualquer ambição, pois o tempo se configura curto para novos planos.

Nos próximos 25 anos há uma previsão de que haja no Brasil a sexta maior população de idosos (pessoas com 60 anos ou mais) do mundo (FIGUEIREDO, 1998). A queda dos índices de natalidade e o aumento da expectativa de vida desde as primeiras décadas deste século já apontavam para este resultado que se observa hoje. *“A Geriatria e a Gerontologia são especialidades instituídas na metade deste século (...) que começaram a se formar, diante do aumento considerável de pessoas que passava a atingir idades avançadas e exigiam um atendimento mais diferenciado (GOMES, 1998, p.145).”*

*“O humano é um ser-para-a-morte, a qual não faz diferença de idade, sexo, classe social, ou preferência política. É um acontecimento que ocorre com toda a espécie humana. Todavia, o modo de vivenciá-la difere de cultura para cultura. A nossa ensina-nos a não aceitá-la (BRUNS, 1996, p.12).”* A sociedade ocidental se cala frente à questão do envelhecimento e da morte, procurando, por intermédio dos avanços da medicina, por exemplo, adiar ou negar ambos os temas ao máximo. *“O silêncio fala que não sabemos ainda lidar com nossos preconceitos, sejam eles sexuais e/ou relativos ao envelhecimento (BRUNS, 1996, p.13).”*

Integrar os acontecimentos nesse momento de síntese que pode significar a velhice é negado quando se encobre a realidade com palavras que socialmente tentam descrever essa fase da vida com expressões como “melhor idade” que serve mais à finalidade da sociedade de consumo em que vivemos, encontrando na população de idosos possíveis adeptos de modismos vigentes e voláteis como estilos de vestimentas que se modificam a cada estação, ou ‘novos’ pontos turísticos a serem conhecidos, investindo, mais uma vez o tempo precioso e breve do ser humano para a finalidade da manutenção da ideologia capitalista, como forma de amenizar e negar a passagem do tempo, a transformação do corpo, o ser-para-a-morte.

Nesse arco-íris da existência, negar-se a enxergar as cores, significa negar-se a si mesmo. Por vezes, a religião aparece nesse contexto como a mediação do ser humano em contato com o mundo, delegando ao sobrenatural aquilo que se diz de longa data, estar dentro de si mesmo, já



que é dito que a presença de Deus se manifesta dentro de cada ser humano. Assim, o encontro consigo mesmo pode acontecer em qualquer lugar sem a necessidade de mediação e sedução dos bens de consumo ou da religião. A velhice como estigma não está, necessariamente, ligada à idade cronológica. Os traços estigmatizadores da velhice ligados a valores e conceitos depreciativos: a feiúra, a doença, a desesperança, a solidão, o fim da vida, a morte, a tristeza, a inatividade, a pobreza e a falta de consciência de si e o mundo, são mantidos sob véus que não escondem completamente a realidade que bate à porta a todo instante que alguém, em qualquer idade, permite-se entrar em contato genuíno consigo como ser consciente de sua temporalidade no mundo.

CAPÍTULO IV

A FENOMENOLOGIA ONTOLÓGICO-HERMENÊUTICA  
DE MARTIN HEIDEGGER

Um breve histórico sobre o filósofo e alguns conceitos básicos  
a respeito da existência humana

Martin Heidegger nasceu em Baden, ao sul da Alemanha, em 26 de outubro de 1889. Seus primeiros estudos foram com os jesuítas que o colocaram em contato com uma abrangente cultura clássica. De acordo com GILES (1975) o que o despertou para a vocação filosófica foi a leitura do livro *Sobre os Diversos Sentidos do Ente segundo Aristóteles*, de Franz Brentano. Já na Faculdade de Teologia da Universidade de Freiburg, Heidegger se deparou com as *Investigações Lógicas* de Husserl, que buscava nesta obra, refutar de forma definitiva o psicologismo.

Heidegger faz parte de uma geração sacudida pelo espanto com a Primeira Guerra Mundial, em seus valores tradicionais e no orgulho de sua civilização. Tendo em vista este contexto sócio-histórico em que o filósofo viveu sua juventude, ele via como problema fundamental da Filosofia no seu caminhar reflexivo, a questão sobre o Ser, tema que coincide, segundo o próprio Heidegger (GILES, 1975) com o destino do próprio Ocidente.

Os dois grandes orientadores do filosofar de Martin Heidegger foram Aristóteles e Husserl: “o primeiro por ser o formulador da teoria do Ser enquanto Ser, e o segundo por ser o formulador do método fenomenológico” (GILES, 1975, p. 188). O filosofar heideggeriano é uma constante interrogação que busca revelar e levar à luz a compreensão do objeto, “a questão do Ser, a questão-guia da Filosofia” (GILES: 1975, p. 191). Ele nos convida a meditar sobre aquela que é a grande característica da inquietação humana de forma geral, a questão sobre o Ser. “O caminho que leva à compreensão do Ser, nunca será acessível àquele que está sempre à procura do pensamento mais recentemente publicado, no sentido de ser o pensamento mais novo, ‘moderno’.” (GILES, 1975, p. 198) O caminho de Heidegger leva em conta o pensamento como já existia até então, para poder a partir disto, ver “o que nele há de impensado, para poder descobrir o lugar da verdade do Ser enquanto lar onde construir e habitar no futuro.” (GILES, 1975, p. 198)

O filósofo alemão refletia sobre a questão fundamental, ou seja, a **questão sobre o Ser**, sob o enfoque fenomenológico, sendo a fenomenologia a arte de desvelar aquilo que, no comportamento cotidiano ocultamos a nós mesmos. Heidegger toma a fenomenologia como uma possibilidade metodológica e, a partir dela fundamentará aquilo que chamou de **hermenêutica da facticidade**, na medida em que parte da vida na sua facticidade no mundo, para a vida que é em última instância histórica e se compreende historicamente. Assim, a História torna-se o fio condutor das pesquisas fenomenológicas, que vai da vida na sua facticidade, à vida na sua historicidade. A fenomenologia hermenêutica de Heidegger nos remete à origem a palavra hermenêutica que, *“remonta ao grego hermeios, e ao latim hermeneia, tendo como significado a interpretação do sentido de palavras”* (TRINDADE, 1997, p. 40).

A fenomenologia analisa e descreve a generalidade das essências e tendo isto em vista, exige fundamentalmente uma teoria geral do Ser, isto é, uma Ontologia. É nessa ontologia fenomenológica que encontramos a originalidade e a própria profundidade do novo método que surge no final do século XIX com Husserl propondo uma terceira via entre o discurso especulativo da Metafísica e o raciocínio das ciências positivas em decorrência de uma crise das ciências da natureza como método de pesquisa. Esta terceira via é colocada como aquela que vem antes de todo raciocínio, colocando o conhecimento de algo no mesmo plano da realidade ou, como diz Husserl, *“das coisas mesmas”* (ARANHA & MARTINS, 1986). Retomando a questão da ontologia, vale lembrar que a ontologia a que se referem Husserl e Heidegger ocupa-se de ‘qual o significado do Ser’, ou, o sentido do Ser, entendendo que aquilo que nos é mais próximo é por vezes o mais obscuro. Partindo da Fenomenologia para com ela romper adiante, Heidegger entende o fenômeno como sendo a palavra de origem grega que deriva do verbo mostrar-se, e significa aquilo que se mostra, o manifesto. *“Descrever o fenômeno, o ser dado nas vivências, consiste em explicitar o sentido que nelas se encobre, assim como se explicita, por meio de uma interpretação, o significado original de um texto, de uma obra de arte ou de um produto histórico, em geral encoberto nas significações, e que o esforço hermenêutico desembaraça ou restitui”* (NUNES, 1986, p. 60).

Em *Ser e Tempo*, publicado em 1927, o filósofo alemão parte da questão fundamental, sobre o sentido do Ser, e pela analítica do *Dasein*, o **Ser-aí**, designa o ser do homem concreto, que é colocado em suspensão por Heidegger, como antes havia feito Husserl com os dados existenciais da consciência. O 'aí', de Ser-aí, refere-se a algo que pode manifestar-se como fenômeno, e abre o caminho para o Ser escondido e esquecido, e constitui o método fenomenológico na hermenêutica, já que é uma parte do Ser-aí que compreende o Ser. *“O próprio Ser-aí é hermenêutico, pois o seu próprio ser é o sentido do Ser em geral e, a partir daí, o Ser de todo o ente lhe é anunciado”* (GILES, 1975, p. 213). Afinal, o que é ente? *“Ente é tudo aquilo de que falamos, aquilo que significamos, aquilo relativo ao qual nos comportamos de tal ou tal maneira; o ente é também aquilo que somos nós mesmos e a maneira de sê-lo. O Ser está implícito no que é e no como é, na realidade, no ser-subsistente, na consciência, no valor, no Ser-aí, e no ‘há’.”* (GILES, 1975, p. 218). Assim, o Ser-aí é manifestadamente um ente. O Ser-aí sempre se compreende em termos de sua existência, ou seja, a aspectos relacionados à essência do ser humano.

Heidegger leva em conta o Ser inserido no mundo, o **ser-no-mundo**, e chama de **mundanidade** este 'lugar', como conceito ontológico, na medida em que significa a estrutura de um momento constitutivo do ser no mundo. Em *Ser e Tempo*, Heidegger se impõe a tarefa de recolocar a questão do 'sentido do ser', que para ele foi esquecida pela metafísica tradicional. Segundo STEINER (1978, p. 75) para Heidegger *“a noção de identidade existencial e a de mundo estão completamente fundidas. Ser é ser mundano.”* A essência do ser humano é a sua existência e, estando inserido no mundo, só se pode procurar os significados para o Ser em relação com outros entes. A existência analisada por Heidegger é a cotidiana e pessoal, e está sempre relacionada ao mundo e com o contato com os outros, pois existir é ser no mundo com os outros. A existência do Ser-aí, ou da pre-sença<sup>1</sup>, é uma existência compartilhada, e a interdependência social de sua experiência cotidiana é primordial e constitutiva. *“O Ser-aí é constituído tanto pelas preocupações que condicionam o uso que*

---

<sup>1</sup> O termo 'dasein', traduzido para o português comumente como 'ser-aí', foi traduzido por Márcia de Sá Cavalcanti, tradutora do volume I do livro *“Ser e Tempo”* de Martin Heidegger, pela expressão 'pre-sença'. O 'pre' da pre-sença representa sua abertura ao mundo.

*faz dos objetos como utensílios, como pela solicitude que sente pelas pessoas que compartilham a existência com ele. A existência humana é ‘ser-com’, tanto com as coisas quanto com as pessoas.”* (GILES, 1975, p. 228).

A condição do existir humano abrange o **humor**, a **compreensão** e a **linguagem**. *“Humor que é o afeto ou sentimento da pessoa na situação. Compreensão que é uma forma de conhecimento anterior ao raciocínio, pois é vivida em lugar de ser pensada. Linguagem que é a articulação da compreensão, mas que é anterior às palavras.”* (FORGHIERI, 1984, p. 16). Estes são os três aspectos que Heidegger denomina como essenciais ao existir do ser humano. Já que a forma como o ser humano se relaciona com utensílios e entes é permeada pelos três aspectos existenciais citados, o filósofo dividiu em duas categorias os modos de existir humano: a **autenticidade** e a **inautenticidade**. O modo de existir inautêntico, ou Impessoal, aliena o Ser-aí da existência dentro das dimensões de temporalidade e historicidade. Manifesta-se no ‘palavrório’, ou tagarelice, na qual o Ser-aí não consegue mais distinguir o que sabe e o que ignora pois não assume a existência e a deixa controlar pelo Impessoal, pela superficialidade. Quando o Ser-aí se retira da categoria Impessoal em favor da possibilidade de um projeto por parte do mais autêntico ‘eu’, constitui-se em disposição para a **angústia** que se perfaz no silêncio no Ser-aí, e que se assume como um **ser-para-a-morte**, e, vivenciando a angústia que esta percepção traz consigo, o Ser-aí abre a possibilidade de aceitar corajosamente o seu destino e desempenhar com decisão e força seu papel no mundo. A fonte da angústia é o mundo como tal e o que a inspira é a própria possibilidade de ser-no-mundo em contrapartida com a perspectiva de finitude do ser.

Quando toda a atenção do ser humano está voltada para o mundo que o atrai por intermédio da utilização dos utensílios, que se mostram à mão, para que se possa utilizar deles para melhor conhecer o mundo, voltando toda sua atenção para o mundo, esquecendo-se de si mesmo, configura-se a categoria inautêntica de existir. Assim, mergulhado no mundo, por ele atraído de maneira interessada, o *Dasein* deseja nele enquadrar-se, sentir-se como parte dele e, nesse sentido se expressa, pela fala, de modo inautêntico, ou seja, o ser humano não fala o que vem de seu interior, mas repete falas alheias,

anônimas. O *Dasein* inautêntico não vive como si mesmo, mas como os outros vivem.

“O *Dasein* é lançado em um mundo o qual está submetido às contingências sócio-político-histórico-culturais que são construídas historicamente, refletindo, portanto, o momento, época e local em que vive. Essa é a facticidade particular de cada *Ser-aí*, ou seja, ser lançado em um mundo sem que lhe seja facultada a possibilidade de escolher o país, a cidade, a família e a classe social em que nasceu” (TRINDADE, 1997, p. 36). Quando o *Dasein* começa a perceber que o mundo não o satisfaz totalmente, e lhe sobrevém o estado de ânimo chamado angústia aí lhe é permitido se perceber como principal referência para seu existir no mundo e não o exterior, e então, responsabilizar-se por suas próprias vivências. A apreensão da cotidianidade na existência autêntica em luta com a necessária inautenticidade do ser-no-mundo é dada no último capítulo de *Ser e Tempo* por *Sorge*, e é traduzida como ‘cuidado’, ‘preocupação’, ‘inquietação’, podendo, ainda, ser definida como solicitude, sendo estas características humanas durante toda a vida.

Sendo um *Ser* temporal, o ser humano não vive eternamente, e tem sua existência marcada por um período em que permanece no mundo. A morte é vista como um impedimento para tudo o que ele almeja fazer. Portanto, o ser humano, de forma geral, observa a morte à distância, procura não pensar sobre ela, e se por alguns momentos lembra dela, muda logo sua atenção para outros assuntos para não pensar nessa possibilidade.

Para Heidegger, o ser humano é o ser-para-a-morte e, do mesmo modo que não tem como escapar de seu estado de lançado no mundo, nada o isenta de ser temporal. A angústia gerada pela conscientização gradativa da temporalidade do *Ser* faz com que o ser humano paulatinamente escolha a si mesmo como possibilidade de ser-no-mundo, em detrimento do existir inautêntico que optava pela atratividade dos utensílios do mundo. Heidegger coloca o ser humano na perspectiva da única certeza da vida, o trilhar a caminho da morte, o ser-para-a-morte, que se depara com a angústia pela conscientização de sua finitude. Somente esta angústia possibilita um vivenciar mais autêntico na relação com o outro, além de possibilitar uma responsabilização maior pela própria vida e seu destino, saindo do uso da linguagem alienada (tagarelice) para o discurso que toma como referência

principal a si mesmo. Entenda-se o discurso como a possibilidade do desvelar de um fenômeno, pois reporta à ontologia do Ser, enquanto que a linguagem está relacionada à compreensão do ser humano por estar no mundo, não implicando necessariamente em conhecimento (capacidade de entendimento) e elaboração dos significados das vivências dentro do contexto no qual se insere.

Assim, a compreensão dos discursos das entrevistadas nesta pesquisa se dá sob as luzes da compreensão de Martin Heidegger (1889-1976). A partir do entendimento das possibilidades de existir do ser humano no mundo, a autenticidade e a inautenticidade, buscou-se a compreensão do fenômeno sexualidade no climatério por intermédio dos discursos de mulheres que vivenciam esta fase da vida.

A seguir, será apresentada a trajetória percorrida na busca dessa compreensão.



## CAPÍTULO V

### 1. Trajetória de acesso às entrevistadas

Como já foi mencionado na “Apresentação ao Leitor” as entrevistadas foram contactadas no CEAMA (Centro de Atendimento Médico Ambulatorial) situado na cidade de Campinas, no Estado de São Paulo, o qual serve a funcionários públicos vinculados ao IAMSPE (Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual) de todo o Estado Paulista, com atendimentos ambulatoriais e pequenas cirurgias (ambulatoriais), contando com a presença de equipe multiprofissional formada por médicos, psicólogos, dentistas, fonoaudióloga, enfermeiros e auxiliares de enfermagem.

Neste Centro de Atendimento, atendem as especialidades de: Clínica Geral, Dermatologia, Ginecologia, Odontologia, Pediatria, Pneumologia, Psicologia, Psiquiatria, Reumatologia, Cardiologia, Endocrinologia, Fonoaudiologia, Gastroenterologia, Neurologia, Oftalmologia, Otorrinolaringologia, Ortopedia e Vascular, além de serem realizados exames de eletrocardiograma e exame preventivo de câncer de colo de útero. Na enfermagem são atendidos os casos de retirada de pontos, curativos, inalações e lavagem de ouvido.

Nos últimos anos, diversos equipamentos novos foram adquiridos pelo CEAMA de Campinas, como os aparelhos para exames de ultrassonografia, endoscopia digestiva, além de computadores e um aparelho de fax. Cirurgias, Pronto Socorro e especialidades que não são atendidas no CEAMA são encaminhadas para o Hospital Irmãos Penteado de Campinas. Os exames especializados são encaminhados para laboratórios conveniados ao IAMSPE. Há outros CEAMAs espalhados pelo interior do Estado de São Paulo e todos eles constituem extensões do “Hospital do Servidor Público Estadual - Francisco Morato de Oliveira”, situado na cidade de São Paulo.

O CEAMA de Campinas dispõe de um Serviço de Psicologia, que desenvolve tratamentos de psicoterapia individual, em grupo, de família e de

casal. No Ambulatório de Ginecologia ocorrem grupos coordenados por profissionais da área médica e da psicologia. Foi em um destes grupos que as entrevistadas desta pesquisa foram encontradas.

## 2. Situacionalidade das entrevistadas

Participaram desta pesquisa 5 pacientes atendidas no Ambulatório de Ginecologia do CEAMA de Campinas, com idade entre 46 e 54 anos. Para verificação da camada social em que se encontram as entrevistadas foram utilizados os dados de classificação LMP e Marplan, 1991- anexo 2)<sup>2</sup>.

Como já foi dito, o contato com as entrevistadas foi feito no Centro de Atendimento Médico Ambulatorial. As mulheres convidadas a participar deste trabalho participam, ou participaram, no Ambulatório de Ginecologia, do “Grupo Psicoterápico Focalizado na Menopausa” coordenado por uma psicóloga e uma médica, ambas funcionárias do CEAMA. Este grupo tem finalidade psicoterapêutica e, também, é utilizado como espaço para orientar as pacientes quanto a dúvidas relativas à menopausa e o climatério. Ocorre uma vez por semana e a pesquisadora participou como observadora participante deste grupo em alguns encontros que tinham duração aproximada de 1 hora e 30 minutos. Após algumas sessões como observadora participante foi apresentada a proposta da presente pesquisa no grupo e feito o convite para as integrantes do grupo participarem como entrevistadas no estudo. Esta foi a forma de acesso às informantes.

---

<sup>2</sup> De acordo com a Classificação LMP e Marplan, as entrevistadas 4 e 5 encontram-se na classe C, enquanto que as entrevistadas 1, 2 e 3 na classe B.

### 3. Apresentação das entrevistadas

Entrevistadas	Idade	Estado civil	Nº de filhos	Religião	Trabalho atual	Grau de instrução	Terapia de reposição hormonal
1. Rosa	46 anos	Casada	4	Católica praticante	Oficial de escola	2º grau completo	Faz há 4 meses
2. Hortênsia	47 anos	Casada (2ª vez)	2 <sup>3</sup>	Católica praticante	Professora de primário	2º grau completo	Faz há 7 anos
3. Dália	50 anos	Desquitada	3	Esotérica	Técnica administrativa	3º grau completo	Não faz
4. Azaléia	54 anos	Casada somente perante a lei	3	Evangélica	Servente de escola	1º grau incompleto	Faz há 2 anos
5. Margarida	53 anos	Viúva	3	Católica praticante	Oficial de escola	1º grau completo	Faz há 1 ano

A apresentação das participantes desta pesquisa está disposta na tabela acima de acordo com a cronologia em que foram entrevistadas, sendo que a entrevistada 1 (Rosa) foi a primeira a dar seu depoimento para este estudo. Os cognomes atribuídos às entrevistadas mantêm a identidade das mesmas preservada. A vivência com as entrevistadas remete à presença das flores que, cada uma com sua beleza íntima e seu perfume único nos leva a reflexões que, por vezes, quando observamos uma flor nos damos conta. O cognome atribuído a cada uma das informantes é parte dessa vivência da técnica

<sup>3</sup> Um dos filhos faleceu em decorrência de meningite com dez dias de vida.

utilizada que, por intermédio da empatia, busca realizar uma entrevista compreensiva do fenômeno que inquieta.

#### 4. A entrevista

Após o contato inicial com as entrevistadas, possibilitado pela participação como observadora participante no grupo referido anteriormente, e pelo acolhimento que recebi por parte da psicóloga e da médica ginecologista que coordenam o grupo, pude explicar o objetivo da pesquisa e convidar àquelas que se enquadravam dentro do perfil procurado para serem entrevistadas.

A psicóloga do CEAMA anotava o telefone para contato com as pacientes que se dispunham a participar da pesquisa e os repassava para a pesquisadora. Em contato com possíveis informantes da pesquisa e, de acordo com a disponibilidade de cada uma, agendava-se a entrevista. Por telefone, informava-se, novamente os objetivos do trabalho. Todas as entrevistas foram realizadas nas residências das próprias informantes, sendo agendadas com antecedência. Antes de iniciar a entrevista propriamente era apresentado o “Termo de Consentimento” (anexo 1) o qual informava a participante dos objetivos deste trabalho, e sobre a questão do sigilo e da liberdade que esta tinha em consentir, ou não, que a entrevista fosse gravada.

Além dessas informações por escrito todos estes aspectos referidos eram retomados oralmente para esclarecimentos de normas da pesquisa e possíveis dúvidas quanto aos procedimentos do estudo. Após este momento era realizado um rapport que servia como forma de ‘quebrar o gelo’ entre pesquisadora e informante e obter os dados que se encontram na tabela ‘Apresentação das entrevistadas’. Depois, era dado início à entrevista compreensiva com a questão norteadora: *Fale para mim como você está vivenciando o seu momento de vida atual, no climatério, em especial no que diz respeito à sexualidade, relacionando com a história de sua vida.* A partir desta pergunta a informante pode falar livremente a respeito de suas vivências. A questão norteadora se desdobrou em outras indagações para uma melhor compreensão da entrevistada, como por exemplo: *fale-me sobre suas vivências atuais nos seus relacionamentos em geral (amigos, familiares), no seu trabalho, com seus filhos, com o companheiro/marido e consigo mesma, relacionando com a história de sua vida.*

Todas as entrevistas foram gravadas com a anuência de cada uma das mulheres informantes para depois serem transcritas.

Sempre que uma das entrevistadas expressava alguma palavra, ou frase, que tivesse um sentido muito amplo, ou deixasse dúvida, dificultando a compreensão, solicitava-se maiores esclarecimentos. Por exemplo, quando uma das informantes falou que sentia que havia se casado sozinha, então, foi pedido a ela para explicar com mais detalhes o que ela compreendia por ter se casado sozinha, e, da mesma forma perguntas foram refeitas para elucidação da pesquisadora durante a entrevista.

## 5. Os discursos e os passos da análise

Após a realização das entrevistas e posterior transcrição das mesmas, iniciou-se a leitura dos discursos. Foram realizadas várias leituras dos depoimentos obtidos com a intenção de apreender, de forma global, os significados atribuídos pelas entrevistadas às situações e vivências relatadas por elas.

A partir de então, utilizou-se as etapas sugeridas por MARTINS & BICUDO (1989) para orientar a análise fenomenológica constituída de três momentos: a DESCRIÇÃO, a REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA, a COMPREENSÃO e INTERPRETAÇÃO.

Depois da leitura global de todos os depoimentos, procurou-se captar o modo como cada uma vivencia o climatério. Com a releitura dos discursos houve um aprofundamento da percepção de quais significados são atribuídos à vivência do climatério, sendo possível detectar as Unidades de Significado, ou seja, os trechos da descrição essenciais em significação, constituindo as asserções significativas nos discursos.

Enquanto que a descrição é o momento em que o pesquisador tem acesso à experiência vivida como ela se mostra por intermédio do discurso do sujeito, entrando em contato com o fenômeno *“como ele se mostra”*, na redução fenomenológica, com a percepção, determinação e seleção das unidades de significado, há a reflexão sobre as experiências relatadas, que parecem ao pesquisador possuir significado de acordo com sua consciência intencional dirigida ao fenômeno investigado. Nesse momento, instala-se uma relação empática com a situação vivida pelas entrevistadas.

Partindo-se das asserções, ou unidades de significado, o investigador transforma o discurso espontâneo das entrevistadas em linguagem psicológica e inteligível (BRUNS, 2001) requerendo do pesquisador a capacidade de *“transportar-se para o mundo do outro, quer dizer, sair de si mesmo e adotar imaginativamente o esquema de mente de outra pessoa”* (MARTINS, 1984, p. 138).



Com o estabelecimento de uma relação empática frente à situação vivida pelas entrevistadas foi possível identificar nos discursos temas que se repetiam, e outros que não se repetiam nas unidades de significado.

Assim, apresentados os passos trilhados na leitura dos cinco discursos, os quais se encontram anexos na íntegra, serão apresentadas as unidades de significado categorizadas e analisadas de forma global a partir da análise dos depoimentos.

## CAPÍTULO VI

### AS MÚLTIPLAS FACETAS DO ESTAR NO MUNDO DA MULHER NO CLIMATÉRIO

Categories obtidas nos discursos e unidades de significado.

Na compreensão dos discursos das informantes nos deparamos com uma limitação, o desvelar do fenômeno por intermédio dos sentidos do “observador”-pesquisadora em-relação ao universo, com sua própria intencionalidade. Em vista disso, o leitor poderá acrescentar infinitas outras unidades de significado às listadas a seguir.

**1. Apresentação das categorias:**

A mulher no climatério:

A. O relacionamento com o parceiro/marido

B. A vivência com os filhos

C. O significado do trabalho

D. A vivência da sexualidade

E. A menopausa: um corpo em transformação

F. O existir da mulher e a religião

G. Perspectivas de futuro

## **2. Breve perfil das entrevistada:**

*1ª entrevistada: Rosa (46 anos):- casada há 23 anos, 4 filhos, o mais velho com 21 anos e o mais jovem com 13. Sempre tomou conta da casa e dos filhos, nunca teve empregada. Concluiu o 2º grau. Trabalha há nove anos como Oficial de Escola e, refere que o trabalho foi uma forma de dar sentido para sua vida, já que os filhos estão crescidos, trabalham e estudam, não necessitando dos cuidados e atenção como quando eram crianças. Relata que não tem vida sexual ativa com seu marido há dois anos e o que determinou esta situação foi uma briga que tiveram em que o esposo disse que a considerava uma empregada. Conta que tem desejo sexual, no entanto não tem a intenção de despertar o que está 'adormecido' sem que haja um movimento por parte do marido em conversar com ela. Diz que, atualmente, cuida mais de seu corpo, fazendo caminhadas e TRH. Relata que se tornou católica praticante devido às dificuldades conjugais. Mostra-se emocionada durante o transcorrer da entrevista.*

*2ª entrevistada: Hortênsia (47 anos):- há oito anos está 'casada' pela segunda vez. O companheiro é 9 anos mais jovem que ela. O 1º casamento durou dois anos e meio. Depois disso, morou com os pais durante sete anos. Refere que o ex-marido a traia com outras mulheres, e não trabalhava. Teve dois filhos na 1ª união, um dos quais faleceu com dez dias de vida, e o outro tem 16 anos, atualmente. É católica praticante. Relata que tem atritos com a mãe que não aceita o fato dela ter se 'casado' novamente, a mãe diz que, perante a Igreja, ela é adúltera e vive em pecado. Coursou magistério. É professora do primário há quinze anos. Relata que se cuida mais hoje, faz TRH desde os 40 anos. Os pais moram no fundo de sua casa. Refere que ficou deprimida e nervosa por ocasião da menopausa, diz que o marido atual bebia naquela época e que seu trabalho também não a estava satisfazendo. Diz que a maternidade é a fase mais maravilhosa da vida da mulher, e expressa vontade de ter tido filho do parceiro atual.*

*3ª entrevistada: Dália (50 anos):- considera-se uma lutadora. Desquitou-se há 20 anos, pois descobriu o marido traindo-a com outro homem . Tem 3 filhos dessa união, sendo que a mais velha tem 30 anos e o mais jovem 24. Relata que cuidou dos filhos sozinha. Teve amante e namorados depois da separação que, ajudaram-na a se enxergar como mulher novamente depois da decepção com o marido. Declara-se esotérica atualmente. Nível Universitário, cursou Engenharia de Segurança. Trabalha como técnica administrativa. Relata que gosta de música, bailes e passeios motociclísticos e que, hoje em dia, pode ter tais atividades. Diz que procura um companheiro que vivencie o presente momento de vida com ela. Refere, ainda, que está vivendo o seu momento de liberdade.*

*4ª entrevistada: Azaléia (54 anos):- casada perante a lei há 30 anos, está separada de fato há, aproximadamente, 15 anos. Tem 3 filhos dessa união, o mais velho com 30 e a mais jovem com 27 anos. Relata que dois de seus filhos nasceram albinos o que fez com que o marido dissesse que não eram dele. Refere ter sido espancada diversas vezes pelo marido alcoólatra durante muitos anos. Atualmente, mora com a filha caçula e um neto. É evangélica. Trabalha como servente de escola há 13 anos. Diz que sentia desejo sexual pelo marido, e que hoje não sente desejo como antes. Faz TRH há dois anos. Relata, também, que não faz planos para o futuro já que a maioria que fez não se concretizou.*

*5ª entrevistada: Margarida (53 anos):- viúva há três anos. Foi casada durante 29 anos. Tem 3 filhos, a mais velha com 31 anos e o caçula com 20 anos. Refere que o filho mais jovem mora com ela. É católica praticante. Trabalha como Oficial de Escola há seis anos. Conta que foi trabalhar pois o marido, alcoólatra, já não conseguia pagar as despesas da casa. Relata que no final do casamento considerava o marido como um irmão. Diz que teve vida sexual com ele durante quinze anos. Refere que pensa em ter um companheiro para passear, ir aos bailes. Demonstra preocupação com o futuro dos filhos. Faz TRH há dois anos.*



### **3. Em direção à compreensão e interpretação das unidades de significado:**

#### **A. O relacionamento com o parceiro/marido**

*“eu me casei com 16 anos de idade...virgem, bonitinha, como mandava o figurino na época, casei com um homem 11 anos mais velho que eu, eu sabia que ele bebia, mas eu achava que ele bebia porque ele não tinha uma mulher do lado dele que cuidasse dele, que fosse para ele uma mulher e tal...Eu iludida, hoje reconheço mas na época não. Eu casei, casei e casei sozinha, ele nunca assumiu o casamento” (Dália)*

*“...no começo de namoro era muito legal, era muito bom, quando recém-casada, foi bom, mas depois, quando começou a toda essa vida, ele me magoando, ele me deixando de lado, essa coisa, foi esfriando” (Rosa)*

*“meu relacionamento conjugal...faz dois anos que eu não tenho relação sexual com meu marido, nós discutimos muito, ele me magoou muito, então nós não temos...nós vivemos como amigos.” (Rosa)*

*“em 1980...eu pedi o desquite e os juízes me deram, porque eu catei o meu marido com outro homem...” (Dália)*

*“eu me sentia feliz, só que eu não cuidava de mim, eu achava que eu tinha...era uma gata borralheira, eu tinha que ficar dentro de casa trabalhando, e prá ele tava ótimo.” (Rosa)*

*“...desde o dia que a gente casou, eu fui pegando...eu fui crescendo em tudo, eu fui obrigada a tomar tudo prá mim, você entende ?...fui tomando tudo, tudo...fui a mãe, o pai...se preocupar com tudo que você pode imaginar*

*dentro de uma casa, que eu tive três filhos um em cima do outro...tudo, dinheiro prá isso, dinheiro prá aquilo...nunca ele me perguntou...ele viajava, ele era caminhoneiro, uma época, depois ele parava, montava oficina, ficava prós bar, bebia, jogava...então, ficou tudo...então cada vez fui ficando mais responsável...” (Azaléia)*

*“é...eu nunca tive um companheiro mesmo...ele nunca participou dos meus anseios, das minhas necessidades, das mi...do que eu esperava...eu assumi, assim, os três filhos sozinha...” (Dália)*

*“Meu marido, ele me deu um nó, ele foi dando cada vez mais um nó, mas eu lutando pelo meu casamento, eu lutei, durante dez anos eu lutei pelo meu casamento com unhas e dentes, você entendeu ?...porque em primeiro lugar eu gostava dele...” (Azaléia)*

*“das conversas que eu tinha com ele, assim, que era só discussão, não podia ser discussão, podia ser conversa...com ele não tem conversa, ele discute muito, ele acha que só ele que é o certo, se ele falar que isso aqui é pau, eu tenho que falar que é pau, ele não aceita que a gente seja contra ele, ele é uma pessoa muito ignorante...” (Azaléia)*

*“ele é o tipo de homem que não podia contrariar ele em nada, tudo tinha que ser do jeito que ele queria senão ele agredia...” (Azaléia)*

*“...não tenho relação com ele, então não tenho...não tenho como falar do que eu sinto...ele disse prá ele que eu não passava de uma empregada dele. Aí eu falei prá ele né, falei assim ‘então, de hoje em diante eu não vou passar de uma empregada prá você!’...e daquele dia em diante...quando ele me procurava tudo bem, eu (pausa)...fazia, como se fosse normal, mas eu não participava...e ele foi percebendo, daí acabou sem palavras, assim, uma coisa que até hoje não tem conversa, sobre isso não tem.” (Rosa)*

*“Quantas vezes ele me deixou, eu aqui sozinha, ele viajava prá R., que ele gosta muito de rodeio” (Rosa)*

*“só aquelas...agressões, ele me agrediu e eu tava grávida...uma vez que eu tava grávida do meu filho do meio (pausa) e ele deixou marcas na minha barriga, então é coisa assim, agressão, brigas.” (Azaléia)*

*“meu marido passou seis meses na Espanha, até quando ele foi eu tava bem assim, vai mesmo que me deixa sossegada, mas aí, senti saudade, aquele negócio todo, e agora tamo bem, faz um mês que ele tá aqui de volta, tá tudo bem...” (Hortênsia)*

*“o homem ele não aceita a mulher do lado dele ganhando a mesma coisa que ele, ele se julga ainda um ser superior, eu não sei da onde foi tirado isso...” (Dália)*

*“Eu só podia bem ter relação sexual com ele quando eu tava de bem com ele, quando eu tava de raiva ou com algum ressentimento eu nunca tive, eu sempre me reservava, então, isso aí dificultou mais ainda por eu ser do jeito que eu sou. Eu sou muito, assim, espontânea, sou muito...sou sincera, então, eu não me sinto bem em ter uma relação com uma pessoa mesmo que sejam outras coisas que não for...se eu não tiver de bem daquela pessoa.” (Rosa)*

*“...eu nunca rejeitei, mesmo sem querer, eu achava que era minha obrigação de mulher, né, eu achava que a mulher quando tem marido tem que estar disposta...e hoje eu não penso assim...hoje eu acho que cada um tem que ter vontade na hora que quer, não é obrigado a fazer uma coisa que não tem vontade”. (Rosa)*

*“Eu tenho problema de alcoolismo com o meu marido...eu não queria falar, mas...eu tenho problema com ele que ele bebia, agora, graças a Deus,*

*também melhorou essa parte!...mas muito mesmo, ele bebia e ficava agressivo, falava muita bobagem...(...) eu jogava tudo nas costas dele, do meu marido, eu achava que ele tinha de mudar isso, que ele tinha que mudar aquilo, e ele é até uma pessoa, prá mudar assim, ele é boa...ele prometeu que não ia mais beber e ele bebe assim...não de passar dos limites, isso tá fazendo dois anos e meio, mais ou menos...até eu separei dele um mês por causa disso, eu não queria mais, e me separei, aí ele quis voltar e eu falei, posso até voltar, mas a condição é não quero bebida, não quero você passando dos limites, concordou...Agora, ele tem um gênio forte, tem que ter paciência, mas eu achava assim, que era só ele o culpado, e muitas coisas aconteciam porque eu provocava, eu achava que não era eu, agora eu enxergo, né...” (Hortênsia)*

*“ele até fala até hoje que o que mudou eu foi a escola, que eu aprendi muita coisa lá, e não foi, foi ele próprio, ele não entende que foi ele próprio com as atitudes dele, com, assim, com os pensamentos dele, as conversa dele, ele próprio que foi ensinando eu, ele que foi fazen...ele que fez com que eu crescesse” (Rosa)*

*“eu queria um marido assim mais participativo e justamente, ele faz, inclusive hoje ele me ajudou tudo aqui, mas porque que não faz, porque eu tava brava, então ele queria ficar distante de mim, e eu mal humorada, sempre eu tava mal humorada, mas quando tô bem, ele sempre me ajuda, ele até que ajuda bem...”(Hortênsia)*

*“eu sinto que o casamento verdadeiro meu é esse, não o outro, aquele lá foi uma coisa que aconteceu errada, deu errado, o que sobrou de bom só foi meu filho, né, e não tem nada mais que eu possa dizer que foi bom...nada, nada.”(Hortênsia)*

*“...às vezes eu falo que eu...sexualmente, muito pouco tempo eu vivi sexualmente, com 21 eu casei, aí...muito pouco tempo...quantos anos foi de vivência sexualmente?...acho que uns 20 só...” (Margarida)*

*“...com a bebida a gente vai deixando um pouquinho de gostar, aí só mantém o respeito, mantém...só, né, sempre respeitei, foram 29 anos de casado, sempre só meu marido e como namorado também foi só ele, desde os 14 anos só ele, com 21 casei...sei lá, um homem só na vida da gente acho que fica muito difícil arrumar outro, acho muito difícil, fazer o que?...” (Margarida)*

A sexualidade representada e se manifestando simbolicamente pelo desejo de carinho, ou pelo ganho de peso num corpo morto, adormecido e que, concomitantemente pode despertar se o ‘príncipe encantado’ se dispuser a fazer o papel de cavalheiro, resolve a questão do desejo que não pode ser pensado. Em contrapartida afirma que com ele *“a vida poderia ser melhor”*.

Da idealização à desilusão acontece o “esfriamento” das relações, a presença da homossexualidade na vivência do parceiro, a dúvida quanto à própria feminilidade, enfim, o alcance da felicidade depositado no outro quando *“me sentia feliz, só que eu não cuidava de mim...e prá ele tava ótimo”*. (Rosa). A fala traz, ao final, a constatação de que nesse despojamento não houve reciprocidade do companheiro, do ponto de vista da entrevistada.

Além disso, a vivência com o marido alcoolista transformando o relacionamento conjugal em um relacionamento que se iguala ao de dois irmãos.

## **B. A vivência com os filhos**

*“era três prá cuidar, e ele ficava lá...(..) eu tinha o costume de marcar numa folhinha assim, a menstruação, quantas vezes a gente tinha relação e ele começou a se distanciar...” (Rosa)*

*“só quando namorava que a gente saia sozinho, depois...e ele mudou muito depois que nasceu o primeiro filho. Eu senti, assim, que ele...eu não sei se era ciúme, não sei o que que podia ser, só sei que ele se...começou a se distanciar de mim, a gente não saia mais, a gente...ele ficava pouco, ou não conversava muito porque eu acho que eu tava muito ocupada com as crianças, eu tive logo dois, três de uma vez, porque quando nasceu os gêmeos, o meu pequeno tinha dois anos e eu nunca tive empregada...”(Rosa)*

*“em relação aos meus filhos ganhei que eles cresceram, ficaram bonitos, estão uns moços, tão tudo trabalhando, foi gratificante, mas hoje eles não precisam mais de mim, assim, de cuidados, precisam de conversar, então eu tenho que me atualizar, gostar mais de mim e passar isso prá eles, e ensinar prá eles ser feliz!” (Rosa)*

*“eles (filhos) calculam que está acontecendo alguma coisa, mas eles não perguntam, mas eles não perguntam se eu tô tendo uma relação normal com o pai deles...eles vêem que o que eles vêem por aqui durante a nossa convivência, a gente partilha de tudo, das crianças, da educação, de casa, conversa de tudo, agora lá dentro do quarto eles não sabem, eu nunca comentei com eles, nunca falei prá eles que não acontece nada, então, eles não perguntam, e já são adolescentes, né, não tem mais essas curiosidades, eles mesmos calculam na cabeça deles o que tá se passando, e nunca quiseram conversar e perguntar...” (Rosa)*

*“eu assumi, estudando, trabalhando, e criando meus filhos porque eu não tinha nenhuma retaguarda, eu não tinha pai, eu não tinha mãe, eu não tinha irmãos, e eu disse para mim mesma que essa era atitude que eu estava tomando por mim e pelos meus filhos porque eu queria fazer dos meus filhos grandes valores. Então, eu abdiquei muito da minha vida, eu não tinha tempo prá mim.” (Dália)*

*“tive três filhos, com muito sacrifício, aí começou a minha luta porque meu primeiro filho nasceu albino...quando meu marido viu meu filho lá na maternidade, albino, ele falou que o filho não era dele, lá dentro da maternidade...(...) ‘eu tenho que ficar com eles, com o meu marido’, eu pensava, que é ruim ou bom, mas eu acho que criar meus filhos, quer dizer, eu pus os meus filhos em primeiro lugar, você entende ?...Eu botei na minha cabeça que é os meus filhos em primeiro lugar, aconteça o que acontecer eu tinha que criar eles bem...” (Azaléia)*

*“eu e meus filhos sempre tivemos assim muita liberdade prá conversar, nós conversamos sobre tudo, e eu sempre deixei muito aberto prá eles que da mesma forma como eu sou para eles a única coisa que eles têm, eu sou tudo que eles têm (pausa). Então, nós temos liberdade para conversar, expormos qualquer que seja a circunstância, quaisquer que sejam os transtornos, as vitórias, as conquistas, o que quer que seja, como elas são, bonita ou feia, a realidade, a verdade.” (Dália)*

*“eu jamais diria para os filhos dele o que era o pai deles (relacionou-se com outro homem), simplesmente eu diria é o teu pai, mais nada. Eu não...” (Dália)*

*“...o filho já tá criado, muitas vezes não precisa mais da mãe, né, marido, eu acho que tá cria...tá bem criado (risos)...dá prá se virar sozinho, eu achava que eu não tinha necessidade de...(Hortênsia)*

*“filhos da gente é um amor assim...não sei, a gente gosta assim dos filhos da gente, aquela coisa assim, mas...acho porque a gente tem muito assim...ainda mais agora que eu não tenho marido, nada, nenhuma preocupação, nada com ele, né, só com o menino, e ele passa o dia inteiro fora de casa, então a gente tem, se ela ficar aqui, eu fico o dia inteiro papericando, né, a gente tem só bem...ela prá...só uma netinha...”*  
(Margarida)

A maternidade e vivência ambivalente da gestação como algo que traz gratificação e, ao mesmo tempo, traz consigo o distanciamento do companheiro aparece no discurso das entrevistadas.

No início do século XX, a psicanálise coloca a mãe como centro da família em relação ao equilíbrio emocional dos filhos, promovendo uma diferença marcante entre os papéis parentais. As entrevistadas desta pesquisa parecem tomar para si a responsabilidade e o sustento dos filhos, na maior parte do tempo. A co-autoria na concepção e educação dos filhos por vezes é substituída pela mulher que se anula para viver para os filhos e para o trabalho.

FOULCAUT (1985, p.153) diz que um dos motivos que justifica o vínculo conjugal é a necessidade existente de assegurar a educação da prole e, além do “conjunto das ajudas, comodidades e prazeres que a vida a dois, com seus serviços e suas obrigações pode proporcionar, e finalmente, a formação da família como elemento de base para a cidade.” Assim, o desejo de unir-se ao outro é resultado de uma demanda da comunidade aliado à função sexual. O que se pode apreender é que o fato de não estarem vivenciando o relacionamento neste formato familiar é experienciado com sofrimento pelas informantes.

Remetem-se aos filhos como uma “missão” cumprida, estes filhos continuam sendo motivo de preocupação, aos quais se deve ensinar o caminho para a felicidade e, dos quais os sentimentos “tristes” ficam escondidos, mascarados.



São os filhos, ou a chegada deles, que marcam a vida dessas mulheres em suas “lutas”, “vitórias”, “conquistas”, “transtornos”, “dificuldades”.

Ser avó também é relatado pela entrevistada Margarida, que descreve tal experiência como mais gratificante que a própria maternidade, algo que vem para preencher um vazio.

### **C. O significado do trabalho**

*“Eu comecei a trabalhar, foi a melhor coisa que aconteceu prá mim...há nove anos que eu trabalho” (Rosa)*

*“...Eu não tive aquela mocidade, boa, e passear, e isso e aquilo...foi muito trabalhar, trabalho, trabalhar fora de casa, trabalhar em casa, ajudar os pais...” (Azaléia)*

*“eu abdiquei, eu tive que fazer isso porque eu não tinha como desmembrar-me tanto, o meu trabalho exigia muito de mim, inclusive que eu viajasse diariamente...e mais as responsabilidades de trabalho que eram grandes, imensas, e a minha responsabilidade de casa como mãe, pai, mulher, provedora,...então eu tinha que chegar em casa e ainda ver roupa, ver alimento, ver o que que ia fazer para o dia seguinte, o que que não ia fazer, como que tava, como não estava, e roupa, conferir lição, cadernos todos, o que estava faltando, como que estava, como não estava, só depois disso tudo é que eu ia tomar o meu banho, comer alguma coisa, me deitar, então eu tinha tempo para fazer o que, prá mim ?” (Dália)*

*“eu fui crescendo, eu fui percebendo que eu sou...eu tinha que viver, ele não tinha o direito de proibir eu de nada, se ele podia trabalhar, porque que eu não podia trabalhar, se eu dava conta da casa e do meu trabalho, agora se eu largasse tudo e ficasse “a la vontade”, que eu não cuidasse dos filhos, aí podia criticar, mas assim mesmo ainda eu acho que eu tinha o direito, então, foi o que aconteceu, e foi esfriando, foi acabando, ele foi achando que eu tava mudada, ele foi achando que eu tava...assim, muito independente” (Rosa)*

*“eu sempre gostei de ser útil, de fazer alguma coisa, e eu achava que meus filhos estavam crescendo e eu ia ficar sozinha, eu achava que eu ia perder eles porque eles estão crescendo e cada um vai prô seu lado...” (Rosa)*

*“eu dava aula, cuidava de casa, né, então, é muita coisa. Outra coisa que me deprimia, até hoje, só que hoje eu já tô melhor, mas, dar aula, a criação...”(Hortênsia)*

*“...falta mais uns dez anos prá eu me aposentar, aí se eu ainda tiver pique prá sair, porque hoje ainda tem pique prá sair, mas não sou aposentada porque não contou tempo de trabalhar fora...eu trabalho desde os 14 anos, 12 anos de costureira, só que não posso contar tempo porque não pagou, não registrou naquele tempo, eu era jovem não ia atrás...” (Margarida)*

A dupla jornada de trabalho é recompensada pela percepção de estar sendo útil para a sociedade e para si mesma, entretanto, o trabalho aparece quando já não é possível contar com o companheiro, e a informante Rosa descreve o aprendizado com o marido de que existe uma vida lá fora e que parece acenar com a possibilidade da vivência da sensação de liberdade, o que não se confirma visto que a solidão e a carência persistem em seus relatos.

Hortênsia refere-se ao trabalho como motivo de depressão em determinado período de sua vida em que outros aspectos também estavam comprometidos do ponto de vista emocional.

Margarida deposita na aposentadoria a possibilidade de vivenciar situações de lazer o que remete ao fato de sempre adiar aquilo que é idealmente imaginado como prazeroso.

#### **D. A vivência da sexualidade**

*“eu gosto de ser mulher, eu gosto de acariciar e ser acariciada, eu gosto de abraçar e ser abraçada, eu gosto de beijar e ser beijada...por um homem (pausa), eu gosto das carícias emanadas, da sutileza, eu gosto desse contato sutil e desse contato ardente...”(Dália)*

*“eu tinha o costume de marcar (risos) numa folhinha assim, a menstruação, quantas vezes a gente tinha relação e ele começou a se distanciar...porque eu nunca fui muito de procurar, nunca fui muito de...eu me sentia inibida...de procurar sexualmente, eu tinha...eu acho que nem inibida é a palavra certa, eu acho que eu tinha medo de ser rejeitada...”(Rosa)*

*“Eu me prendo prá não soltar fora a minha sexualidade, eu prendo ela porque eu não tenho prá quem dar, não tenho prá quem me insinuar...” (Rosa)*

*“ele me magoou, aí daquele dia em diante eu me afastei, e ele também num...ele percebeu, ele notou que eu me afastei dele, e ele...eu comecei esfriar, não procurei mais ele, e ele foi procurando menos ainda. Quando ele me procurava tudo bem, eu.(pausa)..fazia, como se fosse normal, mas eu não participava... e ele foi percebendo, daí acabou sem palavras, assim, uma coisa que até hoje não tem conversa, sobre isso não tem.” (Rosa)*

*“se ele conversar comigo primeiro, expor os sentimentos dele, que ele gosta de mim, aí...assim, se ele conversar comigo e eu me sentir bem com a conversa dele, pode ser até que role...”(Rosa)*

*“Tive um amante, um homem casado, depois do desquite. Nós nos encontrávamos, ele freqüentava a minha casa mas era uma coisa assim muito esporádica, muito...ele vinha, me visitava e ia embora porque ele era*

*casado, ele tinha a casa dele, a família dele, mas foi uma pessoa que me valeu muito porque ele me fez enxergar como mulher, ele me despertou a mim mesma como mulher, porque até então eu estava chocada, decepcionada, buscando o porquê, o que tinha acontecido comigo e o meu marido. (pausa) Aí eu vi que não era comigo o problema, eu não tinha nada a ver com isso, ele escolheu a vida que ele quis, ele tava vivendo a vida que ele escolheu levar, e que realmente não coincidia com a vida que eu queria.”*  
(Dália)

*“eu tinha...eu sempre gostei de ser diferente, sabe, assim, de inventar, de..., sempre tive, mas ele não, ele me podava, então pode ser que também até isso aí tenha influenciado, tenha me deixado raiva dentro de mim também...”*(Rosa)

*“pode mudar as atitudes, mudar alguma coisa no relacionamento, aí pode ser que acorde o que tá morto...(...) acho que deve existir alguma coisa, alguma coisa que tá morto, não tá morto, tá adormecido, pode ser que...se acontecer de despertar...”*(Rosa)

*“Eu sou um tipo de uma pessoa que eu prefiro mil vezes um carinho do que um ato sexual completo, em primeiro lugar eu prefiro carinho num relacionamento, uma conversa, um bate-papo assim, uma troca de carinho, prefiro mil vezes...”*(Rosa)

*“a única falta mesmo é o companheiro, na realidade, é o homem, sem ser sapo, sem ser príncipe, somente o homem...que ele diz...ancorasse aquele cavalo verde em algum lugar, deixasse o sapo dele no brejo que ele quisesse e viesse como homem, um ser humano que é...sem arrogância, sem petulância, sem inferioridade, sem insegurança, cuidando dele, nunca buscando uma mulher para cuidar dele, que eu não quero...mãe eu já sou, eu já tenho meus filhos prá cuidar, e já cuidei dos meus filhos, eu não quero cuidar de um homem como um filho, eu quero só viver uma vida do lado*

*dele. É isso que eles não entendem. Então eu não quero ser mãe de ninguém, isso eu já sou. Não quero fazer ninguém de minha muleta porque eu sou independente, eu não preciso de um homem prá me ancorar, para minha subsistência.” (Dália).*

*“...o homem é gostoso, eu gosto de homem, prá minha relação sexual tem que ser um homem, mas um homem gostoso, um homem que fale a minha língua, que não tá no mercado, eu não tô achando isso...um homem go...cheiroso, que se cuida, que seja culto, que tenha...que não faça uso de cigarro porque eu não gosto, eu detesto cigarro, eu não gosto nem que fume perto de mim...quanto mais usar qualquer outro tipo de droga, não é a minha cabeça...”(Dália)*

*“faz mais de dez anos já que eu não tenho marido, mas eu brinco muito, mas eu não sei se eu queria mesmo não, eu tenho um pouco de medo também porque...hoje em dia a doença está tudo aí...nos jovens, tá louco...a doença da Aids, a gente morre de medo, então a gente fica com medo, então, não sei, acho que também eu sou muito séria, não olha com aqueles olhos...todo lugar que eu vou fala dona, senhora, ou tia, às vezes a pessoa é até mais velha do que eu e fica chamando eu de tia, então eu acho que não tenho cara mesmo de arrumar ninguém...nada que eu vejo de homem...eu acho bonito mas assim, dizer que me atrai...” (Margarida)*

*“os homens estão muito ruins, muito, muito ruins, porque se numa preliminar eles não esperam, eles se melam todo, depois deita e dorme(pausa)...cadê? como é que fica ?...”(Dália)*

*“...parceiros mais jovens...mais jovens que eu, então, eu achava que eles teriam assim, fôlego, teriam vontade, apetite sexual, e teriam condições para tal, ledão engano, ledão engano...eu não sou super-mulher, eu só sou mulher, eu gosto de ser mulher, mulher sem preconceitos, sem tabu...”(Dália)*

*“(homens) não sabem conduzir uma mulher, é só garganta, eles não se cuidam, eles não têm fôlego, não têm nada...quando hoje eu como mulher...eu me sinto assim, em condições de, se tiver um companheiro legal, a gente vira a noite numa boa, é uma redescoberta, é uma troca de carícias, sensualidade, é coisas que eles não têm mais essa sutileza, essa sensibilidade...”(Dália)*

A feminilidade é descrita por McDOUGALL (1997, p.35) como um processo familiar, na qual esta é posta como facilitadora da aquisição da identidade sexual feminina, além do discurso social cuja orientação para a feminilidade relaciona-se com o desejo de encontrar “relacionamentos amorosos gratificantes e, finalmente, de ter filhos com o homem escolhido”. A autora retira a mulher do lugar da submissão e passividade para o daquela que escolhe o seu objeto de desejo. O que se verifica no depoimento de Dália é o desejo em retribuir carícias, ou seja, ser agente, também nesse contexto.

A “conversa”, o diálogo, o carinho, são sempre anteriores da vivência sexual compartilhada prazerosa, de acordo com as informantes deste trabalho.

O amante que resgata a percepção da feminilidade pela entrevistada traída pelo marido com outro homem, a criatividade “podada” pelo companheiro levando a um distanciamento que desperta a raiva, ou que faz adormecer o desejo são nuances das histórias de mulheres vivendo o climatério.

Para finalizar, “a única falta mesmo é o companheiro, na realidade, é o homem, sem ser sapo, sem ser príncipe, somente o homem”. Parece que passando de um extremo a outro essas mulheres se deslocam em suas expectativas, e por vezes são capazes de vislumbrar o que seria o equilíbrio, mas continuam depositando no outro o motivo de seus infortúnios. Além do que o fato do homem ser colocado como aquele que não satisfaz, que não sabe conduzir uma mulher expressa a insatisfação na troca afetiva-sexual inclusive quando ela se concretiza.

### **E. A menopausa: um corpo em transformação**

*“As pessoas são muito voltadas para aquele aparelhinho ali que se chama televisão, o que aparece ali, a Vera Fisher, né, ela tá bonita, mas quantas plásticas ela já fez, quantos implantes ela fez ?...Eu...sou D. eu tô aqui, eu ainda não passei por nenhum implante, por nenhuma cirurgia plástica...e posso ser muito melhor que a Vera Fisher. Quantas de nós mulheres, durante a vida toda nos, nós somos...submissas, nós fomos guardando mágoas, ressentimentos e geramos várias doenças que através da menopausa elas se manifestam...”(Dália)*

*“hoje, eu mulher, eu não tenho mais risco de engravidar, sou saudável, eu não tenho mais responsabilidades outras, então eu tenho tempo e dedicação, quando eu vou prá uma cama com um homem (pausa) eu estou em condições, eu já deixei lá fora tudo que eu tinha prá fazer, tudo que tinha que ser feito, aqui eu vou ser mulher...”(Dália)*

*“eu gostaria muito que algum médico, alguma pessoa assim mais esclarecida, desenvolvessem trabalhos com os homens e tornassem esses homens conscientes de que a vida deles não está acabando com a andropausa, muito pelo contrário, e que a andropausa existe, não é uma utopia, ela existe sim, da mesma forma que a menopausa. E que ele pode fazer muito a favor dele, não contra ele, porque contra ele já está fazendo.”  
(Dália)*

*“eles não se cuidam prá andropausa que existe, eles não se cuidam, e aí acontece o que nós estamos vendo agora, eu na minha idade hoje, então eu trabalhei, lutei, criei meus filhos, hoje eu estou vivendo um momento de glória, missão cumprida com os meus filhos...”(Dália)*



*“hoje, até sozinha eu saio, até sozinha...sexta-feira eu saí prá tomar um chopp e ele não gostou porque ele tá doente e ele não tá saindo agora ultimamente, ele tá com a pressão alta, ele tá com triglicérides, ele tá com um monte de coisa, então agora ele não pode mais beber, né, e eu agora eu posso, que nem eu falei prá ele ‘você se desgastou sem mim, eu me guardei, hoje eu tenho saúde, hoje eu tô inteira, graças a Deus, a única coisa que eu tenho é falta de hormônio mas isso é normal’...mas eu já fiz todos exames, eu tenho saúde, sou uma pessoa normal, posso me divertir, e você hoje não pode...”(Rosa)*

*“tô bem com meu corpo, eu cuido dele, agora eu cuido mais dele, cuido mais dele, me cuido mais, me sinto bem quando olho no espelho, me sinto bem que eu sou eu, agora eu olho e vejo que sou eu porque agora eu dou mais valor prá mim, eu sei que se não for eu gostar de mim ninguém vai gostar de mim mais do que eu, então se eu...eu que tenho que gostar de mim, então, hoje em dia com meu corpo eu estou...faço tudo prá ele, tô fazendo regime, eu achei que eu tava um pouquinho acima do peso por causa da idade, né, a gente vai...fui lá no médico lá no C., falei que...tô fazendo dieta, faço minha caminhada que a dra. M. mandou...”(Rosa)*

*“antes, eu não me cuidava, hoje eu me cuido bem, eu me visto bem, eu me pinto, eu me sinto bem comigo mesma, faço ginástica, ando, então hoje eu me cuido, antigamente que eu era mais nova eu só cuidava dos meus filhos, só dos meus filhos eu cuidava, no tempo que eu fiquei dentro de casa. Minha casa era uma coisa, meus filhos uma beleza.” (Rosa)*

*“...coisas que eu gosto de fazer. Eu gosto de música, eu gosto de dançar, estou participando de um grupo de aulas de dança, pelo menos uma vez por semana eu vou a um baile com orquestra aqui em C., e danço. É, vou...então eu sou aquela pessoa que se me convidarem para um passeio, um encontro de motociclistas eu vou, visto uma bota, uma calça de couro, uma jaqueta de couro, um colete e vou embora.” (Dália)*

*“É o que eu falei prá você, prá mim é um momento ímpar na minha vida, não...eu tô desfrutando dele numa...numa boa. Então, eu não tenho amarras, não tenho neuras, não tenho nada que me deixou assim...eu tô livre, leve, solta. A única coisa que eu lamento mesmo é que eu não tenho um companheiro que vivencie essa fase comigo porque não tem assim... eu rio quando as pessoas dizem a respeito de ‘é frígida, a mulher é fria, tem muita frigidez, a mulher não sente mais nada’,...mentira, minha libido tá lá em cima, tá em alta (risos)...”(Dália)*

*“eles (homens) não se cuidam, eles precisam se cuidar, não só da estética, principalmente da saúde deles, eles têm que cuidar, e tem que insistir. Não é porque existe viagra gente, eles têm que mudar o nível de vida deles.”(Dália)*

*“a mulher que, a mulher que tá, que fala prá eles que tá na menopausa prá eles é sinônimo de fria, é mulher que não sente mais nada, eles são muito mal informados, desde mulheres são muito mal informadas...”(Dália)*

*“Prá mim é liberdade. Eu não tenho nenhum problema, nenhuma anomalia. Não tenho cefaléia, não tenho nada. O único...a única coisa que eu estou sentindo é um ressecamento, tanto vaginal, quanto de pele, no corpo todo.”(Dália)*

*“Eu tenho feito meus exames periódicos normais, com mamografia, com ecografia pélvica, com desintometria óssea, e agora mesmo no momento é decisão minha, eu quero fazer uma reposição hormonal. Não que esteja com níveis baixos de alguma coisa, eu acho que a gente não tem que esperar a máquina entrar em depre...em depredação, não, em degradação.”(Dália)*

*“Eu olhei no espelho e não gostei daquilo que eu vi...eu achei que eu tinha que voltar atrás, retroceder porque...faz uns dois meses que eu estou nesse*

*balanceamento e perdi...já eliminei quatro quilos, e eu tenho uma meta para atingir, a hora que eu chegar no peso que eu ainda preciso prá mim...(Dália)*

*“hoje eu estou vivendo o meu momento, meus filhos casados, em pé na própria perna deles, e eu vivendo a minha vida, então hoje eu vou a um baile, faço aula de dança, se eu quero caminhar eu vou caminhar, se eu quero ir ao cinema, eu vou ao cinema, se eu quero ir a um encontro de motociclistas, eu vou a um encontro de motociclistas, sento numa garupa de uma harley davison e vou embora...” (Dália)*

*“tudo nessa época, foi justamente...eu me casei, fiquei um ano só com ele e já começou quando me casei com esse meu marido...então, tudo era junto...é, mudança do jeito da escola mudar que a criançada começou ficar mais desatenta com o serviço, sem responsabilidade, ele que tinha esse problema que bebia, né, e o negócio da menopausa junto, nervosa, nervosa, então, era aquele choque, era um choque, né...tudo, porque eu tava sempre pronta a explodir, pronta...e conversava, e sempre triste, na maioria das vezes triste...(Hortênsia)*

*“No período da menopausa só mudou...essa fase...um pouco o negócio de dormir, vivia cansada e de noite eu queria dormir e não podia dormir, era aquela coisa de colocar o pé na bacia com água fria, quando colocava parece que fritava o pé da gente, fervia porque acho que tava um calor no pé, não sei, uma coisa, tudo isso aí passou já, a gente tá tomando remédio, né...já fiz todos os exames do seio, de tudo e por enquanto está tudo nos conformes...” (Margarida)*

*“se você tem uma máquina, essa máquina funciona dez anos, ela nunca pára para um reparo, ela tem vinte anos de vida útil, você vai esperar vinte anos para fazer uma manutenção nela ? Vai esperar acabar tudo prá fazer uma manutenção, ou vai parar antes ?...prá fazer uma manutenção, uma checagem de peças, repor o que precisa ser repostado prá que ela tenha não*

*vinte,...trinta, quarenta, cinqüenta anos...e que é uma máquina produtiva, não é por aí ? O conceito lógico é esse. Os homens não fazem isso, principalmente tá na menopausa acabou, prá eles acabou.” (Dália)*

*“eu sou muito esquecida, então às vezes eu esqueço onde eu pus um papel, aí até eu lembrar, aí quando eu lembro, eu saio e vou lá e pego, mas aí ela já xingou, já esbravejou (risos), ela já arrumou remédio para mim tomar, já fiz tratamento de cabeça, eu não tenho nada na cabeça, é envelhecimento mesmo, falta de...envelhecimento da cuca mesmo, muita preocupação...” (Margarida)*

A menopausa é o marco que divide o climatério em dois períodos, pré e pós-menopáusico. TRIEN (1991) diz que a mulher na menopausa perde a capacidade reprodutiva, sem perder sua sexualidade, estando mais liberada para o sexo sem o receio de uma gestação, o que é relatado pela entrevistada Dália. No entanto, Hortênsia refere ter experimentado depressão na época em que descobriu estar na menopausa e, até o momento da entrevista tinha na gestação o melhor período da vida da mulher, lamentando-se pelo fato de não poder ter mais filhos.

Dália, também, refere-se à menopausa como período em que podem se manifestar doenças provenientes de mágoas e ressentimentos, o que relaciona-se com o simbolismo da vivência da menopausa representado pelo momento de adoecer e de debilidade orgânica. Crenças difundidas popularmente equacionando menopausa com doença, ou aumento da irritabilidade, nervosismo e depressão conferem à mulher neste período do ciclo vital uma influência social importante de como os outros esperam que se vivencie esse período.

A época da menopausa pode vir acompanhada por doença ou morte dos pais, aposentadoria, casamento dos filhos, além de conflitos conjugais, ou seja, situações que podem desencadear sentimentos de angústia e sintomas depressivos como refere ter experimentado a entrevistada Hortênsia.

Dália e Rosa referem-se a essa fase como um momento de cuidar da saúde e da estética, fazendo dieta, exames periódicos e, se necessário, reposição hormonal. NAHAS et al. (1999) sugere que a reposição hormonal com tibolona combinada com exercícios físicos podem ter efeitos benéficos sobre a antropometria e o perfil lipídico na mulher na menopausa, além disso outro estudo com tibolona realizado por MONTGOMERY et al. (2000) aponta para um aumento da frequência, satisfação e prazer sexual com o uso da medicação reduzindo sintomas da síndrome climatérica que podem aparecer com a redução de estrógeno no organismo feminino. Assim, a afirmação de que a mulher na menopausa torna-se “fria” parece fazer parte de expectativas sociais que relacionam o envelhecimento com o término da sexualidade, sendo remediada pela medicalização da menopausa com a reposição hormonal.

A vivência da menopausa vem acompanhada de informações veiculadas pela mídia que, parecem não conseguir definir, ainda hoje, como se caracteriza essa mulher na menopausa que, por vezes, apresenta-se deprimida, outras sentem-se livres e expressam o sentimento de missão cumprida em relação aos filhos e à realização profissional, no entanto carregam consigo o peso do que os outros pensam a respeito da mulher no climatério, ou seja, associações com adoecimento e perda de libido.

BOLSANELLO (1985) diz que a menopausa pode ocorrer de forma natural ou artificial, na primeira hipótese, acontecendo naturalmente entre os 40 e 50 anos, já na segunda hipótese, em decorrência de uma intervenção cirúrgica que ocasionasse a retirada dos ovários, parte do corpo onde são produzidos os hormônios sexuais femininos.

A representação da liberdade nesse período da vida, referida pela entrevistada Dália, demonstra que, apesar de todo o peso dos estereótipos sociais que mostram uma mulher em declínio nessa fase do ciclo vital, mas que por outro lado estimulam-na a consumir cosméticos e cirurgias plásticas para conter os sinais do tempo, oferece um depoimento de quem, nesse momento, sabendo dessa realidade, coloca-se como mulher de seu tempo, disposta a vivenciar sua sexualidade de forma plena e despojada de

preocupações anteriormente relevantes, como a possibilidade de uma gravidez, além de atribuir significado novo para sua vida que anteriormente era guiada por filhos e marido e, atualmente, é hora de dedicar-se a si mesma como prioridade.

O encontro consigo mesma nesse momento da vida, seja pelo distanciamento do marido, seja pela constatação de que os filhos estão criados pode vir simbolizado por essa lembrança de vivências de mágoas e ressentimento guardados, ou mesmo da depressão, a vivência da angústia do vivido e do que há por vir, o que Heidegger vai trazer como fator essencial para que o *Dasein* inautêntico, ou seja não viver como si mesmo, mas como os outros vivem, possa ser repensado e substituído por uma vivência mais autêntica da realidade. Somente a angústia possibilita um vivenciar mais autêntico na relação com o outro, além de possibilitar uma responsabilização maior pela própria vida e seu destino, saindo do uso da linguagem alienada para o discurso cuja referência principal seja si mesma.

Por intermédio da angústia o humano se volta ao seu "si- mesmo " e toma contato com a sua finitude. Esse movimento possibilita uma tomada de consciência que muitas vezes garante ao ser uma visão global de sua existência. Nesse movimento reflexivo poderá atribuir outros significados ao seu modo de ser e vir a experienciar uma vida demarcada pela autenticidade, que se caracteriza por se perceber co-responsável pela sua possibilidade de existir das entrevistadas com os outros. O cuidado consigo, o zelo, sendo modos de ser autêntico demonstram um se perceber como co-responsáveis pelas mudanças no seu modo de experienciar sua existência. O discurso de algumas entrevistadas possibilitam-nos perceber que o climatério desencadeou um repensar da existência e um se perceberem como capazes e responsáveis por assumirem o próprio curso da vida.

## **F. O existir da mulher e a religião**

*“eu entrei muito em depressão, agora eu tô bem...(...) tô fazendo tratamento psiquiátrico e tomando remédio de depressão...(...)...é que a minha religião, coisas, né...mas eu já tive vontade assim, não de se matar, mas pedir para morrer, eu tive desse jeito...ai, meu Deus, não tá precisando mais de mim aqui, então...e foi justamente nessa época que eu procurei o psiquiatra...”(Hortênsia)*

*“quando eu me deparei com depressão porque eu não queria mudar, eu queria ser eu, mas eu precisava mudar prá mim poder viver com ele, entendeu? Aí foi quando eu disparafusei, eu fiquei ruim mesmo, só que ninguém percebeu, até marquei um dia com a psicóloga e perdi, esqueci o dia e não fui, mas eu comecei...fui forte, comecei rezar, foi quando eu me tornei católica praticante...”(Rosa)*

*“a minha mãe é que eu tive muito atrito com ela, mas eu gosto muito dela, eu tô cuidando dela, mas eu tive muito atrito porque inclusive ela não queria que eu me casasse, me chamava de...como que chama mulher que tem dois maridos, não é bígama...é...isso aí me feriu muito, eu já era casada pela segunda vez, mas ela não queria que eu casasse...porque ela é católica, católica o casamento o que vale é o religioso, ‘civil não vale nada’ ela fala, o que vale é o religioso, ela fala ‘é vocês que ser errado, faz a religião do jeito que quer’, então, falei ‘ih, mãe, não é assim, não deu certo com o primeiro, então, a senhora...’, ela mesmo fala que tem que procurar a felicidade da gente, mas, ‘eh, mas a religião não pode casar de novo, você é adúltera!’”  
(Hortênsia)*

*“aí me veio na cabeça que eu tinha que ir para uma igreja, aí passei pela igreja, eu não sei como eu cheguei lá na M. J. P., no C., aí cheguei lá, a missa era à 9 horas, cheguei na hora da missa, entrei, e até hoje eu vou lá todo domingo e, foi lá que (entrevistada chora) a palavra...até na hora...a*

*missa foi prá mim, sabe, falando do seu sentimento, falando que...dando força prá você...parecia que era prá mim, até chorei, fiquei lá, falei 'nossa!', minha filha ficou do meu lado e falou 'nossa, mãe, porque você tá assim?', eu falei 'não, não sei, eu tô com vontade de chorar, deixa eu chorar'...eu chorei, e a partir daquele dia, aí melhorei, aí fui...todo domingo ia na igreja, ia pensando e rezando, hoje eu faço as minhas orações em casa...as palavras de conforto...porque eu achava...que eu nunca ia na missa, eu achava que a missa todo dia era igual, todo dia falava a mesma coisa, eu pensava assim 'todo dia ele vai ler aquilo lá, eu vou enjoar',...e não é, uma missa é uma escola, lá cada dia você aprende uma coisa, é uma escola lá, cada dia fala de uma coisa, cada dia fala de um sentimento, da sua vida...e eu fui aprendendo, e aprendendo, fui...e hoje eu não perco a minha missa de jeito nenhum, eu acostumei, vou todo domingo, e vai eu e minha filha.”*  
(Rosa)

*“Antes eu não seguia nenhuma religião. Eu não acreditava em nada, só em Deus. A minha força era só Deus. Igreja não. Casei na Igreja católica, casei por casar, como se diz, como todo mundo casa, porque veste de noiva, tira fotografia, mas, mas, nada a ver viu, porque a benção vem de Deus. Você casa lá...é o padre que te abençoa, mas quem te abençoa é Deus...a benção vem antes, quando você está namorando...você começa a namorar você começa a pedir as bênçãos de Deus, prá Deus te revelar se é aquele homem mesmo que Deus tá preparando prá você, hoje eu sei disso...”*  
(Azaléia)

A religião aparece nos discursos da entrevistada Rosa e Hortênsia como o suporte nos momentos de dificuldade, de desespero, de conflitos conjugais, de depressão com a entrada na menopausa.

O catolicismo vivenciado de forma mais efetiva, como uma escola, como um lugar de conforto, de contenção da angústia relacionada com o vazio que se mostra pela falta de projetos de vida desvinculados da vida do marido e dos filhos. Esta lacuna é preenchida pela religião que também



atribui expectativas de como esta mulher deve ser, ou deve se comportar. O fato de Hortênsia estar em um relacionamento conjugal atual e não ter se casado na igreja a torna pecadora e adúltera aos olhos da mãe que a lembra deste fato.

## **G. Perspectivas de futuro**

*“...Montar uma clínica alternativa, então nós vamos fazer trabalhos com mulheres, pessoas, assim, com doenças crônicas degenerativas, hipertensão, diabete, menopausa, todo esse tipo de coisa, e fazer o que?...a mulher adquirir a sua auto estima, a sua valorização.”(Dália)*

*“Por que que nós vamos ficar sempre lá, esperando, não a gente tem que acompanhar essa...evolução. Se você pega a água, a água é limpa, deixa ela paradinha prá você ver, ela vai criar uma porção de microorganismos...e é a água...foi limpa! ...(...) a gente não pode parar, você tem que estar sempre movimentando porque a vida é isso, é som, cor e movimento.”  
(Dália)*

*“...buscar pura e simplesmente um homem. O homem ele tem uma série de potenciais, uma série de coisas que propulsiona, que impulsionam o homem a viver, a mulher também, e cada um buscando isso em si, mas fazendo da vivência de ambos, não uma competição. A mulher não tem que competir com o homem, ela tem que interagir, integrar-se, tem que haver uma integração. (silêncio)...”(Dália)*

*“O que eu queria assim é que meu filho conseguisse um trabalho melhor, futuramente, porque prá arrumar...com 20 anos, tá meio...ele reclama muito...que ele consiga estudar mais um pouco, alguma coisa, prestar alguns curso prá ele melhorar...” (Margarida)*

*“e quem sabe eu arrumar alguém prá...nas horas tristes, nas horas alegre contar alguma coisa, falar...mas se não arrumar tá bom também...às vezes você acha falta não sexualmente, acha falta de passear, de viajar, de ir num baile, num casamento de uma pessoa, é diferente de você ir com uma amiga, é diferente, às vezes eu tô pensando ‘olha, aquela pessoa lá, na mesma idade da minha com seu marido e tudo e eu...” (Margarida)*

*“hoje eles não precisam mais de mim, assim, de cuidados, precisam de conversar, então eu tenho que me atualizar, gostar mais de mim e passar isso prá eles, e ensinar prá eles ser feliz!” (Rosa)*

*“eu tô começando a pensar que eu já não tenho tanto tempo de vida mais...vou levando minha vida normalmente, de vez em quando eu me pego assim...eu não preciso lutar tanto mais porque...eu conto um dia a menos, nunca um dia a mais, uma dia a menos...é assim que eu me sinto, eu acho assim, eu tô com 47, eu viver lá mais vinte anos, eu acho vinte anos tão pouco, entendeu?...” (Hortênsia)*

*“Eu tenho medo é...doença. Eu acho assim também, às vezes eu quero fazer planos, eu penso ‘prá que?’, eu não tenho tanto tempo de vida mais, eu não gosto de pensar muito não...” (Hortênsia)*

*...vou levando minha vida normalmente, de vez em quando eu me pego assim...eu não preciso lutar tanto mais porque...eu conto um dia a menos, nunca um dia a mais, uma dia a menos...é assim que eu me sinto, é o que diz a informante Hortênsia que até cogita a possibilidade de parar de tomar medicação para a depressão, no entanto tem dúvidas se pode suportar a realidade, a mesma que a faz contar um dia a menos a cada dia vivido. Heidegger afirma que o ser humano busca não pensar na sua finitude, pois entrar em contato com ela pode significar se deparar com a possibilidade da morte e a necessidade de redimensionar sua vida em torno dessa conscientização de sua própria temporalidade. A percepção de estar num mundo no qual o tempo se esvai e não avisa até quando será possível viver remete ao conceito que Heidegger descreve como compreensão do fenômeno por quem o vivencia pelo simples fato de estar no mundo, o que não implica necessariamente em um entendimento e elaboração dos significados das vivências. Pode-se pensar que a depressão apresentada pela entrevistada referida ocupa esse espaço da simbolização daquilo que*

não tem nome, que não foi elaborado, e que, sobretudo, segundo suas palavras, *eu não gosto de pensar muito não...*

O futuro com o medo da doença, a vulnerabilidade que aparece no discurso de Hortênsia ganha outros significados nos depoimentos das outras entrevistadas. Rosa vê no futuro a possibilidade de se cuidar mais, além de poder ensinar aos filhos o que é ser feliz. Dália pensa em montar serviço voluntário para tratar de doenças degenerativas, incluindo a menopausa, retomando, então, a visão de menopausa como doença e, parece buscar reparar o sentimento de insatisfação frente à sua própria vivência do climatério. O vivenciar inautêntico do momento presente faz com que as entrevistadas depositem no futuro suas esperanças de reparar e superar essas dificuldades projetando nos outros, filhos e outras mulheres, seus desejos não alcançados no momento presente.

Margarida refere-se à preocupação com o futuro dos filhos entre as suas expectativas de futuro, além de almejar encontrar um companheiro que, preencha suas necessidades afetivas, seja companhia, e não necessariamente seja parceiro sexual. O desejo pelo encontro com o homem que supra as necessidades afetivas persiste e parece impossível de ser alcançado, como diz a própria informante, tendo em vista que parece ser aquele mesmo modelo de idealização da juventude que diz que características o outro deve ter sem haver a responsabilização pelas próprias características interferindo em um relacionamento.

*“Não existe meio de verificar  
qual é a boa decisão,  
pois não existe termo de comparação.  
Tudo é vivido pela primeira vez  
e sem preparação.  
Como se um ator entrasse em cena  
sem nunca ter ensaiado.  
Mas o que pode valer a vida,  
se o primeiro ensaio da vida já é a própria vida?  
É isso que faz com que a vida pareça sempre um esboço.  
No entanto, mesmo ‘esboço’ não é a palavra certa  
porque um esboço é sempre um projeto de alguma coisa,  
a preparação de um quadro,  
ao passo que o esboço que é a nossa vida  
não é o esboço de nada,  
é um esboço sem quadro.”*

Milan Kundera

CAPÍTULO VII

A TEMPORALIDADE E A SINGULARIDADE DA  
MULHER NO CLIMATÉRIO

Frente à multiplicidade e riqueza de vivências compartilhadas pelas informantes em suas entrevistas pensa-se nos fragmentos, na colcha retalhos que se torna bonita após sua montagem em função da diversidade de cores e formas. Dentre os vários aspectos analisados a partir dos discursos, o relacionamento com o parceiro/marido aparece permeado pela idealização antes do casamento, que significaria ter encontrado o par ideal para compartilhar experiências e responsabilidades, mas realidade pesada toma forma depois do casamento invadido e maculado por brigas, mágoas e decepções, enfim, produtos de expectativas distantes da vida real. A constatação de traições e o alcoolismo faz cair por terra o sonho de serem felizes para sempre até que a morte separe, dando espaço para uma verbalização da vivência da solidão e da carência dentro da instituição casamento. A expectativa de estabelecer um diálogo genuíno é contrário à realidade da dificuldade de comunicação que se consolida entre as mulheres e seus parceiros.

O desejo está vinculado à vontade de reconhecer no parceiro o afeto, a possibilidade de troca de carinho, de diálogo, no entanto, o papel da mulher aparece vinculado ao daquela que serve ao marido e, à parte de suas vontades, deve estar sempre pronta para servi-lo sexualmente.

A vivência da maternidade surge como algo que afasta do companheiro, inclusive sexualmente, e exacerba situações de rejeição e agressão física, situando a gestação como algo sagrado e que deve ser respeitado pelo homem. Hortênsia refere-se à maternidade como o melhor momento da vivência feminina.

Como já foi dito, constatações de traição e o alcoolismo interferindo no relacionamento conjugal e, chegando até mesmo, a destruí-lo, além de histórias de espancamento, e a falta de comunicação adequada entre o casal, compõem o cenário relatado pelas informantes em suas vivências com os companheiros.

A falta de diálogo e o fato de, socialmente, ser, ainda, esperado que quem tem de ceder no relacionamento é a mulher, faz com que, suportando

até certo ponto, as solicitações do parceiro, a mulher vai acumulando experiências negativas no decorrer do tempo.

O relacionamento com o parceiro, mantido, predominantemente, em um existir inautêntico, como descrito por Heidegger, faz com que as entrevistadas, não se sentindo satisfeitas com as suas vivências, descubram em si a angústia de se deparar com uma 'realidade-pesadelo', tomando consciência de sua própria insatisfação em suas vivências afetivo-sexuais. Durante as entrevistas, refazendo esse trajeto de um ser-mulher no mundo pode-se observar a reflexão que se deu com o passar dos anos, e a reconstrução de seus discursos no decorrer de suas vidas, a partir de sua experiências e, sobretudo, a partir de sofrimentos experienciados.

O climatério situa-se, muitas vezes, nesse momento de reflexão, em que o repensar sobre os relacionamentos afetivo-sexuais traz consigo as idealizações do passado, a realidade do presente e o desejo por um futuro no qual haja espaço para a troca afetiva e o diálogo verdadeiro.

A dupla jornada de trabalho, a vivência como profissional significando uma maneira de ter uma satisfação consigo própria, aliada à percepção de que os filhos cresceram e sua "missão" foi cumprida com relação à vivência da maternidade são experimentadas. Quanto à religião, esta é colocada no lugar daquilo que alivia a depressão, conforta, aquilo que indica um caminho a ser seguido entre os problemas. Em outros momentos, é a medicação que aplaca a depressão, o desespero, a angústia.

O sentir-se mulher e compartilhar isso com um companheiro é o ideal. A realidade é marcada por vivências de rejeição e de mágoas recíprocas, em uma troca afetiva e sexual que vai minguando, ou *"acabando sem palavras..."*

No futuro existe a esperança de haver a reparação desse período "atroz". Ajudar outras mulheres a vivenciarem de forma digna a menopausa fornecendo informações e orientações a respeito, além do desejo de que homens cuidem mais de sua própria saúde, estejam mais dispostos para trocas afetivas e sexuais cabendo, ainda, lugar para reconciliações, novas possibilidades de vivência do climatério com a chega da aposentadoria que,



como pontua BRUNS & ABREU (1997) com a chegada desta há um certo desencanto por não conseguir gerenciar a vida sem a ocupação profissional, mesmo que esta tenha sido desprazerosa. Percebe-se, então, uma idealização, novamente, por parte das entrevistadas que projetam no futuro o bem estar, negando assim, sua temporalidade e a finitude do ser. Assim, também, negadas com a religião, com o uso de remédios e lapsos de memória.

A medicalização do climatério respalda a visão do senso comum, e muitas vezes introjetada pelas entrevistadas, de que menopausa significa doença. O vivenciar inautêntico, de forma geral, verificado nos depoimentos remete a uma pobreza de modelos para vivenciar de maneira plena e prazerosa essa fase da vida. No Império Romano, a expectativa de vida das mulheres rondava em torno de 25 anos. No início do século XX girava em torno dos 50 anos para mulheres brancas e 35 para as negras, nos EUA. Na década de 90, chegou aos 80 anos nos países desenvolvidos e aos 66 anos no Brasil. É algo novo e, ainda, impreciso definir-se essa fase da vida. Cronologicamente há autores que dirão que ocorre entre os 40 e 50 anos, outros entre os 45 e 55 anos, além de poder vir marcado por alterações físicas e psicológicas que variam de uma mulher para outra dando um caráter singular à experiência vivida.

É na temporalidade que essas entrevistadas se encontram e, sendo contemporâneas têm como variáveis e modelos de conduta como mulher, mãe e profissional determinadas expectativas que as aproxima. A vivência desses papéis aparece relacionada com o outro, com a satisfação do outro em primeiro lugar. Mas, no climatério, os filhos cresceram e o marido já não pode ser visto como o príncipe encantado idealizado pois ele já decepcionou e frustrou expectativas altas demais. Assim, não mais é possível não enxergar a realidade vivida de forma inautêntica e com um humor, de acordo com Heidegger, o sentimento da pessoa na situação vivida, alterado. A superficialidade no casamento que somente existe no “papel” faz parte de uma existência que se deixa controlar pela impessoalidade dos relacionamentos e, alienada, manifesta sua insatisfação em forma de um

discurso de sofrimento e continuidade da idealização projetando no futuro a resolução de problemas e a tão aguardada felicidade.

Assumir o que Kundera propõe, esse esboço da vida como a própria vida, assumindo os riscos de errar e acertar, sem fazer do outro depositário de todos os desejos e prazeres, resgata a possibilidade de que possa haver projetos de vida para além do casamento, para além dos filhos e que digam respeito simplesmente de mulheres que se dispõem estar-no-mundo com outros para um vivenciar mais autêntico sem se anularem enquanto seres humanos podendo vivenciar a maternidade e a feminilidade sem a expectativa de encontrarem um mundo perfeito. Heidegger diz que a fonte da angústia é o mundo como tal e o que a inspira é a própria possibilidade de ser-no-mundo em contrapartida com a perspectiva de finitude do ser.

CAPÍTULO VIII

*“A hegemonia de sentidos negativos atribuídos à menopausa, detectados nas falas das mulheres e assumindo conotações mais depreciativas nas falas dos homens é resultante de vários fatores dentre os quais podemos citar: o processo de medicalização da menopausa, a idéia de crise cristalizada como algo inerente a esse período, as relações de gênero e poder e a conotação negativa dada ao envelhecimento na cultura ocidental.”*

*Vera Menegon*

## HORIZONTES:

### UM CORPO APRISIONADO EM BUSCA DE LIBERDADE

Este trabalho não esgota a temática em questão, e não tem mesmo esta finalidade. Não se trata de um discurso acabado, pronto, e sim de um discurso que procura ser pertinente com sua temporalidade, segundo o momento histórico em que se inscreve.

A intencionalidade de quem pesquisa e se debruça sobre o que as entrevistadas presenteiam em seus relatos, num primeiro momento, faz mergulhar em 'águas' desconhecidas e experimentar um transbordamento de conteúdo, uma infinidade de nuances sobre o fenômeno experienciado que parecem não ter fim.

O sofrimento feminino velado, e revelado, mostra uma história de construção da identidade da mulher no mundo contemporâneo, uma história em movimento que desconstrói a imagem da mocinha dos contos de fada para dar voz aos desejos e desilusões frente à vivência da realidade da mulher de carne e osso.

O corpo aprisionado é aquele que se submete ao outro, que se cala, espancado, que sufoca sua libido em nome de valores introjetados. No entanto, uma "alma", uma voz insatisfeita, pronuncia-se. Esse corpo de mulher que se desvela não consegue estabelecer, na maior parte do tempo, a relação autêntica com o outro. Deixa para reatar os vínculos amanhã, ou entrega esse possível prazer nas mãos do outro. O corpo não é livre, talvez porque ainda não foi capaz de assumir sua própria vulnerabilidade, e sua co-autoria nos relacionamentos afetivo-sexuais, além de se olhar sem medo como um ser finito que é capaz de vivenciar a angústia da percepção de sua vulnerabilidade para poder olhar o outro com mais tolerância, disponibilidade e, sobretudo, amor.

Corpos aprisionados pelo medo de reviver experiências do passado (tão presentes) de sofrimento, de dor, de frustração, por sonhos soterrados

com traições e mágoas trocadas. A sexualidade aprisionada em um corpo que não se atreve se oferecer, a não ser em nome do amor, tem entraves em conciliar o próprio desejo e a frustração que o outro provoca no dia-a-dia.

Nesse momento em que o corpo mais uma vez se transforma, aparece, nos discursos, a representação do fim, de que é momento de contar menos um dia de vida a cada novo amanhecer, ou, para outra, a representação da liberdade, a possibilidade da vivência plena da sexualidade sem a preocupação de uma gravidez. Para todas, dificuldades com os parceiros. Então, como tornar esses corpos livres já que se encontram aprisionados por rótulos, expectativas e vivências passadas?

Algo é certo: fazer do outro depositário de todo desejo pode torná-lo muito importante e poderoso, além de destruidor. Entre as informantes há aquelas que lutaram por seus casamentos, as que desistiram, as que se calaram frente à postura do marido, as que foram trabalhar para sobreviver, manter e educar os filhos e ter alguma satisfação consigo mesmas.

Essa mesma mulher toma remédio para diminuir calores, para melhorar o humor, além de cuidar de seu corpo com atividade física e dietas. Anula-se em nome dos filhos, da dupla jornada de trabalho, o que de fato parece tentar conter seu contato com a temporalidade, com a angústia do ser em sua finitude.

A reflexão sobre a brevidade do tempo, o escoar do tempo vivido por entre os dedos, sem volta, surge em breves momentos. Essa angústia fica “debaixo do tapete”, não é pensada para não ser sentida. Até mesmo quando Margarida se refere à chegada da velhice diz que esquece as coisas, parecendo até que esse é o momento para se esquecer mesmo. O experienciar do envelhecimento aparece por intermédio da voz insatisfeita.

Este trabalho busca ser uma reflexão sobre esse sofrimento relatado, acenando com a possibilidade de se dar um salto qualitativo em nosso dia-a-dia com menos culpas e mais cumplicidade e simplicidade.

Será que a mulher no mundo contemporâneo está preparada para envelhecer com plenitude, graça e leveza, sabendo perceber e experienciar com dignidade o climatério?

Vale lembrar que essa história feminina não é escrita sozinha, existem co-autores homens que também, com suas dificuldades afetivo-sexuais e profissionais buscam também, na maior parte das vezes, solitariamente maneiras de se ajustar à realidade. Que seja possível o exercício de se colocar no lugar do outro, deixando de colocá-lo no lugar de algoz para serem tomadas co-responsabilidades pelas situações vivenciadas para, somente assim, tornar-se possível o diálogo autêntico, tão desejado, mas, geralmente, tão distante.

Terminar com a esperança de que, mais do que encontrar somente aspectos com conotações negativas sobre esse período de vida, do ponto de vista de quem o vivencia, é possível dizer que a perspectiva de vivenciar o ser-mulher em sua plenitude e prazer e, experimentar o sentimento de liberdade frente ao climatério pode ser parte de uma autoria saudável e possível de uma vida que se estabelece em sua brevidade e singularidade, pairando sobre valores vigentes e aprisionadores.

# REFERÊNCIAS

# BIBLIOGRÁFICAS

ANDREWS, W.C. *Approaches to talking a sexual history. J-Women-Health-Gend-Based-Med.*, Suppl 1: S21-4, 2000.

ARANHA, M.L.A.; MARTINS, M.A.P. *Filosofando: introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1986.

BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEAUVOIR, S. *A velhice*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BIANCHI, H. *O eu e o tempo: psicanálise do tempo e do envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.

BOBBIO, N. *O tempo da memória – da Senectute*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1996.

BOLSANELLO, A. *Enciclopédia pedagógica de educação sexual: a sexologia sem preconceitos*. Curitiba: Educacional Brasileira S.A., 1985.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1973.

BRUNS, M.T.A.; ABREU, A.S. O envelhecimento: o dilema humano. *Gerontologia*, v.2, n.4, p.188-190, 1994.

\_\_\_\_\_. *O envelhecimento...essa incontornável realidade humana*. *Viver Psicologia*, ano 4, n. 43, p. 11-13, 1996.

\_\_\_\_\_; ABREU, A.S. *O envelhecimento: encantos e desencantos da aposentadoria*. *Revista da Associação Brasileira de Orientadores Profissionais*, v. 1, n. 1, p. 5-33, 1997.

\_\_\_\_\_. A redução fenomenológica em Husserl e a possibilidade de superar impasses entre a objetividade e a subjetividade. (cap. 4, p.57 a 66). In: BRUNS, M.A.T.; HOLANDA, A.F. *Psicologia e pesquisa fenomenológica-reflexões e perspectivas*. São Paulo: Ômega, 2001.

BURGIERMAN, D.R. *Atração entre iguais*. *Super Interessante*, ano 13, p. 26-33, agosto 1999.

CHAUÍ, M. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. 12ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.



COSTA, L.O.B.F.; COSTA, H.L.F.F.; RIBEIRO; BAPTISTA, G.V.P.; COSTA, C.F.F. *Adesão à terapêutica de reposição hormonal*. **Reprod Clim** 14 (3): 141-144, 1999.

\_\_\_\_\_.; COSTA, H.L.F.F.; RIBEIRO, V.R.A.; ALENCAR, S.; MELO, P. S.; FILHO, V.S.; CARVALHO, R. *Identificação dos fatores de risco para doenças coronarianas em mulheres climatéricas*. **Reprod Clim** 14 (4): 190-194, 1999.

COSTA, R.P. ***Os onze sexos – as múltiplas faces da sexualidade humana***. 2ª ed. São Paulo: Editora Gente, 1994.

DENNERTEIN, L. Well-being, symptoms and the menopausal transition. **Maturitas**. Mar; 23(2): 147-57, 1996.

EISLER, R. ***O cálice e a espada***. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

EISLER, R. ***O prazer sagrado – sexo, mito e política do corpo***. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ERIKSON, E.H. ***Identidade, juventude e crise***. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FAVARATO, M.E.C.S.; ALDRIGHI, J.M.; FRÁGUAS JUNIOR, R.; PIRES, A.L.R.; LIMA, S.M.R.R. *Sexualidade e climatério: influência de fatores biológicos, psicológicos e sócio-culturais*. **Reprod Clim** 15 (4): 199-202, 2000.

FERNANDES, A.F.C.; SOARES, G.M.P.; SOBREIRA, T.T. *O significado da menopausa e os fatores que interferem no relacionamento sexual da mulher*. **R. Bras. Enfem, Brasília**, v. 48, n.4, p. 415-422, out./ dez. 1995.

FIGUEIREDO, S.C.S. *Abuso de Pessoas Idosas na Família: Um Ensaio*. **Gerontologia**. v.1, n. 3, p. 126-135, setembro 1998.

FORGHIERI, Y.C. *Levantamento e classificação de pesquisas fenomenológicas no campo da Psicologia*. **Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia**. v. 4, n. 3, p.7-19, 1984.

FOUCAULT, M. ***História da sexualidade humana III – o cuidado de si***. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FRANCHETTO, B. et al. (org.). ***Perspectivas antropológicas da mulher 2***. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.

FREUD, S. **Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor**. Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol 11, 1912.

\_\_\_\_\_(1932). A Feminilidade. In: CHASSEGUET-SMIRGEL, J. **Sexualidade Feminina**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

GILES, T. R. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. v.1. São Paulo: EPU (Editora Pedagógica e Universitária), 1975.

GOMES, F.A.A. O Velho e a velhice – dos primeiros tempos ao início da era cristã. **Gerontologia**. v.1, n. 3, p. 145-152, setembro 1998.

GRIO, R.; CELLURA, A.; PORPIGLIA, M.; GERANIO, R.; PIACENTINO, R. *Sexuality in Menopause – importance of adequate replacement therapy*. **Minerva-Ginecol.**, 51(3): 59-62, mar 1999.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1995.

MALDONADO, M.T.P. **Psicologia da gravidez**. 4ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

\_\_\_\_\_. **Os Caminhos do Coração – Pais e Filhos Adotivos**. 3ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1997.

MARTINS, J. Contribuição da fenomenologia à psicologia clínica: Imaginação e fantasia. In FORGHIERI, I.C. (Org.). **Fenomenologia e psicologia**. São Paulo: Cortez, 1984.

MARTINS, J.; BICUDO, M.A.V. **A pesquisa qualitativa em psicologia-fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes/EDUC (Editora da PUC-SP), 1989.

MCDOUGALL, J. **As múltiplas faces de Eros** – uma exploração psicanalítica da sexualidade humana. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MONTGOMERY, M.; MARINHO, R.; SANTIAGO, R.C.; SURITA, R. *Avaliação do efeito da Tibolona (Livial) na sexualidade de mulheres na pós-menopausa*. **Reprod Clim** 15 (1): 28-34, 2000.

NAHÁS, E.A.P.; PONTES, A.; BURINI, R.C.; NAHÁS NETO, J.; TRAIMAN, P.; DE LUCA, L. *Influência do exercício físico aeróbio e da tibolona sobre a antropometria e o perfil lipídico na menopausa*. **Reprod Clim** 14 (3): 132-140, 1999.

NUNES, B. ***Passagem para o poético*** (filosofia e poesia em Heidegger). São Paulo: Editora Ática, 1986.

PITELLI, J.B. *Sexualidade no climatério: influências psicológicas e socioculturais*. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. v.8, n. 2, p. 238-253. São Paulo: Iglu Editora, 1997.

SALETU, B.; BRANDSTATTER, N.; METKA, M. et al. Double-blind, placebo controlled, hormonal, syndromal, and EEG mapping studies with transdermal oestradiol therapy in menopausal depression. **Psychopharmacology**, 112: 321-329, 1995.

SARREL, P.M.; WHITEHEAD, M.I. Sex and menopause: defining the issues. **Maturitas**, 7: 217, 1985.

SHEEHY, G. ***Passagens – Crises previsíveis da vida adulta***. 4ª ed. Livraria Francisco Alves Editora S. A., 1978.

SILVA, A.F.R. ***Corpo tutelado da velhice***. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC, 1983.

SOUZA, R.L.; FILIZOLA, R.G.; SOUSA, E.S.S.; MORAES, J.L.R. *Efeito de hormônios femininos sobre sintomatologia depressiva no climatério*. **Reprod Clim** 16 (2): 118-122, 2001.

STEINER, G. ***As idéias de Heidegger***. São Paulo: Cultrix, 1978.

TRIEB, S. F. ***Menopausa: a grande transformação***. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

TRINDADE, E. ***“Eu pai!?” A paternidade na adolescência e seu significado***. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.

VERAS, R.P. ***País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil***. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

VILLELA, W.V. ***Práticas de Saúde, Gênero e Prevenção de HIV/ Aids***. In: II Seminário - Saúde Reprodutiva em Tempos de Aids. ABIA- Programa de Estudos e Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Saúde – IMS/UERJ, p. 66-72, 1998.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto**  
**Departamento de Psicologia e Educação**  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia**  
Seção de Pós-Graduação – Fone: (0xx16)602-3675/ 602-3681 – Fax: (0xx16)633-6361/ 633-5015  
Av. Bandeirantes,3900 – CEP. 14040-901 – Ribeirão Preto – SP

## **TERMO DE CONSENTIMENTO**

**Nome da Pesquisa:**

*“Sexualidade Feminina: A vivência de mulheres no climatério”.*

**Pesquisador responsável:**

Patrícia Lopes Salzedas

**Registro Profissional:**

CRP-06/54291-1

*Sou psicóloga e estou fazendo uma pesquisa, a nível de mestrado, sobre sexualidade feminina no climatério, com mulheres na faixa etária entre 45 e 55 anos. Esta pesquisa visa compreender a vivência da menopausa por mulheres inseridas no presente contexto sócio-histórico-político, considerando a história de repressão e dominação a que estão submetidas nos últimos milênios. Sendo assim, gostaria de entrevistá-la com o intuito de colher dados para que eu possa alcançar meu objetivo. A entrevista baseia-se em sua história de vida, e a entrevistada terá liberdade para falar o que quiser, no tempo que lhe aprouver. Gostaria de esclarecer que caso a entrevistada não queira que suas informações sejam gravadas, eu anotarei por escrito o seu discurso, deixando claro que todas as informações que eu receber, por intermédio de gravação ou escrita e que forem utilizadas, será feito de forma a não permitir o reconhecimento da informante, isto é, seus nomes serão mantidos em sigilo, sendo substituídos por nomes fictícios.*

---

**PESQUISADOR RESPONSÁVEL**

EU \_\_\_\_\_

\_\_\_\_,

**RG n.º \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar desta pesquisa, tendo recebido as informações contidas no anverso desta folha, e ciente dos meus direitos abaixo relacionados:**

1. A garantia de receber a resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros aspectos relacionados com a pesquisa;
2. A liberdade de retirar meu consentimento após ter sido entrevistada e deixar de participar da pesquisa, neste caso não assinarei este termo;
3. A segurança de que não serei identificada e que será mantido o caráter confidencial da informação relacionada com minha privacidade;
4. Que se existirem gastos adicionais estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

Tendo ciência do exposto acima, subscrevo este documento.

Campinas, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**ASSINATURA DA PARTICIPANTE**

**DADOS DE CLASSIFICAÇÃO (LPM E Marplan, 1991):**

A- Quem é o chefe-de-família aqui (lá) na sua casa?

( ) a própria entrevistada                      ( ) outrem: \_\_\_\_\_

B- Qual foi o grau de instrução mais alto que \_\_\_\_\_ (CHEFE-DE-FAMÍLIA) obteve?/  
Qual o último ano de escola que o (CHEFE-DE-FAMÍLIA) cursou?

	PONTOS ABIMEPE
Não estudou	
Primário incompleto	0
Primário completo	
Ginasial incompleto	5
Ginasial completo (ensino fundamental)	
Colegial incompleto	10
Colegial completo (ensino médio)	
Universitário incompleto	16
Universitário completo	21

C- Na sua casa tem... (cada item abaixo)

	<u>NÃO</u>	<u>SIM</u>
Aparelho de vídeo cassete/VCR	( )	10
Máquina de lavar roupa	( )	8
Geladeira	( )	7
Aspirador de pó	( )	6

D- Quantos...(cada item abaixo) existem em sua casa)?

Número de itens possuídos/pontos

	<u>Nenhum</u>	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>5</u>	<u>6 e mais</u>
Carros.....0	4	9	13	18	22	26	
TV a cores.....0	4	7	11	14	18	22	
Banheiros.....0	2	5	7	10	12	15	
Empregada mensalista.....0	5	11	16	21	26	32	
Rádios.....0	2	3	5	6	8	9	

CLASSES:

- A (89 pontos ou mais).....( )
- B (59 a 88 pontos).....( )
- C (35 a 58 pontos).....( )
- D (20 a 34 pontos).....( )
- E (0 a 19 pontos).....( )

# **ANEXOS**



# **ENTREVISTAS**

**Rapport:** 13.10.2000

1ª entrevistada: Rosa

Idade: 46 anos

Estado Civil: Casou-se em 1977 (casada há 23 anos).

Filhos: Refere que tem 4 filhos. Um rapaz com 21 anos; uma moça e um rapaz (gêmeos) com 18 anos; e um garoto de 13 anos.

Religião: católica praticante

Profissão: é Oficial de Escola há 9 anos. Quando se casou trabalhava como auxiliar de escritório.

Data da última menstruação: até a retirada do útero (histerectomia) há 5 anos. Refere que tinha muita cólica e que tinha mioma.

Faz uso de Terapia de Reposição Hormonal há 3 meses.

Data da primeira menstruação: aos 13 anos.

Relata que estudou até o 2º colegial, e que há dois anos fez supletivo.

P: O que eu gostaria de saber é...como é a vivência da sua vida nesse momento, assim, pensando nos seus relacionamentos, pensando na convivência em casa, no seu relacionamento conjugal, como está nesse momento da sua vida ?

E1: Ah! O meu relacionamento está normal, só que meu relacionamento conjugal...eu...faz dois anos que eu não tenho relação sexual com o meu marido, nós discutimos muito, ele me magoou muito, então nós não temos...nós vivemos como amigos. Nós vivemos em casa, tudo normal, tudo certinho, conversamos tudo, mas relação...nós não temos, então, relação sexual eu não sei como seria, dizer prá você que eu não tenho vontade...claro que tenho! Mas, procuro não pensar, procuro levar minha...prô lado mais...assim, pensar em outras coisas, mas o resto das coisas, em relação aos filhos, em relação à minha vida, ela tá boa, tá normal.

P: Como assim, o que acontece nesses dois anos no seu relacionamento conjugal ?

E1: Entre eu e ele !?...Ah! Foi que...muitos anos atrás, por coisas passadas, que foi vindo à tona, e não tem conserto, e vai acumulando, e vai coisando, então, acabou! Um relacionamento que...sei lá, não tenho afinidades mais com ele.

P: Afinidades sexuais ?

E1: É! Sexuais. Em outros lados, acho que em outros campos, nós somos normal. É esquisito, mas é (risos)...foi uma coisa que aconteceu e, não sei explicar como é que foi, ele foi me deixando, me magoando muito com palavras, então, eu sou do tipo de uma pessoa que eu só tenho relacionamento com uma pessoa, eu só me dou bem com uma pessoa, se a pessoa me trata bem, tanto é que quando a gente tinha uma relação normal eu só sabia ter..., eu só podia bem ter relação com ele quando eu tava de bem com ele, quando eu tava de raiva ou com algum ressentimento eu nunca tive, eu sempre me reservava, então, isso aí dificultou mais ainda por eu ser do jeito que eu sou. Eu sou muito, assim, espontânea, sou muito...sou sincera, então, eu não me sinto bem em ter uma relação com um pessoa mesmo que sejam outras coisas que não for...se eu não tiver de bem daquela pessoa.

P Então, parece que você está dizendo que teve um motivo...

E1: É, teve um motivo, teve um motivo prá mim me afastar dele. Ele também se afastou de mim, então, a gente nem comenta, nem comenta, vive aquilo ali...não sei se ele sente alguma coisa, não sei, nós não conversamos sobre isso.

P: Nesses dois anos ?!...

E1: Nesses dois anos! Faz dois anos! Por isso que eu, depois que eu fui na médica, na doutora lá, na doutora M. e ela viu que eu precisava conversar com eles lá, né, aí que eu fui lá e eu tô me sentindo bem lá eu posso abrir a boca (risos)...porque eu não tenho, assim, com quem conversar, eu não tenho a minha mãe, não tenho...tenho uma irmã, mas a minha irmã é muito faladeira, então, eu não tenho assim com quem conversar, tenho só uma

filha, e a minha filha só tem 18 anos, eu não vou passar esses problemas prá ela, né.

P: E eles sabem do que está acontecendo ?

E1: Eles sabem...eles, eles calculam que está acontecendo alguma coisa, mas eles não perguntam, mas eles não perguntam se eu tô tendo uma relação normal com o pai deles...eles vêem que o que eles vêem por aqui durante a nossa convivência, a gente partilha de tudo, das crianças, da educação, de casa, conversa de tudo, agora lá dentro do quarto eles não sabem, eu nunca comentei com eles, nunca falei prá eles que não acontece nada, então, eles não perguntam, e já são adolescentes, né, não tem mais essas curiosidades, eles mesmos calculam na cabeça deles o que tá se passando, e nunca quiseram conversar e perguntar, então, vai assim, levando, até quando eu não sei.

P: Você sente que mudou alguma coisa nesse período da sua vida, mudou alguma coisa com você, no jeito de você sentir as coisas ?...

E1: É, fiquei mais ma...mais consciente, cresci, assim, amadureci mais os meus pensamentos, os meus direitos, eu acho que eu tenho os meus direitos, antes eu não pensava que eu tinha direito, então, depois que eu comecei a perceber que eu tenho direito, eu sou uma pessoa, então eu acho que todo mundo tem o direito de viver, e eu achava que eu não vivia...porque ele fazia, porque eu ficava só dentro de casa. Eu comecei a trabalhar, foi a melhor coisa que aconteceu prá mim...há nove anos que eu trabalho, mas prá mim trabalhar deu o que fazer também...tive que passar por cima de muitas coisas com ele, e eu consegui, eu conquistei um espaço meu, mas daí foi esfriando porque ele me criticava, ele jogava na cara, até praga ele rogava quando eu ia trabalhar...ah! ele falava que..., que quando eu fui trabalhar esse pequeno meu tinha quatro anos, então, ele ficava de manhã, eu levava ele prá creche e de tarde ele ficava com os outros menor, de nove anos, e ele voltava bravo, falava que um dia ele ia chegar aqui e ia ter um morto e eu que ia ser a culpada. Então, eu trabalhava desse jeito, me desgastei, mas isso aí eu fui percebendo na minha cabeça, continuava o relacionamento com ele normal tudo, mas eu fui crescendo, eu fui

percebendo que eu sou...eu tinha que viver, ele não tinha o direito de proibir eu de nada, se ele podia trabalhar, porque que eu não podia trabalhar, se eu dava conta da casa e do meu trabalho, agora se eu largasse tudo e ficasse “a la vontade”, que eu não cuidasse dos filhos, aí podia criticar, mas assim mesmo ainda eu acho que eu tinha o direito, então, foi o que aconteceu, e foi esfriando, foi acabando, ele foi achando que eu tava mudada, ele foi achando que eu tava...assim, muito independente, ele até fala até hoje que o que mudou eu foi a escola, que eu aprendi muita coisa lá, e não foi, foi ele próprio, ele não entende que foi ele próprio com as atitudes dele, com, assim, com os pensamentos dele, as conversa dele, ele próprio que foi ensinando eu, ele que foi fazen...ele que fez com que eu crescesse, ele fazendo essas atitude eu tive força de crescer com aquilo que ele tava me passando prá mim, e assim foi. Agora, hoje eu me sinto bem mais forte, hoje eu...hoje eu sou capaz de até de...a gente discutiu um tempo atrás e ele sugeriu que a gente separasse, e eu falei prá ele, eu aceito, só que daí ele pensou que eu não ia aceitar, quando eu falei que eu aceitava, aí ele pulou fora, entendeu ? Então ele...ele sabe que eu me tornei forte, que tudo isso que ele fez prá mim me deixou eu forte. É porque ele me magoou muito, ele foi uma pessoa que só pensava nele, ele falava muitas coisas, ele...que nem, antes, eu não me cuidava, hoje eu me cuido bem, eu me visto bem, eu me pinto, eu me sinto bem comigo mesma, faço ginástica, ando, então hoje eu me cuido, antigamente que eu era mais nova eu só cuidava dos meus filhos, só dos meus filhos eu cuidava, no tempo que eu fiquei dentro de casa. Minha casa era uma coisa, meus filhos uma beleza. Meus filhos sempre bem tratados, todo mundo falava, ‘nossa, que crianças!’, eu me sentia feliz, só que eu não cuidava de mim, eu achava que eu tinha...era uma gata borralheira, eu tinha que ficar dentro de casa trabalhando, e prá ele tava ótimo. Aí quando ele...saía. Quantas vezes ele me deixou, eu aqui sozinha, ele viajava prá R., que ele gosta muito de rodeio, ele, até hoje, ele foi prá B., ele fica cinco dias lá, só que ele vai prá...hoje, ele vai sozinho, ele levou um filho dessa vez, mas sempre quando os meninos eram pequeno ele largava eu com os quatro aqui e passeava, ia prá P., ficava quatro, cinco dias, nem

queria saber se tava vivo, se tava morto...e eu sempre ali, sempre falava amém, não criticava, não falava nada, quando eu ia falar, falava não tá certo isso, você acha que tá certo ?...ia criticar alguma coisa...sempre saiu de noite, sempre foi prá rua, passear com..., beber com os amigos, quando eu chamava atenção ele falava que prá ele tava bom e que eu desse meu jeito. Se prá mim não tivesse bom que eu desse meu jeito, então eu dei, eu escutei a palavra que ele deu, então foi ele próprio, ele culpa a escola, mas não foi a escola, foi ele próprio que me deu força...eu fui pegando as palavras dele, fui guardando, fui pensando, e falei não, eu vou chegar lá...eu vou, até que eu cheguei. Até que eu tive força e enfrentei ele que eu queria trabalhar. Foi assim: nós mudamos aqui, nós morávamos em outro bairro, daí quando nós mudamos aqui, as crianças tinham que estudar na escola, aí eu matriculei eles...era ainda dentro da gráfica até...eles entraram aí, tudo bem...quando mudou para a escola grande, eu fui lá, aí tinha lá um cartaz 'concurso público tal', eu tinha o meu pequenininho, ele era pequenininho, né, aí tava lá escrito 'concurso público'...eu sempre gostei de estudar, sempre gostei de fazer prova, eu gosto de ser desafiada em prova prá mim me sentir... sabe, eu me sinto bem quando eu tiro uma nota, sempre fui assim na escola, e eu fui, daí eu falei, vou fazer esse exame, vou fazer essa prova, esse concurso...fui escondido dele, fui eu e meu pequenininho...lembro até hoje ele na fila chorando, e eu fiz as duas provas...eu fiz uma prá escriturário e uma prá inspetor de aluno...passei nas duas. Aí quando eu passei, eu falei...tenho que contar, né ? Aí foi na hora que eu contei prá ele, daí eu tive que fazer uma prova de datilografia, daí eu escolhi escriturário que era mais, mais assim, a minha área, que eu gosto mais de papel, só que eu tive que contar prá ele...que era num domingo, aí ele falou, 'ah, porque não sei o que'..., começou falar coisa...eu falei, 'não, eu vou lá rapidinho, faço a prova e venho'...aí eu fui fazer a prova, passei na prova, passei com 100 pontos que eu sou exímia datilógrafa, aí ele num...eu tive que adiar um mês prá mim assumir por causa de briga entre eu e ele, porque ele não queria que eu fosse, a minha sogra também não queria que eu fosse, achava que eu não ia dar conta, de casa e de meus filho pequeno.

Aí eu fui conversar com ela, falei 'se a senhora não apoiar eu, eu vou largar do seu filho por causa do trabalho, que agora eu tô determinada que eu quero trabalhar, eu tenho capacidade, eu percebi que eu tenho capacidade, que eu posso ser útil, né ?...Aí, ela pegou, viu que eu tava decidida, aí ela aconselhou o filho dela... 'deixa ela ir só prá ver se ela vai aguentar!'...aí ele veio e falou que tudo bem...aí eu ia trabalhar debaixo de xingo...eu ia trabalhar...eu não entrei aqui (aponta para uma escola que fica na rua paralela, seguinte, a sua casa, sendo possível ver de sua residência), eu entrei lá na 31...aí, porque não tinha vaga aqui. Fui lá, trabalhei oito meses lá, então eu ia, levava meu filho comigo cedo, depois eu ia com o carro dele, porque ele tinha que vir almoçar em casa né, e eu não tinha carro nessa época...aí eu trazia meu filho aqui em casa, almoçava, e levava o carro prá ele no serviço dele e ia de volta prá escola a pé...fiz essa vida oito meses. Daí consegui a vaga prá cá...mas consegui prá cá, daí tô aqui desde 92 e ele sempre falando, e ele sempre fala, e eu fui crescendo, aí você vai trabalhando e a sua cabeça vai abrindo...porque você escuta uma conversa aqui, você sente que você é capaz...eu trabalhava em casa, nunca tive empregada, cuidei dos meus quatro filho, eu concilio os dias da semana prá mim lavar, passar, faço tudo isso, e fui crescendo, e fui pegando o meu dinheiro, fui pondo dentro de casa, fui fazendo as coisas porque, quando eu pedia prá ele, por exemplo, ai, queria comprar...mulher tem vaidade, quer ver a casa bonita, às vezes eu falava 'quero trocar de estante'...ele 'ah, não tem dinheiro agora, é besteira'...ele nunca foi prá esse lado, então, eu comecei a eu comprar, eu comprar e eu pagar, aí ele achava o cúmulo, né... 'onde já se viu isso, a minha mulher e fazendo isso...', aí eu falava 'não, mas eu não tô jogando dinheiro fora, é prá nós, é prá nossa casa, é pra nós'...e até hoje eu faço isso. Então, hoje eu arrumo a casa, eu organizo, eu faço o que eu quero porque é eu que vou pagar, então, eu peço prá ele sim, a parte dele, o que é parte dele e tudo...daí vai, mas aí ele foi se afastando, e ele continuou na mesma vida, ele nunca tentou mudar, e isso aí foi me deixando...há dois anos...faz dois anos...foi por causa de uma briga...foi por causa de uma briga, naquela mesa na minha copa (aponta para a mesa) que

ele me desrespeitou na frente de...da minha irmã, da minha irmã e do irmão dele. Ele falou umas palavras que me magoaram muito, então, daí daquele dia eu falei prá ele, porque ele disse prá mim, nós estávamos conversando, uma conversa assim, e ele falava que eu gastava muito, e que todo mês eu tinha prestação prá pagar e eu pedia prá ele. Era 150 reais porque eu tenho quatro filho, o que eu ganho, que eu sou funcionária pública, não dá prá mim dá regalia prôs filho né, ele tinha que dar, então ele dava os 150 prá mim comprar as coisa dele...ele nunca comprou nada prá ele, eu que sempre comprei tudo né...e ele diz, naquele dia ele jogou na minha cara que ele...que eu gastava muito, que ele tinha que dar aquele dinheiro, aquela quantia todo mês e onde eu enfiava aquele dinheiro...daí eu falei prá ele, 'eu não jogo dinheiro fora, tudo que a gente compra é prá arrumar a nossa casa'...até meu cunhado falou 'mas que ela não...você tá vendo a melhoria que ela faz!...é prô seus filhos, seus filhos anda bonito, sua casa tá bonita, você não acha certo ?'...aí ele começou a falar, daí eu falei prá ele assim, 'não, ele quer que eu faça as coisas e com que dinheiro'...daí ele disse prá ele que eu não passava de uma empregada dele. Aí eu falei prá ele né, falei assim 'então, de hoje em diante eu não vou passar de uma empregada prá você!'...e daquele dia em diante...Eu sou uma pessoa assim, que se eu falar prá você que eu vou fazer isso, eu faço, eu demoro prá mim fazer, eu sou um pouquinho ruim, mas eu sou assim, sou sincera, não minto, falo o que eu tenho vontade, falo o que eu quero...penso, se eu vou falar alguma coisa que for magoar você eu penso, mas falo outras coisas com outras palavras...e naquele dia que ele me magoou, aí daquele dia em diante eu me afastei, e ele também num...ele percebeu, ele notou que eu me afastei dele, e ele...eu comecei esfriar, não procurei mais ele, e ele foi procurando menos ainda. Quando ele me procurava tudo bem, eu.(pausa)..fazia, como se fosse normal, mas eu não participava... e ele foi percebendo, daí acabou sem palavras, assim, uma coisa que até hoje não tem conversa, sobre isso não tem.

P: O que vocês conversam é sobre as coisas da casa ?



E1: Só. Sobre coisas de casa, e dos filhos, se tem algum problema eu falo 'ó, tá acontecendo isso!', se eu preciso de alguma coisa eu falo..., por exemplo, a minha máquina quebrou eu falo prá ele 'a minha máquina quebrou, vai dar prá você pagar prá consertar?', daí ele fala 'vai'..., e nós conversamos normal, dormimos na mesma cama, só que ele no canto dele e eu no meu canto...se ele encosta perto de mim ele tira, eu procuro não encostar...a gente vive como dois amigos, então, não tem...então, pode ser que, que nem eu falei uma vez lá com a doutora F., eu conversei uma vez sobre isso lá, que surgiu o assunto, ela perguntou como ia e eu contei, aí ela perguntou, 'mas e se ele te procurar você vai aceitar?'...daí eu falei 'ah, depende, se ele conversar comigo primeiro, expor os sentimentos dele, que ele gosta de mim, aí...assim, se ele conversar comigo e eu me sentir bem com a conversa dele, pode ser até que role, entendeu? Porque, afinal de contas a gente mora na mesma casa, ele é meu marido, ele é uma pessoa, faz quantos anos que eu moro com ele, né?...Então, eu penso só que ele...vai ser difícil, vai ser muito difícil, ele é muito, ele é muito machão, ele é muito...ele foi criado, assim, que ele acha que ele que manda, a hora que ele quer, como ele quer, então, eu acho que vai ser difícil, então, da parte dele, e da minha parte também vai ser difícil porque do jeito que eu tô esperando que ele venha primeiro, eu não vou ser a primeira, tenho certeza, então fica assim mesmo.

P: E você acha que teve algum motivo prá você mudar de atitude, algum motivo especial para mudar de atitude, ir trabalhar, foi o anúncio lá, ou alguma coisa a mais?

E1: Ah! Foi o anúncio, me chamou atenção porque eu gosto, e que eu achei que eu podia mudar de vida, que eu achava que, sinceramente, como eu vivia, dentro de casa, sozinha, eu achava que eu não, eu parei de trabalhar por causa que ele não deixou eu voltar mais quando nasceu meu primeiro filho, também ele sentia...eu sempre tive aquela vontade de voltar a trabalhar, sempre gostei de trabalhar prá fora, eu sempre gostei de ser útil, de fazer alguma coisa, e eu achava que meus filhos estavam crescendo e eu ia ficar sozinha, eu achava que eu ia perder eles porque eles estão

crescendo e cada um vai prô seu lado que nem agora, então, eu só tenho esse e daqui uns dois anos esse também não vai ficar mais comigo...os outros eles saem, eles trabalham, eles moram aqui, mas a gente não vê quase, porque um entra, outro sai, chega de noite, um vai dormir, o outro tá na escola, aí sai, cedo vão trabalhar, a gente se vê, se cruzando só fim de semana e eu achava assim que eu tinha que ter um sentido na vida...meu marido distante de mim, que ele era rueiro, meus filhos era pequeno, eu tinha eles, naquela época eu tinha eles perto de mim, só que eu pensei assim, eles vão crescer, eles vão crescer e eu vou ficar sozinha, não vou ter um...uma...o que na vida, não vou ter uma coisa com que me preocupar, já pensou eu ficar que nem agora, se acontecesse tudo isso e eu ficasse sem meu serviço...eu enlouquecia...eu ia ficar pensando, só pensando besteira, e enquanto eu tô trabalhando eu penso no meu serviço, não penso na minha vida, que eu sou do tipo da pessoa que eu falo 'quando eu passo do portão prá dentro da escola eu esqueço que eu tenho casa, e quando eu saio do portão prá fora da escola, eu esqueço que eu tenho escola'...eu sou assim, eu sei dividir as coisas, então, eu sei que eu ia me sentir sozinha...aí eu falei 'não, tá na hora de eu procurar um rumo na minha vida!', aí foi quando apareceu a oportunidade, eu fui lá, lutei e consegui, e hoje eu tô feliz, lá eu tô feliz, pelo menos eu faço aquilo que eu gosto, eu tô do lado das crianças...eu tô meio gripada, ainda começo a chorar (risos, entre lágrimas)...e eu gosto das crianças, e elas também gostam muito de mim...

P: O que que te faz chorar, essas lembranças ?...

E1: É. Quando eu lembro...então, quando eu lembro daquilo que eu acho que podia ser diferente, né, eu acho que se a gente conversasse mais, tivesse mais diálogo, eu acho que seria diferente, mas não foi...

P: O que você pensa assim 'quando lembro podia ser diferente', lembra de que?

E1: Das conversas que eu tinha com ele, assim, que era só discussão, não podia ser discussão, podia ser conversa...com ele não tem conversa, ele discute muito, ele acha que só ele que é o certo, se ele falar que isso aqui é pau, eu tenho falar que é pau, ele não aceita que a gente seja contra ele, ele

é uma pessoa muito ignorante, ele é...até com os filhos ele é, minha filha fala 'mãe, eu tenho medo de conversar com o pai'...porque ele não conversa, ele já expõe o que tem que ser e acabou, então, ele se sente assim muito...ele foi muito ferido porque eu enfrentei ele, ele sente que eu não devia ter feito isso...

P: Antes não era assim, você concordava com as coisas que ele fazia ?...

E1: É. Antes eu concordava com tudo, eu não fazia nada, eu ficava dentro de casa, ele fazia o que ele queria, hoje, até sozinha eu saio, até sozinha...sexta-feira eu saí prá tomar um chopp e ele não gostou porque ele tá doente e ele não tá saindo agora ultimamente, ele tá com a pressão alta, ele tá com triglicérides, ele tá com um monte de coisa, então agora ele não pode mais beber, né, e eu agora eu posso, que nem eu falei prá ele 'você se desgastou sem mim, eu me guardei, hoje eu tenho saúde, hoje eu tô inteira, graças a Deus, a única coisa que eu tenho é falta de hormônio mas isso é normal'...mas eu já fiz todos exames, eu tenho saúde, sou uma pessoa normal, posso me diverti, e você hoje não pode...eu não vou ser a sua babá, não é ? Hoje eu não posso ser babá dele, ele não foi minha babá quando eu precisava, quando ele me deixava sozinha, então hoje até eu consigo, eu consegui isso, sexta-feira eu saí, fui na B. com as minhas amigas, bebi um choppinho, vim embora meia-noite, saio, vou em aniversário, saio muito com meu filho, ele me acompanha em todo lugar que eu vou, até na B. quando eu vou ele vai junto comigo, ele gosta de ir lá também, porque lá é happyhour, tem comes e bebes, e ele gosta de comer e beber (risos)...antes, bem antes eu comecei me soltar, ir assim nos baile prá levar minha filha, porque minha filha gosta de dançar, e eu também gosto...e ele nunca me levou, toda vez que eu chamava ele...prá gente sair 'ah, vamos tomar um choppinho...', ele: 'só nós dois ?...', eu falei 'mas quem mais pode ser ?...', ele só saia de turma, só quando namorava que a gente saia sozinho, depois...e ele mudou muito depois que nasceu o primeiro filho. Eu senti, assim, que ele...eu não sei se era ciúme, não sei o que que podia ser, só sei que ele se...começou a se distanciar de mim, a gente não saia mais, a gente...ele ficava pouco, ou não conversava muito porque eu acho que eu

tava muito ocupada com as crianças, eu tive logo dois, três de uma vez, porque quando nasceu os gêmeos, o meu pequeno tinha dois anos e eu nunca tive empregada, então quem cuidava era eu, então...era três prá cuidar, e ele ficava lá...

P: Sexualmente você também sentia essa distância ?

E1: É. Porque eu tinha o costume de marcar (risos) numa folhinha assim, a menstruação, quantas vezes a gente tinha relação e ele começou a se distanciar...porque eu nunca fui muito de procurar, nunca fui muito de...eu me sentia inibida...de procurar sexualmente, eu tinha...eu acho que nem inibida é a palavra certa, eu acho que eu tinha medo de ser rejeitada, que às vezes você vai e a pessoa não quer, né, eu...porque eu nunca rejeitei, mesmo sem querer, eu achava que era minha obrigação de mulher, né, eu achava que a mulher quando tem marido tem que estar disposta...e hoje eu não penso assim...hoje eu acho que cada um tem que ter vontade na hora que quer, não é obrigado a fazer uma coisa que não tem vontade, mas naquela época não pensava assim, eu achava que tinha que...a hora que ele falasse 'é agora!', eu tinha que tá pronta...quantas vezes sem querer...então, eu achava que se eu fosse...e ele não era assim, porque ele sempre falava, às vezes, ele dizia que tava com dor de cabeça, então quer dizer que ele se desculpava, então eu nem me insinuava.

P: Você está dizendo que você sentiu que ele mudou com você depois do nascimento dos filhos, você sente que você mudou com ele ?

E1: Acho que não. Só se eu fiquei muito atarefada (risos) com as crianças e esqueci dele, só se foi isso, mas eu não mudei não. Eu fui mudar bem..., muitos anos depois, depois que eu me conscientizei que ele não tinha cura, não tinha mais conserto, que se eu não mudasse, que ele não ia mudar e a minha mãe, eu segui o conselho da minha mãe, minha mãe, no dia que ela morreu ela falou prá mim, falou 'filha, viva a sua vida porque ele nunca vai mudar!', aí foi quando minha mãe faleceu antes de eu entrar na escola, foi quando eu procurei trabalhar, eu segui o conselho da minha mãe, então vou viver a minha vida, porque eu não tô vivendo, eu vegetava, eu vivia em função dele, e da casa e dos meus filhos, eu não era...eu era feliz numa

parte, uma parte que era aquilo que eu queria, cuidar dos meus filho, mas na minha parte, intimamente, eu não vivia, como pessoa eu não tinha o meu espaço, eu não tinha, eu não sabia quais os meus direitos, eu sei que hoje, eu sei que eu tenho direito e eu batalho por ele...

P: Você estava dizendo o que motivou você a essa mudança...que caminho foi esse que você fez e como está hoje a vivência da sua sexualidade ?

E1: Prá mim é difícil responder isso prá você porque eu não tenho...não tenho prazer com ele, não tenho relação com ele, então não tenho...não tenho como falar do que eu sinto. Eu me prendo prá não soltar fora a minha sexualidade, eu prendo ela porque eu não tenho prá quem dar, não tenho prá quem me insinuar, não tenho prá que...então eu prendo o máximo que eu posso, num ponho (risos) prá fora porque eu não tenho uma relação com ele, né, então não tem como eu fazer.

P: Você sente que isso á algo com ele ?...

E1: Olha, com outro namorado eu não tive vivência sexual, foi só com ele e, com ele quando...no começo de namoro era muito legal, era muito bom, quando recém-casada, foi bom, mas depois, quando começou a toda essa vida, ele me magoando, ele me deixando de lado, essa coisa, foi esfriando, foi acabando, eu tinha...eu sempre gostei de ser diferente, sabe, assim, de inventar, de..., sempre tive, mas ele não, ele me podava, então pode ser que também até isso aí tenha influenciado, tenha me deixado raiva dentro de mim também, pode ter sido guardado, né, e agora eu com isso também eu me senti...pensei...guardei isso também na minha cabeça e acho que isso me motivou também a me distanciar dele. Ele nunca foi assim, de querer mudar, de querer...eu tinha cada idéia (risos)...uma coisa assim, né, vamos, eu sempre quis, eu sempre fui mais assim prô lado...sempre fui mais fogueta que nem diz, né, o ditado, mas ele não, ele só queria aquela...acho que...só queria só ele se satisfazer, entendeu ? Ele estando satisfeito a minha parte, à vezes, eu até chegou a época de eu querer mais e não ter mais, então, eu acho que também isso foi ficando na minha cabeça também, e ajudou um pouco, né, o relacionamento acabar. Mas, ah, quando eu pegava (risos) firme, era...quando eu falava, 'não, hoje eu vou conseguir, vou até...ficar até

o fim do jeito que eu quero', aí daquela vez eu conseguia, aí tinha dia que eu não...sabe quando você não está, só tá ali por tá ali, aí não ia prá frente, mas porque eu sempre queria, era quando eu queria, mas por ele não ia, não chegava não...porque ele é o tipo da pessoa que só ele quer ter prazer, os outros...até hoje ele fala que ele tando feliz os outros que se danem...mas hoje eu não preciso dele prá ser feliz, hoje ele é como se eu tivesse, dentro do mim, no momento, ele é como se fosse uma pessoa qualquer, que nem...se ele sair e ele chegar tarde, eu não sinto falta dele, não sinto mais, já senti, já sofri, hoje eu não sinto mais, hoje eu posso dizer...meus filhos tando dentro de casa eu não me preocupo com ele que tá na rua, só fico preocupada quando meus filhos tá na rua...mas, por ele...que nem sexta-feira, ele saiu, meus filho chegou tudo em casa, era entes da uma e pouco, ele chegou três e meia em casa e eu não fiquei preocupada...meus filho tava tudo dentro de casa, prá mim tava normal, tava bom, então, quer dizer que eu não sinto, não sinto falta dele...pode ser, que nem eu falei, se ele conversar, se ele falar de coração aberto que acontece isso, isso e isso, eu...nem pedir desculpa pelo passado que já passou, já falou, isso...uma coisa que fala nada corrige, uma coisa que sai da sua boca, acho que outra coisa não vai corrigir, já falou, mas as atitudes...pode mudar as atitudes, mudar alguma coisa no relacionamento, aí pode ser que acorde o que tá morto, mas, de outro jeito, se continuar desse jeito, ele vai até o fim desse jeito, não serei eu que vou despertar...e também lá fora não tenho...não tenho desejos, procuro, se tiver eu procuro não ter desejos, porque é claro que se eu procurar lá fora eu vou achar, né, mas eu não quero ter esse desejo porque afinal de contas ele ainda é meu marido, então eu fico...fico aqui na minha, vê o que que vai dar (a entrevistada fica muito emocionada...chora).

P: Você se emociona ao falar disso, como é isso ?

E1: Sei lá, talvez seja que eu, no fundo, dentro de mim, pode ser que eu ainda queira um relacionamento, assim, com ele (a entrevistada está chorando neste momento) porque eu acho que se (pausa)...acho que deve

existir alguma coisa, alguma coisa que tá morto, não tá morto, tá adormecido, pode ser que...se acontecer de despertar...

P: O que você está chamando que está adormecido ?

E1: O sentimento, o sentimento...pode ser que meu sentimento eu me tranquei, e pode ser que nem eu disse, se ele com palavras, com atitudes, com gestos dele, quem sabe desperte os sentimento que está adormecido dentro de mim, pode ser. Eu sou um tipo de uma pessoa que eu prefiro mil vezes um carinho do que um ato sexual completo, em primeiro lugar eu prefiro carinho num relacionamento, uma conversa, um bate-papo assim, uma troca de carinho, prefiro mil vezes, mesmo que não chegue no final, né, mas eu vou me sentir feliz, acho que vou ficar completa assim, se eu sentir um carinho, e eu nunca tive, ele nunca teve esse carinho, esse...esse diálogo, não, sempre era só aquele ato ali e acabou, então, quer dizer que eu nunca tive acho que aquilo que eu queria mesmo, mesmo antes, eu nunca tive, e às vezes eu até também quando, antes, quando eu queria que...me sentir bem no relacionamento eu pegava a mão dele e direcionava, então quer dizer que eu...ele não me fazia eu feliz sexualmente, nunca fez, porque ele só pensava nele, e a gente...cada tipo de uma pessoa é diferente, eu me sinto assim, eu prefiro mil vezes carinho, um diálogo, para depois a gente...eu acho que é até bem melhor, eu acho, eu acho que funciona melhor (risos)...a gente vai se sentir mais animada, mais cheia de si, mais cheia de idéias, tudo é melhor depois de um bate-papo, depois de um carinho e eu...eu nunca tive isso. Então, acho que tudo isso foi ajudando também, uma coisinha aqui, outra ali, e a gente vai montando as palavras e deu no que deu.

P: E seu relacionamento com as pessoas em geral ?

E1: Eu me relaciono bem com as pessoas, eu converso, e se eu tô numa roda de amigos que fala sobre sexo eu viajo, eu falo como se eu vivesse, nossa!...no auge...da sexualidade (risos) porque os outros não tem nada a ver com o meu relacionamento com ele, né, ninguém sabe e eu não vou falar isso né, então, até ele brinca também, a gente fala normal, como se a gente tivesse uma vida sexual ativa e ele brinca, fala...fala 'nossa! Dei tantas

hoje, dei num sei o que'...fala 'não, foi bom, tal, tal, eu mando vê, não sei o que...', como se fosse ativo, como se a gente fosse normal, um relacionamento normal...que as pessoas não sabem, não são todas, quase ninguém sabe disso, então...

P: E o seu relacionamento com seus filhos ?

E1: Hoje meu relacionamento com eles é melhor. Minha cabeça tá mais aberta, antigamente eu gostava que eles fossem do jeito que eu queria também, porque a convivência com o meu marido fez eu...então eu punha...passei isso prôs meus filhos, e hoje, graças a Deus, depois que eles ficaram adolescentes, eu fui abrindo a minha cabeça, e fui vendo que eles também têm os direitos deles, eles também têm pensamento, eles também têm querer, eles têm...assim como eles...eles são outras pessoas, eles têm direito de gostar de uma coisa, de não gostar daquela e eu fui mudando...hoje com eles eu sou (pausa) uma amigona prá eles, tudo que eles têm, qualquer coisa de namorada, de namorado, eles vem conversar comigo. Meu filho mais velho ele...ele fica pelado na minha frente, ele vem convers...ele pergunta prá mim as coisas...fala 'mãe, tá acontecendo isso, isso, tal', então, nós somos muito abertos eu com meus filhos, e eles não têm esse relacionamento com o pai, eles são mais, então têm mais confiança, mais assim, aberto comigo...tudo, tudo, tudo, as tristezas, se tem um...meu filho mais velho ele gosta de uma menina ali e briga e volta e briga e volta e ele fala 'ai mãe, aconteceu isso'..., 'ai mãe agora não quero mais'..., 'ai mãe não sei o que',...conversa tudo comigo...o do meio não tem namoradinha, fica na rua, mas fala, aconteceu isso, isso...minha filha tá tendo um relacionamento até meio difícil com o namorado que ela arrumou...eu tô conversando com ela, tô dando conselho, falando aquilo que a gente vê, né, e assim vai, mas eu me relaciono bem com eles. Eu acho que meu relacionamento com eles melhorou recentemente, nem foi quando eu fui trabalhar, eu era muito carrasca, muito...com medo deles errarem, com medo de acontecer alguma coisa, foi mais recente agora, acho que...e até depois que eu fui fazer a terapia lá que eu...de vez em quando eu enxergo umas coisa errada que eu faço, falo 'não, isso aí é verdade!', eu tô



me sentindo muito bem na terapia, porque lá a gente têm, assim, têm liberdade, né, prá conversar e cada uma fala suas...seu problema, e a gente tenta...tentando resolver o problema dos outros, a gente consegue resolver o da gente. Eu me senti bem, tô bem lá, e, trouxe isso prá dentro de casa e o meu relacionamento com os meus filhos melhorou bastante...Ah! Eu fiquei ruim, eu fiquei sem saber o que fazer, eu não sabia, eu ia trabalhar, eu ficava lá rodando, não sabia por onde começar porque foi quando eu tentei, eu mudar, que eu vi que o meu marido não ia mudar, ele nunca ele ia mudar e a minha mãe sempre falava que ninguém muda, você não muda a outra pessoa, e eu tentava mudar ele prá ele ser do jeito que eu queria que ele fosse, só que ele não ia ser, então minha mãe falava que a gente nunca muda outra pessoa, que quem tem que mudar é a gente, então eu falei 'então eu vou mudar!'...foi quando eu me deparei com depressão porque eu não queria mudar, eu queria ser eu, mas eu precisava mudar prá mim poder viver com ele, entendeu ? Aí foi quando eu disparafusei, eu fiquei ruim mesmo, só que ninguém percebeu, até marquei um dia com a psicóloga e perdi, esqueci o dia e não fui, mas eu comecei...fui forte, comecei rezar, foi quando eu me tornei católica praticante, aí eu acordei num Domingo sem saber prá onde ir, aquele dia onde...o primeiro lugar que eu entrasse eu ia ficar, aí eu acordei e meia 'azuada' da cabeça, eu não tava legal, eu queria sair, eu queria sair, eu falei 'eu tenho que ir prá algum lugar, eu tenho que achar algum lugar', aí eu chamei a minha filha, falei 'vamo comigo', ela 'prá onde mãe', eu falei 'não sei, eu preciso sair, eu preciso ir prá algum lugar', aí ela 'tá bom mãe', aí levantei, era de manhã, devia ser oito horas, aí eu peguei e fui...entrei no carro, que eu tenho meu carro também, me libertei e comprei o meu carro, dinheiro eu juntei, comprei um carro, dei o dinheiro prá ele, e falei 'tá aqui oh, compra um carro prá mim!', aí montamos no carro, aí fomos, mas ela falou 'onde que nós vamos ?'...eu falei 'eu não sei!', aí me veio na cabeça que eu tinha que ir para uma igreja, aí passei pela igreja, eu não sei como eu cheguei lá na M. J. P., no C., aí cheguei lá, a missa era à 9 horas, cheguei na hora da missa, entrei, e até hoje eu vou lá todo domingo e, foi lá que (entrevistada chora) a palavra...até na hora...a missa foi prá

mim, sabe, falando do seu sentimento, falando que...dando força prá você...parecia que era prá mim, até chorei, fiquei lá, falei 'nossa!', minha filha ficou do meu lado e falou 'nossa, mãe, porque você tá assim?', eu falei 'não, não sei, eu tô com vontade de chorar, deixa eu chorar'...eu chorei, e a partir daquele dia, aí melhorei, aí fui...todo domingo ia na igreja, ia pensando e rezando, hoje eu faço as minhas orações em casa...as palavras de conforto...porque eu achava...que eu nunca ia na missa, eu achava que a missa todo dia era igual, todo dia falava a mesma coisa, eu pensava assim 'todo dia ele vai ler aquilo lá, eu vou enjoar',...e não é, uma missa é uma escola, lá cada dia você aprende uma coisa, é uma escola lá, cada dia fala de uma coisa, cada dia fala de um sentimento, da sua vida...e eu fui aprendendo, e aprendendo, fui...e hoje eu não perco a minha missa de jeito nenhum, eu acostumei, vou todo domingo, e vai eu e minha filha.

P: E no seu relacionamento consigo mesma, com seu corpo, seu emocional neste momento de sua vida ?

E1: Com meu corpo eu tô bem, tô bem com meu corpo, eu cuido dele, agora eu cuido mais dele, cuido mais dele, me cuido mais, me sinto bem quando olho no espelho, me sinto bem que eu sou eu, agora eu olho e vejo que sou eu porque agora eu dou mais valor prá mim, eu sei que se não for eu gostar de mim ninguém vai gostar de mim mais do que eu, então se eu...eu que tenho que gostar de mim, então, hoje em dia com meu corpo eu estou...faço tudo prá ele, tô fazendo regime, eu achei que eu tava um pouquinho acima do peso por causa da idade, né, a gente vai...fui lá no médico lá no C., falei que...tô fazendo dieta, faço minha caminhada que a dra. M. mandou...e tudo achei um tempinho, tudo achei um tempinho, encaixei ali um tempinho e cuido dele e me sinto bem comigo. Pode ser que quando eu lembro das coisas que poderia ser, que poderia...que eu gostaria que fosse, pode ser que nessas hora a gente se emociona, e fica...chora, mas se não pensar aí é normal, emocionalmente, se você não pensar, aí você vive normal, é só não pensar, que se pensar você vai pensar 'puxa, ela poderia ser melhor, né, poderia ser uma vida diferente'...que às vezes também eu penso, penso assim, se eu tenho um marido eu acho que o meu relacionamento podia ser

diferente, eu podia ser mais, assim, ter uma vida normal que nem marido e mulher...mas infelizmente não é, então eu procuro não pensar, não pensando vou levando a vida. Cada vez, cada coisa que vai chegando...cada etapa que vai chegando eu vou me conscientizando que eu tenho que cuidar de mim, que eu tenho que cuidar mais de mim do que dos outros, eu penso assim.

P: Você gostaria de acrescentar algo sobre o que você está falando, sobre sua vivências ?

E1: Acho que eu não tenho mais nada prá acrescentar, só que eu acho que, assim, que a gente tem que tentar sempre pensar na gente, porque ninguém vai pensar pela gente, ainda mais agora que a gente vê que...tem adolescente, eles têm a vida deles, eles não quer saber se você tá sozinha, se você vai ficar bem, nem pergunta, então, eu acho que a idade vai chegando, a gente tem que ir se modernizando e vendo como que é a vida e viver a vida prá si porque não vale mais a pena viver a vida prôs outros, enquanto eles eram crianças eu vivi a vida prá eles, prô meu marido, tudo, não ganhei nada em troca em relação ao meu marido, em relação aos meus filhos ganhei que eles cresceram, ficaram bonitos, estão uns moços, tão tudo trabalhando, foi gratificante, mas hoje eles não precisam mais de mim, assim, de cuidados, precisam de conversar, então eu tenho que me atualizar, gostar mais de mim e passar isso prá eles, e ensinar prá eles ser feliz!

A entrevista foi realizada na sala de visitas da entrevistada 1, após a entrevista o marido da mesma chegou. Ela mostrou-se emocionada durante quase todo o decorrer da entrevista.

Duração da entrevista: 13:35h às 14:45h

**Rapport:** 14.10.2000

2ª entrevistada: Hortênsia

Idade: 47 anos

Estado Civil: Está casada pela 2ª vez há oito anos (esposo tem 38 anos). No 1º casamento ficou casada durante dois anos e meio (ex-marido tem 42 anos)

Filhos: Refere que passou por dois partos. O primeiro filho (sexo masculino) morreu de meningite com dez dias de vida); o segundo filho (sexo masculino) está com 16 anos.

Religião: católica praticante

Profissão: Cursou magistério. É professora do primário (de 1ª à 4ª série) há quinze anos. Refere que começou a exercer a profissão depois que se casou. Antes disso trabalhou como secretária.

Mora com o 2º marido e o filho. Seus pais moram num cômodo no fundo de sua casa.

Data da primeira menstruação: Relata que sua primeira menstruação ocorreu quando estava com 11 anos.

Data da última menstruação: aos 39 anos

Faz terapia de reposição hormonal desde os 40 anos

Fez cirurgia de levantamento de bexiga há, aproximadamente, 3 anos

P: Bom, então, eu gostaria de saber como que está sendo a vivência sua nesse momento da sua vida, nesse momento de...relacionado à menopausa, ao climatério, como que você está se relacionando com as outras pessoas, com você mesma...

E2: Olha, eu entrei muito em depressão, agora eu tô bem...até eu estava indo na F.(psicóloga) e já faz um mês, um mês que eu parei de ir, mas não porque eu quero, inclusive eu quero ir, mas minha mãe está com um problema aqui no pescoço, vai ter que sofrer uma operação, e justamente é de quarta-feira que eles me marcam prá levar minha mãe né, e como eu que

cuido dela, a maioria das vezes, só quando não dá mesmo eu peço para outra pessoa, então não tô podendo ir, mas me fez muito bem, eu comecei entender muita coisa que eu achava que os outros tinham que mudar e era eu que tinha que mudar, você entende ?...mas, assim, de um modo geral eu entrei numa depressão e vivi muito tempo em depressão, até que...aí eu já fiz com outras psicóloga, eu não podia pagar então eu procurava pessoas...eu fiz na F., não sei se você conhece....quase um ano, só que eu gostei, ele também gostava mas o que eu achei que num...melhora nenhuma, mas eu tô fazendo tratamento psiquiátrico e tomando remédio de depressão, porque remédio de depressão era mesmo assim, então era só briga com marido, com filho...

P: E isso vem de quanto tempo prá cá ?

E2: Isso aí já tá fazendo bem...que eu tô bem nervosa, é desde quando começou, viu...o problema, só que a gente não sabia que era uma depressão...

P: Aos 39 anos, mais ou menos ?

E2: É, mais ou menos, só que eu não...inclusive, uma época eu lembro, eu morava até no sítio quando começou, né, numa chácara, uma vez eu tava péssima assim, pedi né, ajuda, assim, aquele negócio todo, mas lá...fui tentando uma psicóloga...sabe como que é uma coisa muito difícil, né, eu tava assim péssima, prá baixo, chorava muito, brigava muito com as pessoas, sabe?...não tinha paciência mesmo.

P: Como assim ? Eu queria que você falasse mais detalhes disso, o que acontecia, o que você...

E2: Ah! (enfática) Alguma coisa que falasse prá mim eu já respondia mal criada, entende ?...Filho, também falava pouco...não tinha paciência com filho, sabe ?...E, então, era isso aí...

P: E você sentia que não tinha um motivo...

E2: É, muitas vezes eu sentia que eu não tinha motivo prá tá tão...tão nervosa, mas...mas aí você nunca pensa, eu pelo menos não achava, não sabia, né, que era depressão, porque senão já tinha até...depois que a gente vai vendo...as coisas na televisão, nós conversamos com um, conversamos

com outro e aí você percebe, e, assim, muito serviço também a gente tem, eu tinha, no caso eu dava aula, cuidava de casa, né, então, é muita coisa. Outra coisa que me deprimia, até hoje, só que hoje eu já tô melhor, mas, dar aula, a criançada, hoje em dia com esse problema de ter que passar todo mundo, isso prá mim não serve muito, isso não é coisa certa, eu acho, você entende ?...a criança tem de ir prá escola, ela tem de ter um...saber que ela tem de ter uma responsabilidade, que ela tem que estudar, agora elas entram prá escola sabendo...‘ah, vou passar!’...então, elas não levam nada a sério, uma ou outra que leva a sério, mas...ainda mais se eu trabalho com periferia é pior prá cabeça, entende ?...(começa a falar baixinho) Então, eu tenho problema de alcoolismo com o meu marido, não vou falar alto...eu não queria falar, mas...eu tenho problema com ele que ele bebia, agora graças a Deus, também melhorou essa parte!...mas muito mesmo, ele bebia e ficava agressivo, falava muita bobagem...

P: Isso foi de quanto tempo prá cá, como que...

E2: Foi tudo nessa época, você entende ?...tudo nessa época, foi justamente...eu me casei, fiquei um ano só com ele e já começou quando me casei com esse meu marido...então, tudo era junto...é, mudança do jeito da escola mudar que a criançada começou ficar mais desatenta com o serviço, sem responsabilidade, ele que tinha esse problema que bebia, né, e o negócio da menopausa junto, nervosa, nervosa, então, era aquele choque, era um choque, né...tudo, porque eu tava sempre pronta a explodir, pronta...e conversava, e sempre triste, na maioria das vezes triste, né, com angústia, assim, parece que tinha um negócio aqui do lado (aponta para o coração), aquela angústia no coração, e vivi esse tempo todo assim, agora é que eu tô melhor, depois que eu comecei tomar...eu fui consultar com o psiquiatra...já tá fazendo um ano, foi justamente nessa época que eu fui no médico...

P: E teve algum motivo especial nessa época ?

E2: Não, é porque eu tava chorando muito, chorava, chorava, chorava, chorava e tudo prá mim, uma palavra, uma palavra que a pessoa falava comigo eu já chorava o dia inteiro, uma palavra que eu não queria ouvir,

sabe, uma coisa que eu não quisesse ouvir, então eu chorava o dia inteiro e...essa pessoa não gosta de mim, não gosta de mim, ficava com essa idéia, não gostava de mim, e não tinha...não tinha mais...eu não tinha vontade de viver, eu queria...eu achava assim...por que eu tá vivendo aqui ?...o filho já tá criado, muitas vezes não precisa mais da mãe, né, marido, eu acho que tá cria...tá bem criado (risos)...dá prá se virar sozinho, eu achava que eu não tinha necessidade de...é que a minha religião, coisas, né...mas eu já tive vontade assim, não de se matar, mas pedir para morrer, eu tive desse jeito...ai, meu Deus, não tá precisando mais de mim aqui, então...e foi justamente nessa época que eu procurei o psiquiatra, aí foi quando ele me deu o remédio e eu melhorei bem...eu não dormia direito também...eu tô tomando o anafranil, tomei o anafranil 25g, agora eu tô com 10(g), e tomava o diazepam prá dormir, né, mas esse aí já parei já faz tempo, seis meses já que eu já parei e não tem necessidade, eu acho que não preciso mais. Então, eu acho que eu tô bem em relação a...só que eu não posso ficar, né, sem a medicação, o que é meu medo, né...porque às vezes eu me sinto bem, vou lá, converso com o médico, eu tenho medo dele tirar o remédio, de votar tudo, mas, então, aí, agora, meu marido passou seis meses na Espanha, até quando ele foi eu tava bem assim, vai mesmo que me deixa sossegada, mas aí, senti saudade, aquele negócio todo, e agora tamo bem, faz um mês que ele tá aqui de volta, tá tudo bem...ele foi a serviço porque aqui ele trabalha com cavalo prá...treina cavalo prá pólo, né, e aqui, que Indaiatuba aí tem muito disso, baixou um pouco, caiu um pouco, e a gente tava com dívida de carro também, uma dívida meio pesada prá pagar, ele falou 'fico lá seis meses e volto', e aí agora faz um mês que voltou. Então, e nesse meio tempo eu ia sempre lá na doutora (psicóloga) e muita coisa que ela falou eu já fui pensando, né, que não era como eu falo, prá mim era só ele que era o culpado de tudo que tava acontecendo, você entende ?...eu jogava tudo nas costas dele, do meu marido, eu achava que ele tinha de mudar isso, ele que tinha que mudar aquilo, e ele é até uma pessoa, prá mudar assim, ele é boa...ele prometeu que não ia mais beber e ele bebe assim...não de passar dos limites, isso tá fazendo dois anos e meio, mais ou

menos...até eu separei dele um mês por causa disso, eu não queria mais, e me separei, aí ele quis voltar e eu falei, posso até voltar, mas a condição é não quero bebida, não quero você passando dos limites, concordou...Agora, ele tem um gênio forte, tem que ter paciência, mas eu achava assim, que era só ele o culpado, e muitas coisas aconteciam porque eu provocava, eu achava que não era eu, agora eu enxergo, né...

P: Como assim ?

E2: Ah! Por exemplo, ele tem um gênio, ele não é uma pessoa assim, muito de demonstrar carinho, essas coisas, ele gosta, mas não é assim, e eu queria isso, certo ?...eu às vezes chegava do serviço, ele vinha aqui assistir televisão, eu me mordida porque eu tava lá cheia de coisa prá fazer a pessoa não enxergava que ti...que podia me ajudar, entende ? ...tudo isso, então, eu queria um marido assim mais participativo e justamente, ele faz, inclusive hoje ele me ajudou tudo aqui, mas porque que não faz, porque eu tava brava, então ele queria ficar distante de mim, e eu mal humorada, sempre eu tava mal humorada, mas quando tô bem, ele sempre me ajuda, ele até que ajuda bem, mas é assim, eu ficava, não, porque eu tô aqui trabalhando, trabalhando, tenho que fazer a janta, tenho que fazer o meu...tenho que arrumar a cozinha, ele ficava assistindo televisão, não vê o que tem de serviço, era assim, então eu ficava muito nervosa...

P: Você falou que além de ajuda você queria carinho...

E2: Também, eu queria uma conversa mais amiga...ele é fechadão, fechado, então...e também, tinha, assim, ele, agora não, mas...ele abria a boca prá falar alguma coisa de ruim, assim, um defeito seu, nunca me elogiava, entende ?...isso também me irritava. Então, o arroz...ele detesta o meu arroz, fala que eu não faço arroz, então, tá sempre, e eu não sei, não consigo fazer do jeitinho dele, aliás, agora eu consigo mais, mas eu não conseguia, mas ele ficava nesse bendito arroz, então, eu ainda falava, 'você sabe que eu não sei, eu tento mas não consigo fazer o arroz do jetio que você gosta'...então, se ele não pode me elogiar...'você não fala mais do arroz, você sabe que eu faço assim...' O que mais que eu posso dizer desse negócio?...Ah! Serviço...às vezes você tá cheia de serviço e faz o serviço de



um jeito...'mas você ainda tá fazendo isso!', como quem diz 'você passa o dia inteiro para arrumar uma casa?', se é um dia de faxina, você passa o dia inteiro para arrumar uma casa, não...'ai, você ainda tá fazendo isso?' ...eu ficava que Deus me livre dele falar isso prá mim...irritada...então (referindo-se à menopausa))...Isso tudo justamente aconteceu...primeiro eu fui morar com ele, não casei, eu fui morar com ele, eu fiquei pouco tempo sem tá na menopausa, então, foi um ano e pouco porque aí já começou e...talvez, como eu te falei, veio tudo junto, tudo junto, o choque de temperamento dele com o meu, a menopausa que na...agora, eu já era assim, até eu vivia...eu fui morar com os meus pais quando eu separei a primeira vez, eu tinha dias assim, mas era assim, perto de dias da menstruação, uma semana antes eu ficava do mesmo jeito que eu fico, fiquei depois...era uma choradeira, eu acho que eu entrava tipo numa depressão sete dias antes da menstruação...meu temperamento era esse...muitas vezes o pessoal reclamava do meu temperamento, mas era assim, era justamente nessa época que eu tava...eu achava que era justamente o período pré-menstrual que me deixava isso aí, mas um pouco eu acho que também eu ficava nervosa era falta de um companheiro, você entende? Eu, na minha cabeça...prá mim não era sexo, era companhia, eu me sentia assim, eu queria uma companhia, é lógico que essa companhia envolve o sexo, mas eu, na minha cabeça eu queria uma companhia, uma família, não ficar a vida inteira morando com pai e com mãe, tinha disso também...nesses sete anos eu tive muita fase assim, mas não chega a ser uma depressão, uma depressão, mas temporária, não é as que demora, demorava bastante...eu tinha o filho, cuidava do filho, convivia bem com a minha mãe...minha mãe é muito assim mandona, né, então, eu fui morar com ela e ela quis me tratar como se eu fosse a menininha dela, né...tinha horário de chegar em casa, conforme o lugar que eu ia não queria que eu fosse, o horário do meu filho, o banho, tinha que ser a hora que ela quisesse. Eu morava em sítio, em chácara, era cinco horas da tarde e o menininho queria brincar mais um pouco mas tinha que tomar banho naquele horário, então, eu era muito controlada por ela. Sai e demora um pouquinho mais...eu tinha que dar

muita satisfação, então não sei se era isso...na minha cabeça eu queria ficar livre, ou se era mesmo a falta de companhia, eu queria ter minha casa, né? (entrevistada refere que se casou pela primeira vez com 28 anos)

P: Como foi a vivência da sexualidade...você estava dizendo que sentia falta de um companheiro, como foi isso, antes de casar, até depois da menopausa, como ficou?

E2: Eu acho que não mudou para mim, eu tive um tempo assim que eu não queria saber, foi justamente nessa fase da depressão, prá mim é...eu fazia obrigada, não tinha vontade, mas, como você vê, o temperamento meu...eu tava em...de briga, vivia de briga, vivia brigando, eu não dizer se eu...se foi só a parte porque eu tava brigando, ou só porque...pela menopausa...eu acho que foi tudo junto, né? Mas eu não...eu acho assim, agora que eu tô bem e tudo, prá mim não mudou nada, entende?...o desejo era o mesmo quando eu tava com...quando eu tava mais moça, antes de entrar, eu acho que agora é a mesma coisa, eu tô bem...mas essas fase que eu tava péssima de...depressão...eu não queria saber, eu tinha dor, e com isso acho que se perde a vontade...eu vivia de briguinha...mas ele sempre queria e eu nunca falei não, não falava não, quando ele quer assim...e ele me respeita também, se ele vê que eu não tô querendo ele, entende?...agora aí eu, se eu vejo que quer mesmo, mesmo que eu não queira eu vou, faço, sabe, não tem aquela coisa, né...com aquela obrigação é um negócio super chato.

P: Você está dizendo fazer por obrigação.

E2: Seria, no caso, eu não tava com vontade, mas eu acho assim, ele não tinha nada a ver com meus problemas de cabeça, de nada, então, entende? Então, por esse motivo nós nunca brigamos, por esse motivo assim 'ai, eu quero, você não quer?'...mesmo porque ele é uma pessoa fechada, muitas vezes eu podia conversar com ele, mas ele...eu acho que ele tem vergonha de conversar esse lado...

P: Sobre sexualidade...

E2: Isso, então, muitas vezes eu podia até explicar o que tava acontecendo, mas às vezes eu tentava começar e eu via que não ia dar nada, ele parecia que tava em outro lugar, mas você vê que a pessoa não tem jeito, não tem,

né aí eu já não conversava e ficava aquele negócio...eu com meus problemas de um lado, ele com os dele do outro...e a gente não conversava, aliás não conversa porque não tem...a gente já conversou...coisa muito rápida, de começar e parar e...não se sente à vontade...sabe quando não se sente à vontade, às vezes acho que até quer conversar, mas não se sente, não sabe como...seria bom conversar, né? Eu acho que seria bom, se a pessoa tivesse liberdade de conversar, mas...eu respeito porque quando eu acho um assunto difícil de conversar eu não quero ser forçada, então eu entendo como que é e...respeito, embora eu acho que às vezes prejudica, né? Prejudica porque ele não sabe o que eu tô sentindo e eu não sei o que ele está sentindo, não é isso?...nunca soube, muitas vezes eu não sei...Então fica nesse, cada um prô seu lado, mas eu não sei, eu não sei forçar a pessoa a falar uma coisa que ela não quer, se eu vejo que não quer, não quer, acabou...

P: E com o seu filho, como é o relacionamento?

E2: Olha, é muito bom, só que ele tá naquela fase, ele chega, ele trabalha, um menininho que sempre quis trabalhar, vai...mas agora ele tá com 16 anos, se acha dono do mundo, ele não quer mais pedir ordem prá sair, prá nada, até domingo meu sobrinho ligou prá sair, 'ah, vou!' (fala do filho), e eu tava meio atravessada...ele falou 'vou' e eu falei ; não vai não, não pediu!', fiquei brava...'ah, não vou não!', tá, desligou, domingo não, foi quinta-feira...então ele anda numa fase que ele anda chegando bravo, 'o que que é?', ele, 'nada, não tô bravo', mas você vê que ele está, com aquela cara de...ele não gostava de estudar, ele...problema prá estudar, mas, o problema em relação a serviço, ele começou a se virar sozinho, até eu achei até cedo, né?...ele que quis, ele escolheu o que ele quis, então, e ele é...no serviço ele é bem responsável, sabe? mas...e eu me dou bem com ele assim. Eu acho que ele tem que tomar o rumo dele, mas eu acho que ele não tá bem criado ainda, ele que tá se sentindo criado, mas ele não tá, tem muita coisa que...eu acho que ele ainda tem que depender de mim, né?...por exemplo, para sair eu preciso saber onde ele vai, onde não vai, não é assim, eu vou e ele não fala mãe, eu vou nisso e naquilo...eu ainda tenho que saber porque

eu acho que ele ainda tá...tá certo que ele sai com os meus sobrinhos, não tem colega assim fora da família, mas...é tudo criança que a gente conhece...mas, então, ele se sente criado, mas eu acho que...mas eu dou liberdade prá ele, e muitas vezes ele sai, 'onde você vai?', 'eu vou em tal lugar', tudo bem, dei chave da casa já, sabendo onde ele vai...e eu sei também, a minha cunhada é preocupada com os filhos dela e eles tão sempre junto, e eu sei que qualquer coisa ela...eu fico sabendo...não imponho muito a hora dele chegar.

P: Em relação aos seus pais que também moram aqui com você...

E2: Ah! Meu pai é uma pessoa muito boa, prá mim pelo menos ele é muito bom...eu tenho dois irmãos, mas de mulher sou eu...eu sou a do meio...a minha mãe é que eu tive muito atrito com ela, mas eu gosto muito dela, eu tô cuidando dela, mas eu tive muito atrito porque inclusive ela não queria que eu me casasse, me chamava de...como que chama mulher que tem dois maridos, não é bígama...é...isso aí me feriu muito, eu já era casada pela segunda vez, mas ela não queria que eu casasse...porque ela é católica, católica o casamento o que vale é o religioso, 'civil não vale nada' ela fala, o que vale é o religioso, ela fala 'é vocês que ser errado, faz a religião do jeito que quer', então, falei 'ih, mãe, não é assim, não deu certo com o primeiro, então, a senhora...', ela mesmo fala que tem que procurar a felicidade da gente, mas, 'eh, mas a religião não pode casar de novo, você é adúltera!' (fala da mãe), ela me chama de adúltera, falei 'eu adúltera mãe, o homem lá, me traiu, dois anos de casada, ele sempre me traiu, não queria saber de trabalhar, a senhora acha que era melhor eu viver casada?', 'não, você podia separar e não casar mais', mas eu falei 'eu acho que isso não impede de eu casar', mas aí ela me chamava de adúltera, me chamou umas três vezes, a última vez agora que ela me chamou eu falei 'vamo parar com isso que eu não sou, eu acho que eu não me sinto, não sou e adultério eu acho assim, adultério é quando uma mulher, dentro do casamento, ela sai e vai procurar outro, isso eu acho adultério. Agora, eu já há sete anos separada, eu não saí procurando, aconteceu...eu quase não saía, aí a gente se conheceu, tudo bem...depois eu resolvi morar por aqui...mas aí depois ele,

como ele é estrangeiro né, precisou até casar, 'já que a religião...o casamento o essencial é o da igreja, eu falava prá ela, eu não vou casar no civil porque não tem necessidade'...mas aí ele falou que prá ele permanecer no Brasil que ele tinha que casar, aí eu casei por esse motivo...mas ela, então, ela sempre ela fala, aquela jogadinha, sabe?...mas eu vou...inclusive agora que ela tá doente, ela quase que depende de mim prá ir na igreja, eu vou, eu levo, eu só não comungo porque se eu comungar acho que ela desmaia né...porque a comunhão, segundo ela eu vivo em pecado, eu não posso ficar comungando, então...eu sinto que o casamento verdadeiro meu é esse, não o outro, aquele lá foi uma coisa que aconteceu errada, deu errado, o que sobrou de bom só foi meu filho, né, e não tem nada mais que eu possa dizer que foi bom...nada, nada.

P: Você está dizendo que esta experiência foi negativa.

E2: Foi bem negativa, uma experiência bem negativa...inclusive, ele não dá pensão, agora que meu filho tá requerendo a pensão, agora. Porque eu tentei pedi prá ele e ele não deu bola, aí eu larguei mão, mesmo porque ele falava que com dez anos ele queria levar o filho dele prá zona, então eu falei deixa eu segurar meu filho aqui...ele (ex-marido) acha que tem mulher toda hora, né, era toda hora, então, ele achava...e por eu ter o filho menino, logo logo ele queria encaminhar o filho nessa vida...mulheres. Ele fala quando...você vê...'dez anos vou levar esse menino na zona", então, quando aconteceu de eu pedir pensão e ele não querer, eu falei 'quer saber, ele não dando pensão ele vai se distanciar um pouco, senão, né...ele não vai...

P: O que motivou o fim do relacionamento?

E2: Ah! Falta de serviço. Ele não trabalhava...eu mantinha a casa com muito sacrifício porque eu não tinha...na época eu não era professora, não tinha, não exercia profissão, eu tinha saído do serviço como secretária, então eu tava assim, quem me deu serviço foi meu irmão no caixa de um açougue que ele tinha, prá eu poder sobreviver, e a mãe dele (ex-marido) mandava mantimento de vez em quando e...aí chegou uma época em que eu falei 'não quero, como é que eu vou viver assim?', aí bom, tive o meu primeiro filho, aconteceu tudo aquilo, aí ele chorou, chorou, chorou, que ia mudar,

que ia mudar, mas não mudou nada. Aí seis meses depois aconteceu que eu fiquei grávida de novo, fiquei grávida de novo, aí...continuou a mesma coisa, mulherada, mulherada, mulherada, serviço eu mandava...eu, olha, pegava o jornal, segunda-feira, eu saía, ia trabalhar, ele falava que ia ver e não ia nada, porque a vizinhança me falava que ele tava passeando por lá, então, como é que eu vou viver desse jeito?...eu não tinha mais profissão porque eu trabalhava em caixa para o meu irmão porque ele tava fazendo um favor prá mim prá eu ter alguma coisa e, às vezes dava dinheiro e ele ia comprar revista de futebol, essas coisa, para pagar a luz, acho que foi luz ou água, não sei, aí vieram e cortaram e eu não entendi por que, o que ele tinha feito com o dinheiro, falou que comprou uma revista na época...então, era só esse tipo de coisa só minha a responsabilidade total, aí não dava...aí chegou...eu tava grávida de três meses mais ou menos, era um natal, aí eu falei prá mãe dele 'eu vou separar porque não tem jeito', aí ela falou assim 'mas não pode', aí eu falei 'mas como não pode, ele não tem dinheiro, não trabalha e ainda vive de mulherada prá baixo e para cima'...; é, mas isso passa, você não vê o meu marido, meu marido passou' (ex-sogra)...ela foi suportando, suportando, aí ele ficou velho e se acalmou, ficou em casa, pelo menos ela falou isso prá mim. Vou ficar minha vida de mais nova sofrendo que nem uma..., e depois de velha que ele vai ficar em casa, não interessa, isso eu não quero...eu sei que ela se intrometeu, aí eu falei...briga, em casa era muita briga...eu falei olha dona (ex-sogra), eu estou grávida, chega uma hora em que eu não vou poder trabalhar mais, eu vou esperar e ele vai ter que dar um jeito, eu vou ficar com a minha mãe, eu sempre tive o apoio dos meus pais nesse ponto, irmãos e tudo...eu vou prá casa dos meus pais e ele vai viver a vida dele, e foi o que aconteceu, quando eu tava com seis meses ele falou 'ah, eu vou prá B. (cidade), meu irmão arrumou um serviço lá prá mim', não sei o que, aí eu dividi as coisa, assim, que a gente tinha pouca coisa, casa, meu pai tinha uma casa, não consegui pagar porque...eu vendi muita jóia minha que era a única coisa que eu tinha prá pagar a casa e não consegui e...acabei...mas, desisti, aí ele foi prá um canto e eu pro outro, o menino nasceu aqui nesta casa, nasceu aqui, aí depois ele quis voltar, eu

falei 'não, não volto mais não porque eu já te dei duas chances', e ele era assim, mulher toda hora, não sabia ficar com uma só, não era muito apegado ao serviço também, né...não quero isso prá mim não, aí eu fiquei com a minha mãe. Eu tô bem, graças a Deus, agora eu tô bem, porque eu tava assim, relaxadona nesse tempo todo, não me arrumava, não fazia a unha, agora eu faço minha unha, tô arrumando meu cabelo, procurando me vestir melhor...tô bem comigo, acho que o que eu fiz de procurar médico, de procurar psicólogo me fez bem, então, agora...eu tava bem relaxadona. Tá certo que eu tô gorda e que eu não consigo emagrecer, gostaria de estar mais magra mas eu não consigo, mas assim, eu procuro me vestir melhor, andar mais bem arrumada. Quando eu era moça eu era bem arrumadinha...aí depois que eu casei, na época que eu casei eu andava tão desconsolada, aí depois separei, comecei trabalhar, comecei a cuidar melhor de mim, do meu filho, aí eu melhorei, dei uma melhorada, aí depois, como eu casei tudo de novo, eu comecei entrar na depressão aí eu fiquei um bom tempo...agora, graças a Deus eu tô...eu fazia aquilo que precisava, mas empurrando em casa e o da escola que eu tinha...que eu dependo da escola, o meu salário, então, brigava muito com as crianças, não tinha um pingão de paciência e me irritava a criançada que não queria ser nada na vida, sabe quando a criança não tem perspectivas, acho que os pais são tão pobres que não vê nada, não tem perspectivas e passa tudo aquilo prá criança, do jeito que eu tô tá bom, tem que estudar porque eu tô comendo, aquilo me deixava em mal também...mas, então, depois, agora, passou tudo...comecei a tomar os remédios, fui melhorando...no trabalho melhorou. Eu me dou bem no trabalho, eu sou assim, uma pessoa prestativa, então, tenho me dado bem, tive uma fase péssima na escola, mas tinha uma diretora lá muito...ela era falsa, ela criava inimizade entre os professores, então, não cabia dentro de mim aquilo, então me revoltava com aquilo, então, muitas vezes eu batia boca com ela, tive uma fase, dois anos assim, eu ia trabalhar e o ambiente de trabalho não era gostoso, então já fazia mal também, agora graças a Deus, mudou, tá bem, é isso aí. O ambiente do

serviço também melhorou. Ia para o serviço não tava bom, entrava dentro da classe aquela criançada que não queria saber de nada...

P: Em relação à menopausa, ao climatério, você gostaria de acrescentar mais alguma coisa que pode ter sido importante, relevante...

E2: Eu acho que um pouco eu senti nessa parte...não poder ter filho, porque eu não tive filho com ele (marido atual) e eu gostaria de ter e agora não tem mais chance, né. Até quando eu percebi...quando eu comecei sentir que era menopausa mesmo começou a menstruação...ficou um mês sem vir a menstruação...ah, eu achei que eu tava (grávida), eu tava super feliz, achei que eu tava grávida, aí, quando eu tava com uma dor muito forte, infecção na urina, quando eu fui fazer os exames eu ainda falei prá moça 'faz os exames junto com o teste de gravidez'...porque se eu tivesse grávida não ia poder tomar remédio forte...na hora que ela falou que não era (risos)...eu tinha certeza porque nunca tinha acontecido assim ficar um mês, tanto tempo assim sem menstruação, então, na hora que ela falou que não era eu fiquei bem chateada, então, isso aí também...meu filho queria muito um irmão, menos o marido que não queria, queria primeiro se estabilizar, achava que não tava bem firme ainda prá ter...aí depois quando eu resolvi, bem dizer, sozinha, porque aí eu parei de tomar o comprimido e tudo aí aconteceu isso que eu achei que eu tava grávida...isso foi uns oito meses depois que eu parei de tomar comprimido...até quando eu operei da bexiga há três anos, a M. disse 'você vê bem que você não vai poder mais ter filho, vai operar mesmo?', aquilo ficou marcando bastante na minha cabeça, sabe, não sei se impotente ou alguma coisa que...aquilo me baqueou de saber que depois de operada você não pode...eu ainda tinha esperança que um dia um pouquinho mais tarde, eu tava na menopausa, mas até então tinha menstruação (com a reposição hormonal)...então, eu achei que podia...mas agora eu vou tomar consciência que agora não tem mais jeito mesmo. Eu mais que queria, né...Eu acho que enquanto eu tava na reposição e eu tinha menstruação eu acho que eu tinha possibilidade, né?...como agora não tem vindo mais, acho que agora acabou mesmo a possibilidade, então...não tô assim...lógico...podia ter mais uma criança, mas não que...a não ser que eu



não perceba que eu tô sofrendo por isso...no subconsciente...mas eu acho que não, é um só, acabou e não tem mais jeito. Agora acho que eu tô conseguindo botar mais em ordem a...seguir a seqüência correta, seqüência do ciclo na vida, nasce, fica mocinha, aí tem um período fértil, agora o meu período não é mais fértil, então,...botei na cabeça que não dá mais e eu não tô sofrendo por isso. No começo foi...eu acho, eu achei a gestação uma coisa maravilhosa, uma fase da vida da mulher que...prá mim, apesar de tudo foi ótimo, a sensação do nenê na barriga, mexendo, foi maravilhoso, a minha, o meu parto, parto sem dor, parto super normal, o segundo nasceu em duas horas sem dor nenhuma...amanheci dez prá sete da manhã a bolsa estourou, dez prá nove ele tava nascendo, só fui ter dor mesmo na hora do parto, então foi assim um...eu não sei, eu falo 'dor de parto prá mim não é dor', fiquei tranqüila, todo sofrimento meu que eu passei na vida parece que a maternidade, as duas, uma demorou um pouquinho mais, claro, tive um pouquinho mais de dor, mas...na primeira né, mas mesmo assim é a fase...não tem igual na vida da mulher.

P: Você lembra da sua primeira menstruação...

E2: Na primeira menstruação eu tava ajudando minha mãe com uma faxineira em casa, eu tava ajudando a lavar o banheiro, hora que eu vi tava vindo, ; mãe tá vindo a minha...', ela já tinha me dado absorvente que vinha com uns folhetinhos...porque minha mãe não foi de conversar comigo, ela então deu esse livrinho prá eu ler, mas eu lembro hoje eu lembro que eu li aquilo prá mim como, que eu não tinha...aquilo prá mim o que ia acontecer, prá mim eu lia aquilo como se fosse uma historinha qualquer, né...eu não entendia porque eu tinha que ler aquilo...aí elas começaram a rir as duas, minha mãe e a moça lá...aí me tiraram da água já, sai da água...eu já tinha idéia por causa dos livrinhos, mas eu nunca...não entendia direito por quê...o que significava eu não entendia...aí foi com o tempo que eu fui entendendo porque em casa mesmo a informação que eu tive foi desse livrinho. Eu lembro da cara dela, as duas rindo, me tirando da água que eu tava lavando o banheiro lá com elas, minha mãe...aí ela fez uns paninhos porque na época modess era caro.

P: Você quer acrescentar mais alguma coisa sobre menopausa?

E2: Eu sofri um pouquinho mas agora eu tô ciente...porque eu gostaria de ter mais um filho, aliás, justamente o período da gestação prá mim, duas gestações, foi pouco prá mim, mas...tô vivendo bem agora com isso, eu tô sabendo levar, né, não tô sofrendo.

P: O que você pensa do hoje e o futuro.

E2: Eu tenho medo é...doença. Eu acho assim também, às vezes eu quero fazer planos, eu penso 'prá que?', eu não tenho tanto tempo de vida mais, eu não gosto de pensar muito não...mas, tanta gente velha ainda faz muitas coisas...prá que eu vou fazer isso se eu tenho pouco tempo, às vezes eu vejo uma notícia que o Brasil vai melhorar, penso 'ai que pena, não vou estar mais aí...', eu penso assim, então eu acho assim, eu tô começando a pensar que eu já não tenho tanto tempo de vida mais...vou levando minha vida normalmente, de vez em quando eu me pego assim...eu não preciso lutar tanto mais porque...eu conto um dia a menos, nunca um dia a mais, uma dia a menos...é assim que eu me sinto, eu acho assim, eu tô com 47, eu viver lá mais vinte anos, eu acho vinte anos tão pouco, entendeu?...Hoje eu tô bem, só que eu tô bem assim, eu não sei até que ponto eu tô bem porque eu tô com remédio, mas tô vivendo uma fase boa, graças a Deus, eu tô bem comigo, eu tô bem com as pessoas...agora eu tenho...até que ponto eu tô bem com esse remédio, se bem que ele tá fraquinho agora, eu tenho impressão que se eu parar eu vou saber me cuidar melhor, me relacionar melhor porque eu fiz a terapia e pretendo voltar mais um pouco ainda a terapia com a F. prá melhorar um pouquinho mais...mas eu graças a Deus tô numa fase boa.

A entrevistadora se despede da entrevistada 2 que a acompanha até o portão de sua residência.

**Rapport:** 14.10.2000

3ª entrevistada: Dália

Idade: 50 anos

Residente em Campinas há aproximadamente 35 anos

Estado civil: desquitada há 20 anos, tendo sido casada durante 20 anos

Filhos: 3 filhos: moça de 30 anos; rapaz de 26 anos; rapaz de 24 anos

Religião: esotérica (era católica durante toda a infância e casou-se na igreja católica- filha de imigrantes italianos). Diz que tornou-se budista durante dez anos na época em que os filhos eram crianças.

Refere que os pais são falecidos, sendo que ambos eram cardiopatas. A mãe faleceu aos 28 anos e o pai aos 41 anos (no ano de 1961)

Mora atualmente somente com um filho solteiro.

Profissão: técnica administrativa

Nível universitário: formada em Engenharia de Segurança

Data da última menstruação: 07.01.1999

Data da primeira menstruação: aos 12 anos (pais já havia avisado que isso iria acontecer)

Profissão do pai: médico- clínico geral da rede ferroviária federal

Último relacionamento: terminou há 4 meses (teve início em 18.02.2000)

P: O que eu quero saber, eu só vou colocar uma questão, e aí você vai...é, a pesquisa é assim, como você está vivenciando o seu momento de vida hoje? E isso nos seus relacionamentos, no seu trabalho, com seus filhos, eventualmente com um companheiro, todas essas coisas...é isso que eu quero saber...e isso tudo que veio de lá de trás e como que está hoje.

E3: (pausa)...Tá, então vamos ter de iniciar desde lá de trás...eu me casei com 16 anos de idade...virgem, bonitinha, como mandava o figurino na época, casei com um homem 11 anos mais velho que eu, eu sabia que ele bebei, mas eu achava que ele bebia porque ele não tinha uma mulher do lado dele que cuidasse dele, que fosse para ele uma mulher e tal...Eu

iludida, hoje reconheço mas na época não. Eu casei, casei e casei sozinha, ele nunca assumiu o casamento.

P: Como assim ?

E3: É...eu nunca tive um companheiro mesmo...ele nunca participou dos meus anseios, das minhas necessidades, das mi...do que eu esperava...eu assumi, assim, os três filhos sozinha, antes dos três filhos eu tive um aborto duplo de gêmeos), espontâneo...aí eu engravidei da minha filha, depois...uma gravidez de alto risco, um parto de risco altíssimo também, cesariana, daí quatro anos planejando tivemos o segundo filho, fiz laqueadura, daí um ano e dois meses eu grávida de novo...com laqueadura e tudo. Tive o terceiro filho, depois aí eu fiz uma salpingectomia.

P: Isso você ainda não morava em Campinas ?!...

E3: Morava sim, exatamente nesta casa. Ah...Os meus filhos tinham na idade de 10, o outro tinha 6 e o outro 4...exatamente em 1980. Eu pedi o desquite e os juízes me deram, porque eu catei o meu marido com outro homem... em Campinas, não nesta casa. (pausa) Então eu assumi, estudando, trabalhando, e criando meus filhos porque eu não tinha nenhuma retaguarda, eu não tinha pai, eu não tinha mãe, eu não tinha irmãos, e eu disse para mim mesma que essa era atitude que eu estava tomando por mim e pelos meus filhos porque eu queria fazer dos meus filhos grandes valores. Então, eu abdiquei muito da minha vida, eu não tinha tempo prá mim. Tive um amante, um homem casado, depois do desquite. Nós nos encontrávamos, ele freqüentava a minha casa mas era uma coisa assim muito esporádica, muito...ele vinha, me visitava e ia embora porque ele era casado, ele tinha a casa dele, a família dele, mas foi uma pessoa que me valeu muito porque ele me fez enxergar como mulher, ele me despertou a mim mesma como mulher, porque até então eu estava chocada, decepcionada, buscando o porquê, o que tinha acontecido comigo e o meu marido. (pausa) Aí eu vi que não era comigo o problema, eu não tinha nada a ver com isso, ele escolheu a vida que ele quis, ele tava vivendo a vida que ele escolheu levar, e que realmente não coincidia com a vida que eu queria.

Eu o respeitava por isso, mas que ele não atravessasse mais o meu caminho porque na minha vida ele não cabia.

P: Disse isso a ele ?!...

E3: Disse. Que a partir daí, então, os filhos eu assumia. E foi o que ele fez. Aliás, depois de duas tentativas violentas com intervenção policial...

P: Tentativas de voltar!?...

E3: Não, tentativas de suíci...de homicídio mesmo, porque ele era filho de uma família tradicional daqui da cidade e nenhuma mulher ia fazer com ele o que eu tinha feito. (pausa) E eu disse que o que tinha acontecido entre nós simplesmente tinha acontecido...ele...eu jamais diria para os filhos dele o que era o pai deles, simplesmente eu diria é o teu pai, mais nada. Eu não...

P: Eles não sabem do que aconteceu.

E3: Não. Aí ele chegou aqui...ele muito alcoolizado, entrou, quebrou a casa inteira. Eu fui, chamei a polícia, fiz boletim de ocorrência, daí dois meses ele fez a mesma coisa, e eu fiz de novo a mesma coisa, só que aí ele foi chamado por um delegado que falou...porque eu exigi que o delegado tomasse uma atitude porque eu precisava trabalhar prá tomar conta, prá poder pagar conta, pagar colégio, roupa para as crianças, como que era, eu não tinha sossego. Eu não tinha outra fonte de renda, eu não tinha de onde tirar, de onde buscar, visto que ele não me deixara nada, nem pensão nenhuma, nada.

P: E como ele tentava isso, matá-los, como era isso, o que ele fazia ?

E3: Ele quebrava tudo, muitas e muitas noites eu e três crianças dormíamos aqui trancadas num banheiro.

P: Aí o policial...

E3: Aí sim, aí então que se ele, se eu fizesse novamente um outro boletim de ocorrência contra ele nesse sentido que eles não iam perder tempo em perguntar não, eles iam era trancafiá-lo mesmo prá responder isso em juízo porque isso daí já estava passando a ter uma ordem judicial. E que daí por diante então, que ele rezasse se soubesse rezar para que nada acontecesse para mim nem para as crianças porque se acontecesse alguma coisa pra nós, ele seria a primeira pessoa a ser cu...buscada, a ser capturada.

P: Suspeita ?

E3: Sim, a primeira suspeita. Então foi a partir daí que eu tive sossego. Hoje ele mora com uma outra mulher, tem uma outra família, não teve mais filhos, mas não tem assim nenhuma convivência com os filhos dele. Não que eu o colocasse contra...não...simplesmente...(faz um gesto que parece expressar um afastamento)

P: Afastaram-se...e isso muito dos seus filhos também partiu isso, ou não, mais dele esse afastamento ?

E3: Dele mesmo, ele nunca mais veio aqui, ele nunca buscou pelos filhos. Nunca. Ele tem netos que ele nem conhece...e mora aqui em Campinas. Então, depois desse relacionamento, desse amante...a mulher dele ficou sabendo, ela esteve aqui...

P: A mulher desse parceiro dele ?...

E3: Do meu amante, aquele homem casado, depois do meu relacionamento, depois do meu casa...do meu desquite.

P: Quanto tempo depois...veio essa pessoa na sua vida ?

E3: Uns dois anos (pausa)...aí ela esteve aqui e eu falei com ela. Ela disse que eu tava destruindo a vida dela, que ela tinha três filhas, que eu não tinha esse direito de fazer isso com ela porque não sei o que...eu falei tá bem...aí ele brigou lá na casa dele e veio prá cá de mala e cuia e eu fiz ele voltar com as mala para trás.

P: O que aconteceu ?

E3: Não sei. O que aconteceu eu não sei, eu simplesmente falei prá ele que eu não queria que ele viesse aqui morar comigo porque ele acabou com a vida dele por minha causa e não é por aí, não é por aí. Se a vida dela não tava boa ele tinha que dar conta da vida dele, ele, não ele colocar em cima de mim uma coisa que..., uma atitude, a responsabilidade de uma atitude que ele tava tomando. Então nunca mais eu o vi. Eles estão juntos até hoje. Daí prá cá foram assim namoros, nada de coisas assim, de relacionamentos por muito tempo. Namorei uma outra pessoa durante mais uns cinco anos, como eu trabalhava em São Paulo, a partir do momento que eu me...eu voltei para Campinas, a gente...ele mora, morava aqui mesmo, aqui pertinho

da minha casa, então era muito cômodo, nós não saíamos, ele era separado, eu também, a partir do momento que eu mudei e vim prá cá eu via que a esposa dele continuava na casa dele e ele dizia para mim que não era isso. Aí eu não esse tipo de...regra de três eu não aceito...acabou, passe bem, muito obrigado, eu não...não é por aí! Então, isso tudo também pela minha comodidade, porque eu não saia, eu não passeava, não fazia nada.

P: Por isso que foram cinco anos com ele ?!...

E3: Foram assim: eu ia trabalhar para São Paulo todo dia de manhã, voltava à noite, chegava cansada, tava aqui, final de semana ele chegava para uma visita, coisa e tal e acabou e tchau e benção e já tava arrumando minhas coisas de novo para trabalhar na segunda-feira, coisa assim...até que eu retornei. Quando eu retornei aqui, não foi por aí. Então, agora, hoje, a minha vida, eu sinto assim, com missão cumprida, hoje eu tenho liberdade para ir, vir, ler, estudar, andar, se eu quiser ir no cinema eu vou, eu não preciso de companhia para isso.

P: E são coisas que você gosta de fazer ?

E3: São coisas que eu gosto de fazer. Eu gosto de música, eu gosto de dançar, estou participando de um grupo de aulas de dança, pelo menos uma vez por semana eu vou a um baile com orquestra aqui em Campinas, e danço. É, vou...então eu sou aquela pessoa que se me convidarem para um passeio, um encontro de motociclistas eu vou, visto uma bota, uma calça de couro, uma jaqueta de couro, um colete e vou embora.

P: Mas antes você fazia isso, nas atrás ?

E3: Não, não. Então, a minha filha...foram assim...eu fui me desvinculando dos meus encargos. Minha filha é casada há doze anos, meu outro filho é casado há dez anos quase, eu tenho um solteiro que mora comigo, tá fazendo direito e que tem 26 anos, ele trabalha e estuda. E eu e os meus filhos sempre tivemos assim muita liberdade prá conversar, nós conversamos sobre tudo, e eu sempre deixei muito aberto prá eles que da mesma forma como eu sou para eles a única coisa que eles têm, eu sou tudo que eles têm. (pausa) Então, nós temos liberdade para conversar, expormos qualquer que seja a circunstância, quaisquer que sejam os

transtornos, as vitórias, as conquistas, o que quer que seja, como elas são, bonita ou feia, a realidade, a verdade. Então, isso nós temos.

P: Vocês conversam muito, trocam muito...

E3: Trocamos, e se você me perguntar de novela eu não vou saber dizer nada prá você, se eu sentar na frente de uma televisão prá assistir novela eu vou dormir, roncar, babar menos assistir novela...a novela não me detém...um jornal, um noticiário sim, um documentário sim, programa político sim por pior que seja sim, por que, porque eu me interesse em saber, me decepciono muito, tá, mas eu me interesse em saber...é uma decepção atrás da outra, fico muito triste em ver o nível, a capacitação, e até mesmo a objetividade, a falta de objetividade das pessoas. Então, é diferente, porque a maioria das pessoas fazem ao contrário do que eu faço, eu leio, eu compro, eu assino o Estadão... você não vai nunca me encontrar com a revista da semana, Contigo, Capricho, não sei o que, isso você não vai ver, eu não tenho a cabeça prá isso, isso não me interessa, isso prá mim é futilidade (pausa). Estou fazendo inglês a nível de extensão universitária, peguei um curso com o bonde andando então eu estou me esforçando...

P: Desde quando ?

E3: Comecei agora, esse curso que eu entrei, faz agora, eu entrei no segundo semestre.

P: Você sempre teve isso, assim, de estudar, de...

E3: Sempre, sempre. A minha formação superior eu sou Engenheira de Segurança, formada pela U., sou paramédica formada com o corpo de oficiais da Polícia do Estado de São Paulo (pausa). Eu criei o sistema de resgate que está com os bombeiros hoje no Estado de São Paulo. Eu fiquei dez anos trabalhando em São Paulo na Secretaria de Segurança Pública, Secretaria de Estado de Saúde, Palácio de Governo, desenvolvendo o sistema de resgate (pausa). Quando eu apresentei esse projeto na Universidade Estadual de Campinas o reitor interinamente, C. V., me chamou de louca porque eu ia encher a universidade de milico, mas, com a autorização dele eu pe...eu fui prá fora, eu fui apresentar, eu fiz dissertação do projeto na Escola Paulista de Medicina, e um dia na mesma semana dois



dias depois, eu fiz de novo a mesma dissertação do projeto prá uma bancada política...e o projeto saiu, houve vontade política, então, por causa disso eu tenho uma patente militar. Não foi fácil porque o CRM não admite que outras pessoas não-médicas executem procedimentos médicos, mas baseados no Advanced Life Suport, do Canadá, da França, o corpo jurista do governo, então na época PMDB, O.Q., trabalhamos em cima disso e conseguimos exatamente as condições, as normas do paramédico do Canadá, então nós temos bombeiros treinados prá salvar vidas, coisas que eles já faziam, só que hoje, além disso esse projeto propiciou a criação da disciplina universitária de Cirurgia do Trauma, inclusive aqui na UNICAMP, Dr. M. M. faz parte da comissão científica do projeto. Em São Paulo nós temos outras pessoas, inclusive Dr. D. B...

P: Parece que você está dizendo então assim, o seu trabalho te envolveu muito mesmo...

E3: Envolveu...

P: Durante toda a vida...

E3: Foi.

P: Desde a formatura você trabalhou, ou antes você já trabalhava, como que era isso ?

E3: Não, eu trabalhava, mas aí eu fui...se você me dissesse quando eu era criança, ou mais jovem, se eu quisesse...o que eu queria ser, eu não saberia te responder, tá...eu fui direcionada, e fui indo...então eu não tinha...

P: Direcionada por quem ?

E3: Eu não sei te dizer isso...eu fui desenvolvendo um trabalho, eu fui estudando, e ressaltamos aqui que toda minha formação é pública, tudo é público, toda minha formação é pública e dependente, depois desse projeto, dentro do projeto, desenvolvendo sistema de resgate eu fiz, em 1990, um curso na Aeronáutica, em Brasília, o que me capacitou como Agente de Segurança de Vôo, eu faço perícias em acidentes aéreos...eu posso tecer normas, executar normas e procedimentos de prevenção e atuação em acidentes aéreos, com formação pela própria Aeronáutica. Então, eu sou mulher, civil, e não da área, vencendo preconceitos horríveis...

P: Você sente que têm preconceitos em relação à mulher hoje ?

E3: Muito, muito (tom enfático), em todos os lugares...

P: Você sente alguma diferença no hoje e há dez anos, vinte, trinta anos atrás ?

E3: Muito pouca, muito pouca (tom enfático), é ínfima, porque o homem ele não aceita a mulher do lado dele ganhando a mesma coisa que ele, ele se julga ainda um ser superior, eu não da onde foi tirado isso. Partindo da premissa de que somos a mesma centelha, os mesmos caracteres, só que um masculino, outro feminino, um interage com o outro na minha concepção, e na deles nunca, sempre eles se sobrepõem a nós, tanto que eles não se cuidam prá andropausa que existe, eles não se cuidam, e aí acontece o que nós estamos vendo agora, eu na minha idade hoje, então eu trabalhei, lutei, criei meus filhos, hoje eu estou vivendo um momento de glória, missão cumprida com os meus filhos, porque ainda eu falo sempre, eu sou pai sem ter, eu sou mãe sem nunca ter tido, sou mulher sem marido, e tenho os filhos que todo mundo gostaria de ter. Não foi de graça isso não, foi muito trabalho, porque se você não cuida você não tem, então foi uma vida contínua de abdicação minha como pessoa, foi, eu abdiquei, eu tive que fazer isso porque eu não tinha como desmembrar-me tanto, o meu trabalho exigia muito de mim, inclusive que eu viajasse diariamente...e mais as responsabilidades de trabalho que eram grandes, imensas, e a minha responsabilidade de casa como mãe, pai, mulher, provedora,...então eu tinha que chegar em casa e ainda ver roupa, ver alimento, ver o que que ia fazer para o dia seguinte, o que que não ia fazer, como que tava, como não estava, e roupa, conferir lição, cadernos todos, o que estava faltando, como que estava, como não estava, só depois disso tudo é que eu ia tomar o meu banho, comer alguma coisa, me deitar, então eu tinha tempo para fazer o que, prá mim ?...você tem que abdicar alguma coisa, e eu abdiquei, então hoje eu estou vivendo o meu momento, meus filhos casados, em pé na própria perna deles, e eu vivendo a minha vida, então hoje eu vou a um baile, faço aula de dança, se eu quero caminhar eu vou caminhar, se eu quero ir ao cinema, eu vou ao cinema, se eu quero ir a um encontro de

motociclistas, eu vou a um encontro de motociclistas, sento numa garupa de uma harley davison e vou embora...

P: Você já fez isso?!...

E3: Já. (pausa) Então...

P: Parece que você está dizendo... 'é uma sensação de liberdade'...

E3: É uma liberdade, não é sensação, é liberdade e isso não tem preço...é liberdade, não é libertinagem...então, eu vou a um baile com o único objetivo de ouvir música, dançar, divertir, distrair, aí vem aqueles babacas que estão no balcão segurando um copo, rolando um copo na mão, já falando com uma batata quente na boca, não pode ver uma mulher chegar que já acha que ele tem que fazer a corte, ou então eles generalizam...todas têm o mesmo rótulo, estão, vão a um lugar como esse com único objetivo 'caçar homem', e não é por aí...o homem é gostoso, eu gosto de homem, prá minha relação sexual tem que ser um homem, mas um homem gostoso, um homem que fale a minha língua, que não tá no mercado, eu não tô achando isso...um homem go...cheiroso, que se cuida, que seja culto, que tenha...que não faça uso de cigarro porque eu não gosto, eu detesto cigarro, eu não gosto nem que fume perto de mim...quanto mais usar qualquer outro tipo de droga, não é a minha cabeça, se beber beba um vinho moderadamente, um champanhe moderadamente, se quiser tomar até uma cerveja, ou um uísque, pode fazer isso moderadamente, não tem necessidade de encher a cara, ninguém é obrigado a beber prá fazer nada...eu tomo água, gosto de vinho, adoro vinho, não gosto de cerveja, adoro vinho, e se deixar eu tomo uma garrafa de vinho sozinha, mas aqui, fora daqui eu tomo água, baldes e baldes de água porque eu vou, eu danço, danço, danço, transpiro a água...onde quer que eu vá é água...

P: E em relação à alimentação você sente que mudou alguma coisa ?

E3: Mudei. Eu mudei muito.

P: De quanto tempo para cá ?

E3: Olha, primeiro pela minha própria vida assim, como eu estava viajando, eu viajava, então, a minha maior refeição, a minha principal refeição sempre foi a matinal porque depois era um helicóptero, viaturas, coisas mais que eu

usava para trabalhar, então eu não tinha um horário fixo prá almoçar, de forma que a minha principal refeição era de manhã, e eu tinha muita agilidade, eu...uma fruta, uma vitamina, um...qualquer coisa mais tarde assim tudo bem, mas fora disso então era muito difícil eu parar para almoçar. Depois, no meu retorno à Campinas aí sim, aí eu almoço, eu adquiri um peso extra, aqui a minha vida é muito mais parada, então eu tenho sim um...eu adquiri um peso extra que eu agora estou eliminando...gosto de muita massa, mas eu estou fazendo uma dieta bem balanceada agora, estou voltando a uma forma de baile, de coisa...eu tinha feito uma pausa, estou retomando...

P: E quando você fala em balanceada...é fruta, legume...

E3: Frutas, legumes, verduras, grelhados...sem doces, sem bebidas alcoólicas, e sem massa, sem refrigerante...

P: E isso partiu de uma necessidade sua então, você que sentia que isso era necessário nesse momento, como que é isso, você sente que mudou alguma coisa ?

E3: Eu olhei no espelho e não gostei daquilo que eu vi...eu achei que eu tinha que voltar atrás, retroceder porque...faz uns dois meses que eu estou nesse balanceamento e perdi...já eliminei quatro quilos, e eu tenho uma meta para atingir, a hora que eu chegar no peso que eu ainda preciso prá mim...bem...são mais seis quilos até dezembro, mais cinco até dezembro tudo bem, devagar, porque aí eu me sinto legal, sabe por que, eu não canso tanto, eu não..., eu me gosto mais, eu me acho mais, eu me sinto mais disposta, o próprio verão ele me deixa inchada, e eu não gosto de ninguém desse jeito, eu nem tenho estrutura física prá isso, eu não gosto, não consigo me ver gorda, não gosto de mim excessiva, me sinto mais ágil, mais versátil...

P: E isso sempre foi assim, ou você sente que isso é uma coisa de...

E3: Não, sempre fiz isso. Nunca fui mole.

P: E, em relação, você estava falando um pouco do seu casamento, depois desse amante que você teve...como que é a vivência da sexualidade, nesse

tempo e como está hoje ? Como que você...como é, qual é o prazer prá você ?

E3: Olha, hoje, primeira coisa, eu volto a falar, tá difícil, tá muito difícil, você não encontra um parceiro legal que você fala 'ah, dá prá encarar', eu até tive, mas me decepcionei muito, me decepcionei muito, e foram parceiros mais jovens...mais jovens que eu, então, eu achava que eles teriam assim, fôlego, teriam vontade, apetite sexual, e teriam condições para tal, ledão engano, ledão engano...eu não sou super-mulher, eu só sou mulher, eu gosto de ser mulher, mulher sem preconceitos, sem tabu, e, a gente não tem essa oportunidade de ser mulher porque se você se coloca como eu me coloquei para uma pessoa, eu hoje com 50 (anos), há dois anos atrás disso, a pessoa tinha...eu tinha 48 e ele 34 anos de idade...eu falei, ele solteiro e eu divorciada, mãe de filhos do tamanho dele...eu falei, eu encaro, será que ele encara, vamos lá...deu tudo às avessas, tudo...ele muito inseguro, totalmente inseguro, e quanto mais nós conversávamos a respeito de desenvolvermos essa situação nossa, mais inseguro ele ficava, mais inoperante, ele dizia prá mim que ele não...ele não achava, ele não acreditava naquilo que ele via porque mulher da minha idade tinha que ser mais calma...

P: Sexualmente ?

E3: É...tinha que ser mais calma, não aquilo que eu era. E eu dizia a ele, então você pare de fumar que você...ele não fumava aqui dentro, ele fumava só ali fora...você pare de fumar que você começa adquirir um desempenho melhor...é mas é isso, é aquilo, então, são pessoas que falam, na hora do vamos ver não faz nada daqui...nem um terço, nem um terço, então nós nos desentendemos e acabou. Tive um outro relacionamento...não porque...esse então já tinha 42 anos de idade...mais jovem, 42 anos de idade, solteiro, mas já tinha um filho de 11 anos...é porque não sei o que, porque não sei o que...se a gente não experimentar não vai saber...não que eu seja exigente demais, não é isso, eu só acho que não é prá ser daquele jeito...

P: Como assim, o que não satisfazia ?

E3: Puxa vida, os homens estão muito ruins, muito, muito ruins, porque se numa preliminar eles não esperam, eles se melam todo, depois deita e dorme (pausa)...cadê ? como é que fica ?...prá você ter uma pessoa que tenha condições de introduzir alguma coisa se tem...não pode ter preliminar, porque eles não têm condições de esperar, e acabou, deu uma e tchau, acabou, não tem mais nada, estão podres, não sabem conduzir uma mulher, é só garganta, eles não se cuidam, eles não têm fôlego, não têm nada...quando hoje eu como mulher...eu me sinto assim, em condições de, se tiver um companheiro legal, a gente vira a noite numa boa, é uma redescoberta, é uma troca de carícias, sensualidade, é coisas que eles não têm mais essa sutileza, essa sensibilidade, não é assim, então...

P: É só o ato sexual, é isso que você está dizendo ? O ato sexual: o coito, e as outras coisas parecem que não são importantes para os homens, é isso que você está dizendo ?

E3: Eles não têm como fazer isso porque eles não sabem...olha, eles não sabem, eles não levam isso e eu acho que a vida deles mudou tudo, é tudo tão de repente, é tudo tão corrido que prá eles tudo se resolve em 15 minutos, meia hora e pronto, tá babando, roncando, dormindo e isso aí deu, mas nada...Pô! Não é por aí! Não é assim. Eu não quero nenhum homem vivendo comigo desse jeito não!

P: E você sempre sentiu eles assim, teve alguma outra, alguma experiência que não...

E3: Sempre. Então, eu busquei um relacionamento jovem porque eu achava que tivesse outra compostura, outra atitude, mas não é não, não é não, não existe homem, menina, infelizmente não tem, não tem não porque esse monte de seres vestidos de calças que batem no peito com um copo na mão de bebida alcoólica, com um cigarro na outra mão prá dizer que é homem, besteira...eles não são o que eles falam que eles são...superiores (pausa) à mulher, eles não se cuidam, eu vejo isso com muito pesar porque hoje eu não tenho mais condição...eu não corro risco de engravidar, então eu vou para um relacionamento como...eu vou com tudo poxa...então, nós (mulheres) somos a força propulsora, nós aceitamos isso e calamos,

consentimos, então eu...é hora urgente de mostrar para eles que nós não queremos ser superiores não, nós só queremos mostrar para eles, precisamos mostrar a eles que nós nos interagimos com eles, e que essa atitude que ele faz contra ele não é correto, é ruim, é prejudicial para um todo, prá um todo (pausa)...

P: É como se estivesse junto, mas não tivesse vínculo ?

E3: Não...então, porque, veja bem, hoje, eu mulher, eu não tenho mais risco de engravidar, sou saudável, eu não tenho mais responsabilidades outras, então eu tenho tempo e dedicação, quando eu vou prá uma cama com um homem (pausa) eu estou em condições, eu já deixei lá fora tudo que eu tinha prá fazer, tudo que tinha que ser feito, aqui eu vou ser mulher...eu gosto de ser mulher, eu gosto de acariciar e ser acariciada, eu gosto de abraçar e ser abraçada, eu gosto de beijar e ser beijada...por um homem (pausa), eu gosto das carícias emanadas, da sutileza, eu gosto desse contato sutil e desse contato ardente, mas eles não fazem isso, e não é dizer é a classe baixa, é a classe pobre, é a classe média, é a classe alta, não é, em todos os níveis, não é o culto, o braçal, o peão, não é, porque nós descartamos aqui os dependentes de drogas...é o homem, nos vários níveis da sociedade. Então, eu vejo isso com pesar, com muito pesar...

P: E você está dizendo que isso interfere diretamente na sua vida ?!...

E3: Ah! Interfere porque, então (risos), a partir do momento que hoje eu gostaria de ter isso e não tenho, eu continuo querendo, certo ? Por que ? Então, é ruim quando você tem uma pessoa, tem um homem, um relacionamento, e você se doa e você vai mostrando prá ele gradativamente um potencial e fazendo ele buscar isso nele porque você não pode chegar de sola porque aí tchau e bênção...a partir do momento que ele sente que você não é aquela mulher que aceita e fica quieta, você é um sério perigo para ele porque você vai colocá-lo em, colocar em xeque a masculinidade dele, a virilidade dele e isso ele não aceita...ele não tá preparado, para ele ainda é a conquista, eu sou o conquistador, eu como tudo aquilo que vem na minha frente, entre aspas, é puro peru, só papo, não é por aí. A partir do momento que você começa colocar conversa, com jeitinho, você vai

fazendo, vai indo, vai mostrando que não é assim, é assim, ela dá no pé lascado, ele foge como o diabo da cruz porque ele vai por em xeque a virilidade dele e é coisa que ele não admite. Ele tem que ser sempre aquela pessoa...eu fui, eu fiz, tá vendo aquela lá, eu comi aquela lá, acabou...não importa a conta de que jeito que ele fez.

P: Você sempre teve essa percepção, ou isso...

E3: Não, isso tá aguçando agora com esse...porque a gente conversa entre nós mulheres de..., as amigas que a gente sai assim, a gente conversa, e é tudo do mesmo jeito.

P: Antes ainda tinha aquela imagem do homem “príncipe”, é isso ?

E3: É, mas fulano, não sei o que, não sei o que...não adianta, é tudo igual, eles não se cuidam, eles precisam se cuidar, não só da estética, principalmente da saúde deles, eles têm que cuidar, e tem que insistir. Não é porque existe viagra gente, eles têm que mudar o nível de vida deles.

P: Mas cuidar inclusive disso...então, se tem terapia de reposição hormonal, têm para os homens, eles deviam procurar, é isso ?

E3: Deviam! Devem procurar, da mesma forma que nós mulheres procuramos (pausa)...porque se você tem uma máquina, essa máquina funciona dez anos, ela nunca pára para um reparo, ela tem vinte anos de vida útil, você vai esperar vinte anos para fazer uma manutenção nela ? Vai esperar acabar tudo prá fazer uma manutenção, ou vai parar antes ?...prá fazer uma manutenção, uma checagem de peças, repor o que precisa ser repostado prá que ela tenha não vinte,...trinta, quarenta, cinqüenta anos...e que é uma máquina produtiva, não é por aí ? O conceito lógico é esse. Os homens não fazem isso, principalmente tá na menopausa acabou, prá eles acabou.

P: Como assim ?

E3: Acabou...a mulher que, a mulher que tá, que fala prá eles que tá na menopausa prá eles é sinônimo de fria, é mulher que não sente mais nada, eles são muito mal informados, desde mulheres são muito mal informadas...

P: E o que significa prá você a menopausa ?



E3: Prá mim é liberdade. Eu não tenho nenhum problema, nenhuma anomalia. Não tenho cefaléia, não tenho nada. O único...a única coisa que eu estou sentindo é um ressecamento, tanto vaginal, quanto de pele, no corpo todo.

P: E você faz reposição hormonal ?

E3: Não, eu estou agora no momento fazendo exames para uma reposição hormonal ?

P: Quanto tempo faz que você teve a última menstruação ?

E3: Foi dia 7 de janeiro de 99...

P: E, a partir disso, você...agora que você procurou o médico, ou não ?

E3: Não. Eu tenho feito meus exames periódicos normais, com mamografia, com ecografia pélvica, com desintometria óssea, e agora mesmo no momento é decisão minha, eu quero fazer uma reposição hormonal. Não que esteja com níveis baixos de alguma coisa, eu acho que a gente não tem que esperar a máquina entrar em depre...em depredação, não, em degradação.

P: E desse tempo para cá, desses quase dois anos, você sentiu alguma diferença, você está dizendo que sente mais ressecada na vagina, mas alguma outra diferença de humor, emocionalmente !?...

E3: Não, eu sempre fui assim essa 'porra louca' que eu sou, sempre assim eu fui, quer dizer, eu sou uma pessoa lutadora, destemida, se eu tiver que entrar na sala do meu chefe, na sala do tenente coronel como eu já fiz e falar prá ele é isso, isso e isso, isso, isso, isso...vou, eu falo, eu vou e faço, eu sou assim, imediatista também, faço várias coisas ao mesmo tempo. Quando eu falo, agora eu vou tirar um tempo prá mim, eu não vou fazer nada, eu vou deitar e relaxar, eu vou deitar e relaxar (pausa). São situações...eu consigo tanto conviver no tumulto e manter o meu equilíbrio, como num espaço bem pacífico, bem zen, fazer um terremoto. Eu sou assim.

P: E no relacionamento com os seus filhos ?

E3: Também. Eu sou muito de sentar, ouvir, conversar, falar, falar, falar...eu não sou de chegar e biiii (gritar)...mas se eu chegar a esse ponto pode ter

certeza, fez por merecer, espera porque vem. Sou muito calma, pacífica, ouço todo mundo, vem faxineira, vem todo mundo falar comigo, vem a faxineira, vem o guardinha, vem o mensageiro, vem o pessoal da manutenção, vem o chefe, o professor, o aluno, vem todo mundo...oh, M. H. é isso, isso, isso... todo mundo me acha que..., me consideram pacienciosa (pausa)...agora, isso não quer dizer que eu não imponha atitudes. Se eu tiver que tomar atitude, conduzir um grupo numa...sai da frente...

P: Numa causa que você acredita, por exemplo...

E3: Se eu tiver, por exemplo, que desocupar uma aeronave em 45 segundos, eu vou desocupar aquela aeronave em 45 segundos, você pode ter certeza (pausa).

P: Você está dizendo que é determinada.

E3: Sou.

P: E o que você pensa a partir de agora, dessas tantas coisas que nós estávamos vendo de sua vida, do seu trabalho...você continua trabalhando, né?

E3: Continuo, ainda me restam alguns anos ainda, mais três anos pela frente...

P: Por que restam, depois tem de se aposentar ?

E3: Não, eu quero aposentar, eu quero, por mim eu já teria, eu já estaria fora da Universidade. Eu estou fazendo uma área administrativa que não é a minha área (pausa). Eu gostaria hoje...meus filhos dizem que eu sou pior que o bicho carpinteiro, eu não sei, eu não consigo ficar quieta. Eu sempre tenho que estar fazendo, criando alguma coisa. Hoje, eu estaria desenvolvendo um trabalho muito grande na área de defesa civil. Aí envolveríamos muitas coisas, inclusive as três forças armadas...mas não é por aí, não existe vontade política e eu vou me desgastar muito e eu não tenho mais paciência, nem saúde para isso, então o que eu faria agora, eu precisaria ter uma renda mínima para eu me manter, com que renda, a minha aposentadoria, daí, então, o que que eu faço ?...Eu vou trabalhar como voluntária e montar uma clínica...alternativa.

P: É isso que você pretende fazer daqui alguns anos ?

E3: Sim. Montar uma clínica alternativa, então nós vamos fazer trabalhos com mulheres, pessoas, assim, com doenças crônicas degenerativas, hipertensão, diabete, menopausa, todo esse tipo de coisa, e fazer o que?...a mulher adquirir a sua auto estima, a sua valorização. As pessoas são muito voltadas para aquele aparelhinho ali que se chama televisão, o que aparece ali, a Vera Fisher, né, ela tá bonita, mas quantas plásticas ela já fez, quantos implantes ela fez?...Eu...sou M.H. eu tô aqui, eu ainda não passei por nenhum implante, por nenhuma cirurgia plástica...e posso ser muito melhor que a Vera Fisher. Quantas de nós mulheres, durante a vida toda nos, nós somos...submissas, nós fomos guardando mágoas, ressentimentos e geramos várias doenças que através da menopausa elas se manifestam (pausa)...Então, como que...você pode fazer isso (referindo-se à pesquisadora)...você também pode fazer isso, falando para as pessoas olharem primeiro prá dentro delas e verem o potencial que cada uma tem, e buscar dentro delas a vitória e a derrota, e escolher o caminho que elas quiserem, mas não por culpa em ninguém não, a não ser nelas próprias... 'ah, mas eu fiz isso por causa do meu marido, eu não faço isso por causa do meu filho, eu não faço...', não, não é por causa de ninguém, é por causa da gente mesmo, tudo que eu fiz, eu fiz por mim, porque eu quis fazer, eu tinha condições de fazer e eu fiz...me doía muito ver as pessoas sendo...sofrendo um acidente e sendo transportadas, sendo atendidas com aquela displicência tamanha numa hora de tanta vulnerabilidade...o ser humano era descartado. Não importa o partido político, a condição financeira, a classe financeira, se ele é artista, se ele tem dinheiro, se ele tem conta bancária na Suíça, ou se ele não tem, importa que prá mim todos são seres humanos e todos têm a mesma condição de, acima de tudo, ser tratados com dignidade, não porque você é político e então eu te atendo direito, você tem dinheiro, eu te atendo direito, você é branco de olhos azuis, ou verdes, eu te atendo direito, você é cantor, tem...é parente do cantor, eu te atendo direito, o resto...é resto. E daí?...Que conceito de vida é esse? Você admitiria ser esse resto? Você admitiria que um filho seu fosse tratado como esse resto? Ou você é política, ou você faz parte daquele...daquela minoria, daquele clã

que tem dinheiro e pode ser tratado num Albert Einstein da vida ?...Isso sempre foi minha preocupação, isso sempre...por isso que eu falo prá você, eu sou, sempre fui essa 'porra louca'...

P: E com todas essas reflexões que você traz, o que você pensa...

E3: Eu acho que o ser humano tem muito que aprender, ainda, como ser humano...o ser humano. Se você perguntar prá primeira mulher que passar ali na rua se ela conhece o organismo dela você vai...ela vai ter dúvida para te responder. Se você parar e disser a ela que ela está respirando errado, ela vai falar que você é uma idiota, como que ela tá viva ?!...porque isso não aparece na telinha do plim plim, o que aparece são coisas...é uma mídia formada prá descaracterizar cada vez mais o ser, a individualidade do ser. Os conceitos básicos de vida, de existência, a..., o amor próprio, os conceitos de verdade, mentira, de saudável, de doença, de justiça, tudo isso não existe mais porque se você olhar a televisão tem cenas de estupro passando a qualquer hora do dia. Outro dia eu tive... 'não, mas você disse que não assiste, assiste aqui essa novela'...um cara que é até simpático, um capataz ali da fazenda que trabalha no haras...que trabalha a Vera Fisher...a veterinária...e a veterinária...aquilo foi uma cena de estupro sim (pausa), no começo do relacionamento. Poxa! Alguém, ou então, peça à própria televisão que passe esses capítulos para você ver (pausa). Então, isso é a virilidade do homem que é transmitida. E não é isso gente, não é por aí. Então, como que a gente pode ajudar esse povo ?...É uma discrepância muito grande a maneira como eu vejo e a maneira como elas aceitam serem tratadas, todas as mulheres nesse nível, nessa forma...Quantas pessoas você fez entrevista, quantas pessoas disse prá você o que eu tô te dizendo ? Eu discuto isso no meu nível, no meu círculo de amizade, custou, mas algumas agora concordam comigo. Eu não sou a única que tem um par de olhos no meio da cara, não! Todas essas coisas estão acontecendo, e estão sendo absorvidas com naturalidade quando não é natural. A naturalidade deveria ser o oposto, e isso propicia cada vez mais que se haja desse jeito porque isso é o veículo. Então, os conceitos estão transformados, foram mudados e não é por aí, e cada vez mais contra, cada vez mais distante. Aí

você fala... 'mas a mulher de 50 anos, a Vera Fisher, mas olha, aquela mulher ela já fez não sei quantas plásticas, ah, mas tem uma coisa viu ?...dizem que ela vive usando drogas'...então, quer dizer, quando você tem muitas coisas boas prá se inspirar, prá você ver, automaticamente você já joga em cima uma desculpa pelo seu comodismo de nada fazer... 'é porque ela usa drogas...', não é por aí. Não, você não tem que evidenciar os...o lado negativo das pessoas, por si só eles se mostram. Veja o lado positivo disso sempre. Ou você é aquela pessoa que quando você olha prá rosa você fala 'ai, o perfume dela não é assim essas coisas porque olha lá quanto esterco foi no pé dela...', você deixa de admirar a beleza e o perfume da rosa porque usou um monte de esterco no pé dela ? Tá certo ? (pausa)...mas é o que as pessoas fazem normalmente prá justificar o comodismo, a falta de iniciativa, a falta de vontade, e até mesmo responsabilidade, muitas vezes, sobre as próprias atitudes. Então, falamos, fulano, ciclano, ah!...e depois é aquele bendito...aquela bendita situação, né...outra coisa muito que a gente batalha, não sei se é porque eu sempre lutei muito, sempre trabalhei muito...a comodidade, e você esperar que outras pessoas façam por você o que você tem que fazer. Então, quem quer faz a hora, não espera acontecer, né !?...isso tem que tá sempre muito vivo dentro da gente. O mesmo sol que nasceu hoje não é o mesmo de ontem, as mesmas plantas que aqui estão não são as mesm..., da mesma forma elas já desenvolveram, já absorveram...já fizeram fotossíntese, então, já mudaram o ar prá que nós possamos respirar. Por que que nós vamos ficar sempre lá, esperando, não a gente tem que acompanhar essa...evolução. Se você pega a água, a água é limpa, deixa ela paradinha prá você ver, ela vai criar uma porção de microorganismos...e é a água...foi limpa! (pausa) Então, voc..., a gente não pode parar, você tem que estar sempre movimentando porque a vida é isso, é som, cor e movimento.

P: Você falou tantas coisas, é isso que fica para você desse momento...essa coisa do movimento ?...

E3: É, exatamente, e eu gostaria muito que algum médico, alguma pessoa assim mais esclarecida, desenvolvessem trabalhos com os homens e

tornassem esses homens conscientes de que a vida deles não está acabando com a andropausa, muito pelo contrário, e que a andropausa existe, não é uma utopia, ela existe sim, da mesma forma que a menopausa. E que ele pode fazer muito a favor dele, não contra ele, porque contra ele ele já está fazendo.

P: E isso vai ajudar no relacionamento com as mulheres...?

E3: Muito, muito, porque quando ele se sente seguro da virilidade dele ele não tem que agir dessa forma como ele está agindo.

P: Você quer acrescentar mais alguma coisa em relação a esse momento de vida, em relação à sua vivência da menopausa que você acha que foi marcante, que continua sendo...que a gente não tenha conversado ?

E3: Agora, é nunca estagnar, né ? ...Sempre buscar em quaisquer que sejam os meios...a comunidade em que as pessoas vivem sempre..., ninguém vive sozinho, sempre tem um núcleo, uma comunidade, seja ela qual for, ela deve ser participativa. Uma família é uma comunidade, um...então, tem que ser muito participativa, não..., nunca se deixar abater, nunca se deixar, 'é porque eu queria...', não, eu ainda posso fazer isso, não da mesma forma como eu fazia há vinte anos atrás, há trinta anos atrás, mas eu não devo deixar de fazer. E se tem alguma coisa (intervalo)...É o que eu falei prá você, prá mim é um momento ímpar na minha vida, não...eu tô desfrutando dele numa...numa boa. Então, eu não tenho amarras, não tenho neuras, não tenho nada que me deixou assim...eu tô livre, leve, solta. A única coisa que eu lamento mesmo é que eu não tenho um companheiro que vivencie essa fase comigo porque não tem assim... eu rio quando as pessoas dizem a respeito de 'é frígida, a mulher é fria, tem muita frigidez, a mulher não sente mais nada',...mentira, minha libido tá lá em cima, tá em alta (risos)...nunca, quer dizer, a única falta mesmo é o companheiro, na realidade, é o homem, sem ser sapo, sem ser príncipe, somente o homem...que ele diz...ancorasse aquele cavalo verde em algum lugar, deixasse o sapo dele no brejo que ele quisesse e viesse como homem, um ser humano que é...sem arrogância, sem petulância, sem inferioridade, sem insegurança, cuidando dele, nunca buscando uma mulher para cuidar dele,

que eu não quero...mãe eu já sou, eu já tenho meus filhos prá cuidar, e já cuidei dos meus filhos, eu não quero cuidar de um homem como um filho, eu quero só viver uma vida do lado dele. É isso que eles não entendem. Então eu não quero ser mãe de ninguém, isso eu já sou. Não quero fazer ninguém de minha muleta porque eu sou independente, eu não preciso de um homem prá me ancorar, para minha subsistência. Eu não quero medir força com ninguém, eu não quero um homem forte comigo, não sou dona de Banco nenhum, não ando empete...nada...ladrão entrou aqui quatro vezes carregou tudo que tinha direito e o que não tinha também, então...e a última vez eu estava, eu abri a porta prá ele. Então, pura e simplesmente compartilhar um momento agradável da minha vida que é este, do lado de um homem legal, não do lado de uma coisa que não...insegura, que não tem condições de fazer mais nada na vida...que infelizmente os homens estão nesse patamar hoje, e é uma pena, é uma pena, é judiação, judiação mesmo (tom enfático) porque a...vou fazer aqui uma denúncia, o que eu encontrei...semana retrasada eu conversando com um homem que eu achava que ele fosse hetero, não tive nenhum relacionamento com ele, nada, mas, ele é um homem da classe alta, média alta, superior formada, curso superior formado, ele está hoje com 48 anos de idade, agora, agora, fazem exatamente três meses ele diz que está usando os dois sexos, eu falei, ué, como é que é ?...conta prá mim, que você tá fazendo ?...e numa boa... 'tanto faz, como tanto fez, porque daqui prá frente, minha amiga, ruim é aquele que não faz mais nada...a hora que não funcionar de um lado, pelo menos do outro vai funcionar...', eu falei, escuta, você, além disso você tá usando algum barbitúrico, alguma outra coisa ?... 'não, nada, só os meus uísques de sempre,...mas você tá assustada porque você não participa da minha roda de amigos, porque no nosso grupo todo mundo é assim, não importa mais se é ele ou ela, daqui prá frente é só...', e eu caí quase que estarecida e, essas coisas ainda me chocam porque custou muito prá que eu aceitasse, e respeitasse a escolha, porque cada um tem a sua livre escolha, ou você escolhe um ou você escolhe outro...é aberração ?...continua sendo aberração sim, porque o certo é um e uma, uma e um, não, um e um , uma e

uma. Então, eu vejo sim tudo isso com muito pesar, e me preocupa, então, por favor, que os homens, os catedráticos, os phds da vida que se preocupem em informar, um estudo, de conscientização desses homens buscando o que são e a que vieram os homens. Só, cada um de nós, as mulheres também, participem da iniciação de originalidade, origem...

P: Isso é algum...?

E3: Então, veja você, buscar pura e simplesmente um homem. O homem ele tem uma série de potenciais, uma série de coisas que propulsiona, que impulsionam o homem a viver, a mulher também, e cada um buscando isso em si, mas fazendo da vivência de ambos, não uma competição. A mulher não tem que competir com o homem, ela tem que interagir, integrar-se, tem que haver uma integração. (silêncio)

Ao término da entrevista, a entrevistada 3 leva a entrevistadora para conhecer parte de sua casa, recebe um telefonema e diz que mais tarde vai a um passeio com motociclistas. Quando a pesquisadora chegou ela estava tomando sol em seu quintal e passou todo o tempo da entrevista vestida de roupão e de biquíni. Conversa, ainda, com a entrevistadora, sobre sua vida profissional e sua filha. Duração da entrevista: das 13:20h às 15h.



**Rapport:** 28.10.2000

4ª entrevistada: Azaléia

Idade: 54 anos

Estado civil: casada perante a lei há, aproximadamente, trinta anos (separada de fato há 15 anos)

Religião: Evangélica

Filhos: 3 filhos: um rapaz com 30 anos; outro rapaz com 28 anos; e uma moça com 27 anos

Profissão: servente de escola estadual há treze anos (há seis anos foi readaptada para diminuir o trabalho pois apresenta problemas na coluna, só que essa redução não acontece na prática). Antes já trabalhou como doméstica, ajudante de costureira, em instituto de beleza (salão de cabeleireiro), e seu primeiro trabalho foi na roça, além de ter ajudado a criar os irmãos (mais de 10), sendo a terceira filha mais entre os mais velhos

Data da última menstruação: com 46 anos (quase 47 anos)

Refere que há dois anos começou a apresentar fogachos e, então, começou a fazer terapia de reposição hormonal. Refere, ainda, que tem medo de câncer e por isso, às vezes pára, por conta própria, por um período de tomar a medicação.

Data da primeira menstruação: por volta dos 14 anos

Grau de instrução: até 7ª série (ginasial)

Mudou-se para Campinas aos 17 anos.

Atualmente mora com a filha e um neto.

P: O que eu quero saber é como você está vivenciando o seu momento de vida hoje ? E isso nos seus relacionamentos, no seu trabalho, com seus filhos, eventualmente com um companheiro, todas essas coisas...é isso que eu quero saber...e isso tudo que veio de lá de trás e como que está hoje.

E4: Olha, P., eu vou dizer o que prá você...você quer saber da minha vida...? Meu Deus, 54 anos, você já pensou...?...eu vou ficar o dia inteiro aqui...não,

não dá não. Olha, eu era uma pessoa muito vivaz, desde menina, esperta, super, muito esperta...fiquei na minha mocidade muito esperta, eu acho...não prá eu me gabar não, mas eu sempre me achei muito inteligente, e durante a minha fase do...dos quinze até aos vinte e cinco anos, até depois de casada, cheguei a chorar muitas vezes de não ter podido estudar, porque eu não podia estudar, meu pai não podia me deixar estudando porque eu tinha que trabalhar, você entendeu ?...Eu fiz esse curso aí, com muito sacrifício, trabalhando ainda na casa dos outros, ainda estudando, sabe ?...mas chega uma fase que não dá mais, e a minha mocidade...vai dizer que teve uma mocidade ?...Eu não tive aquela mocidade, boa, e passear, e isso e aquilo...foi muito trabalhar, trabalho, trabalhar fora de casa, trabalhar em casa, ajudar os pais...me casei com 23 anos, como eu te falei (no rapport) venho de uma família de tantos irmãos e muitos problemas, tanto sofrimento...minha mãe...ficou onze filhos, mas ela teve...todos nasceram...ela teve dezessete, então, é uma luta, então, eu já venho de pequena sempre já com...já fui crescendo com problemas...casei, e o meu problema...a gente pensa, eu pensei que o meu casament..., todo mundo pensa, né...? (risos)...acho que é normal!...sei lá, casei por amor, né ?...foi praticamente meu primeiro namorado, que eu nunca fui de namorar, de ficar namorando, e fui um desastre, né...um verdadeiro desastre! Tive três filhos, com muito sacrifício, aí começou a minha luta porque meu primeiro filho nasceu albino...quando meu filho...meu marido viu meu filho lá na maternidade, albino, ele falou que o filho não era dele, lá dentro da maternidade, quer dizer, foi...você imagina como é que ficou a minha cabeça, né...eu não gosto de falar essas coisas não viu, eu prefiro nem falar, mas tem que falar ?...porque eu prefiro não lembrar dessas coisa não (silêncio). Aí, não era dele, imagina...primeiro, imagina, ele me conhecia, quer dizer, é o tipo de homem que fala as coisas...o que vem na boca, sabe, até hoje ele é assim. Se você ver ele, ele perto de mim parece meu...parece um filho meu, porque ele tem dois anos a menos que eu, mas parece, na cabeça dele, ele deve...ele não cresce, mentalmente ele não cresceu. E nesse não crescimento dele, desde o dia que a gente casou, eu fui

pegando...eu fui crescendo em tudo, eu fui obrigada a tomar tudo prá mim, você entende ?...fui tomando tudo, tudo...fui a mãe, o pai...se preocupar com tudo que você pode imaginar dentro de uma casa, que eu tive três filhos um em cima do outro...tudo, dinheiro prá isso, dinheiro prá aquilo...nunca ele me perguntou...ele viajava, ele era caminhoneiro, uma época, depois ele parava, montava oficina, ficava prôs bar, bebia, jogava...então, ficou tudo...então cada vez fui ficando mais responsável, então, aquela menina que eu te contei lá, né, responsável, que eu era, mas eu tinha vivacidade, era super esperta, eu tinha disposição, e continuei a ter disposição, você entendeu ?...mesmo depois de casada, meus pais precisavam de mim, tudo, prá resolver problema era eu, então (pausa) ele deu um nó na minha cabeça, quer dizer, meu marido, ele me deu um nó, ele foi dando cada vez mais um nó, mas eu lutando pelo meu casamento, eu lutei, durante dez anos eu lutei pelo meu casamento com unhas e dentes, você entendeu ?...porque em primeiro lugar eu gostava dele, e ele dizia que gostava de mim, à moda dele, pode ser que ele gostasse mesmo, mas cada pessoa tem um jeito de gostar, você entendeu ?...Ele gostava de mim e naquele tempo eu achava que ele gostava de mim e não tinha mais nada, agora depois, quando a gente se separou que a gente fica sabendo de coisas que ele fazia, né, era onde o dinheiro não vinha, não aparecia. Bom, aí voltando atrás...tive o primeiro filho, ele falou que não era dele, então, imagina, não era albino, prá ele era uma criança loira, ele não tinha entendimento, tudo bem, aí em seguida fiquei grávida, e outro albino, aí ele aceitou, porque aí era igual, aí ele teve a prova, sabe São Tomé, tem que ver prá crer, foi isso aí, tudo bem então. Em seguida passou, foi um...teve um espaço maior, aí veio ela (refere-se à filha que encontra-se na casa onde estou entrevistando-a), só que ela não é albina, aí essa não era albina...porque era preta...eu não tinha visto ainda, ela estava no berçário e ele...antes de entrar minha cunhada que é irmã dele, eles foram ver ela no berçário, só que era pretinha, aí ele entrou no quarto antes e falou assim 'aquela menina lá não é minha!', ela é preta, e eu não tinha visto, imagina o choque que eu levei, falei 'meu Senhor, que castigo é esse!', né, primeiro o Senhor me dá dois filho branco, agora me dá

uma preta...eu não tinha visto, eu não...nem traziam a criança, hoje não, né, porque já fica junto, né, das mães, fica do lado...antigamente não, às vezes ficava um dia sem ver. Falei “Meu Deus, não é possível uma coisa dessa!”...aí a irmã dele entrou, me pegou chorando, né, ela falou...eu falei ‘Fala prá mim, é verdade que minha filha é preta?’...ela falou ‘quem te falou isso?’... ‘uai, o Z. (marido da entrevistada), acabou de sair daqui e falou que ela não é dele não porque é preta’, então, agora você imagina a cabeça dele, como que a gente pode viver com um homem assim, ele é instável...é muita insegurança, né?...o primeiro não era porque era branco, a C. (3ª filha) não era porque era morena, quer dizer, é muita falta de informação, é muita ignorância...não é ruindade, ele não é ruim, mas prá mim ele foi ruim, você entendeu?...ele não soube me...acho que não é...não nasceu prá ser do lar, né...vai fazer o que?...hoje eu entendo isso, naquele tempo eu não entendia, eu queria que ele fosse assim, queria que ele fosse assado, você entende?...mas, ninguém é como você quer, né?...e aí começou...no dia do meu casamento ele me bateu, antes de casar na igreja, na rua, você entendeu?...nós estávamos...a gente casou no cartório...aí a gente falou...quem estava com nós?...a gente ia passar no m. prá comprar umas flores, e eu tinha alugado uma casinha lá no G. (bairro), falei ‘a gente vai dar uma passadinha lá na casinha, uma senhora ficou de arrumar lá’, depois a gente...minha mãe, aqui é a casa dos meus pais (refere-se à casa onde estamos), aqui não é meu. Aí, no m., quando a gente comprou as flores, eu tava com elas na mão, a gente ia subindo, a gente ia a pé, naquele tempo andava muito a pé, né, eu não lembro o que que foi que eu falei que ele me falou...é discussão de nós dois que na hora eu catei aquele negócio (as flores) assim e dei assim nele (mostra com um gesto que bateu no braço dele com as flores), mas dei que os cravo nem...o maço de cravo não chegou nem machucar, tanto é que foi ele que eu usei à noite no casamento...não precisou eu fazer nada, ali mesmo ele me catou, me deu um empurrão, e me jogou no chão, eu lembro como se fosse hoje, eu tava com a meia, até a meia aqui rasgou...então, eu, sei lá, ele é o tipo de homem que não podia contrariar ele em nada, tudo tinha que ser do jeito que ele

queria senão ele agredia, né...mas ele agredia só a mim, e depois ao longo do tempo eu percebi, que a mim e aos meus filhos, a agressão dele era só assim com nós, parece que ele tinha uma aversão àquela convivência, sabe, é uma coisa que...aí foi...sofria, e lutas, e comecei a trabalhar de faxina...quando eles (filhos) era pequeno eu não podia, né, eu tentei, tentei largar dele seis vezes, na justiça mesmo, com advogado, tudo lá, advogado ficava...ele mesmo fez entrevista várias vezes, aí chegava na hora ele falava que não, que não ia largar não, e...eu fiquei, eu achei, a gente chegou até a discutir pensão com o advogado...ele falou assim, que imagina que ele ia dar pensão prá mim...que, na hora, eu lembro como se fosse hoje, a advogada perguntou 'a senhora tem alguma profissão?'...como quem diz com o que ele me deve, mais o que eu ganhasse com a minha profissão então ia...a obrigação da pensão dos filhos é dos dois, não é a mulher falar 'ah, vou largar do marido e ele é obrigado!'...não, eu acho que a obrigação é dos dois, isso aí não tem dúvida, então, eu falei 'olha, eu não tenho profissão, eu não tenho profissão, eu só trabalhei a vida inteira, mas eu não tenho profissão!'...eu não tinha, e não tenho ainda, porque se eu sair desse (emprego) eu continuo sendo doméstica (risos), não é verdade? Aí, ele falou 'ela não sabe fazer nada, ela não sabe fazer nada!'...nessa época o meu filho mais velho tava com, acho que uns cinco, seis anos...aí começou, bem pouquinho mesmo...aí começou a minha luta prá tentar separar, mas o amor de um lado segura, a situação financeira segura, porque eu vinha prá cá com meus filhos (refere-se à casa dos pais) e não tinha jeito de ficar, imagina, minha mãe com os meus irmãos tudo adolescente, outros mais velhos, e também, uma série de problemas, tanto é que eu tenho dois irmão que...um a polícia matou, e outro, em briga lá no...o outro matou, então, imagina os problemas que tinha minha mãe com os meus irmãos, e eu vinha prá cá prá poder largar e levar minha vida, mas não conseguia porque também tinha problema, você entendeu?...e eu ia trazer mais problema. Então, tudo isso segurou, então eu ia empurrando e tentando ver se melhorava, sabe?...

P: Aí vocês foram para o juiz...

E4: É, ele falou 'ele não sabe fazer nada!', aí a advogada falou 'como que ela não sabe fazer nada ?...se o senhor só sabe fazer filho nela!...porque até aí eu tinha tido três filhos e tinha tido cinco abortos, você entendeu ?...Então, eu tive nove gestações...então 'como que o senhor fala que ela não sabe fazer nada, se o senhor só soube fazer filho nela ?...ela teve três filhos...já é muito ela criar três filhos...', sendo a situação financeira da gente assim, né...você criar três filhos sendo da classe média, por exemplo, é mais fácil, mas a gente sendo classe baixa, né, com sacrifício, e eu tentei, até comecei falar...eu tentei

botar em creche porque eu queria trabalhar, desde quando eles tinham três anos, dois anos, eles não aceitaram...eu ia deixar a minha filha menor com a minha mãe e por os mais velhos na creche porque eles disse 'é albinos!'...porque, não sei se você sabe...a dificuldade que tem uma criança albina quando eles começam a andar, eles...é um...parece que eles brigam com a claridade...depois eu acho que é...não é acostumam, tem uma outra frase...eles vão habituando, se adaptam, o próprio organismo, os próprios olhos, os sentidos também...uma criança que começa andar já é difícil sendo normal, agora você imagina para uns albinos, então, eles não...caiam muito, tinha que ajudar, o meu mais velho que tinha a visão mais pequenininha, nossa!...Aqui, olha, ele já tinha três anos...aqui ele caia (aponta um degrau na entrada da sala onde estamos)...ele vinha, vinha, sabe...então o deslize parecia reto, então ele caia, então a creche não queria, não aceitou, falou 'olha, eles vão ter que ter uma pessoa prá cuidar deles só!'...eles não podem tomar sol, eles não podem de fato, é verdade, você entendeu ?...então, eu não pude trabalhar, tive, infelizmente, que ficar com eles, que cuidar deles, graças a Deus que Deus ajudou, porque eu vejo hoje aí pessoas que não conseguem nada de jeito nenhum, não é verdade, tá prô mundo aí, então eu falei, não, eu tenho que ficar com eles, com o meu marido eu pensava, que é ruim ou bom, mas eu tenho que criar meus filhos, quer dizer, eu pus os meus filhos em primeiro lugar, você entende ?...Eu botei na minha cabeça que é os meus filhos em primeiro lugar, aconteça o que acontecer eu tinha que criar eles bem, você entendeu ? E, aí a fase escolar, mas nesse ínterim,

nesse intervalo, foi terrível, brigas diárias com essas crianças junto, foi assim...um campo de guerra...aí veio a fase escolar, matriculei na escola, também não conseguia, às vezes eu chegava...foi dois anos justinho prá eu conseguir a lupa, a telelupa prá eles...um óculos que tampa um lado e adapta aqui (mostra com gestos em seu próprio rosto)...foi dois anos de brinquete, um mandava prá um lado, outro mandava prô outro, vai aqui, vai lá e vai...ele não tinha INPS, entendeu ?...Aí, até que eu consegui com meu pai...porque de vez em quando ele sumia (refere-se ao marido), ele sumia mesmo...pegava o caminhão, ia prô mundo, ficava fora, sabe ?...e eu dei ele como sumido, e isso aí foi a assistente social que me orientou 'você vai dizer que ele sumiu...prá você conseguir seu pai como tutor dos seus filhos, você conseguir INPS!'...foi isso que eu fiz! Meu pai falou...minha mãe já tinha morrido, aí minha mãe já tinha morrido, meu pai tava viúvo, aí ele foi ser meu tutor, daí três meses saiu, eu entrei com a papelada do INPS, levou seis meses, quase seis meses prá vir de volta, quando veio, a verba que veio não dava prá comprar nenhuma telelupa, o resto tive que pôr, aí foi outra peregrinação prá conseguir o resto, não consegui, mas sempre Deus colocou uma pessoa boa no caminho da gente, minha vida inteira foi assim, sempre Deus coloca uma pessoa boa, sabe, com luta, aquela pessoa boa Deus te põe, mas a luta, o resto é seu. E, ela catou a minha papelada e falou 'não, pode deixar que eu vou dar um jeito nisso', e mandou de volta, e quando veio, veio total a verba...porque vinha do Japão, no Brasil não tinha, hoje tem, tanto é que a que eles têm hoje é nacional, mas agora, as três primeiras que eles tiveram veio do Japão, por isso que era caro. Então é difícil, aí eu consegui, mas até aí eles tavam indo na escola, o mais velho...aí tirei da escola, aí eles tavam na A.S.C., ali, não sei se é ainda, mas deve ser, ali tem uma área prá cegos...deficiente, então meus filhos eram tratados como deficientes, você entendeu ?...E quando eles estavam em fase escolar eles tinham que trabalhar neles de algum jeito, não tô falando prá você que Deus coloca as pessoas boas na vida da gente, então, lá levaram meus filhos no..., nossa, foi maravilhosa...prá trabalhar coordenação motora deles, prá ir preparando eles prá depois, quando vim a telelupa, prá eles já estar

preparados, então todos os dias eu levava eles, buscava lá, até que veio a telelupa, graças a Deus, então, a primeira escola que eles entraram, na 1ª série, foi de lá que encaminharam eles prá escola...não tinha dinheiro, eu não tinha nada, naquele tempo não tinha nem carteirinha escolar, eu tinha que me virar de qualquer jeito prá andar de ônibus, prá lá e prá cá, prá todo lado com as crianças...tudo isso eu fazia, sabe, a gente lutava! Eles ficaram até a 2ª série em classe especial, sabe...na 3ª série eles já saíram da classe especial, aí mandou eles prá outra escola, só que não deu certo, aí a classe especial da escola anterior era até 2ª série, aí mandou prá classe normal na escola seguinte, não deu certo, é ano que perde, entendeu?...aí mandou prô H. C. (outra escola) que lá tem classe específica prá cegos deficiente...foi ali que eles conseguiram ficar até a 4ª série, você entendeu?...A professora era maravilhosa, foi ali que eles conseguiram ficar até a 4ª série. Depois, já estavam grandes, né, velhos já, aí eles foram...o mais velho fez a 5ª série, aí ele não conseguia mais acompanhar a lousa, porque são várias faixas, tem professor que...são 40 minutos cada aula...eles não acompanhavam, não dava tempo deles escrever...então, um fez a 5ª série, o outro fez até a 6ª, e também o problema familiar que eles também precisavam trabalhar prá me ajudar, prá mim poder...prá gente ter uma vida assim...porque sozinha meu dinheiro não dava prá mim separar do meu marido.

P: Como era o relacionamento com o seu marido ?

E4: Ih! Agressões, b.o. (boletins de ocorrência) em delegacia, eu guardei uns anos, depois joguei tudo fora, devia ter uns quinze, tanto é que eu...se eu fosse separar dele mesmo, eu guardava por isso, porque ele nunca assinava, e os b.o. assinava por mim porque o juiz assinava, entendeu?...só aquelas...agressões, ele me agrediu e eu tava grávida, não dela (refere-se à filha que encontra-se na casa na qual ocorre a entrevista), dessa também, foi em S. (cidade), eu morei em S. também, ele me agrediu uma vez que eu tava grávida do meu filho do meio (pausa) e ele deixou marcas na minha barriga, então é coisa assim, agressão, brigas...depois que as crianças cresciam, ele vinha e a primeira coisa que ele tinha...era bater nas



crianças...ele bebia...mas não sei, às vezes eu achava que não era só bebida, muitas vezes eu olhava nele e eu achava que, sei lá, que ele misturava alguma coisa...uma vez meu irmão de S. tava aqui, ele chegou louco aqui em casa, era umas quatro horas da tarde, louco, pôs nós todos prá correr, um frio, nós todos na rua, e ele não dormia porque geralmente ele bebia, ele dormia, esse dia ele não dormia, ele bagunçou com nós, pôs nós todos prá correr e falou 'se alguém vier aqui vai entrar no cacete', bom, isso aí ele fez centenas de vezes, eu tô contando esse caso porque meu irmão conseguiu internar ele no hospital, no negócio psiquiátrico, um lugar que não tem mais, acho que fechou, era uma parte da P.(faculdade)...aí depois, passado o tempo, ele falou que aquele dia ele tinha bebido pinga com pimenta...ele fica em bar, esses homem, vai ali e topa de tudo, o que vem ali...ele falou que era pimenta, mas eu acho que era droga porque ele não dormia, ele virou um 'cão' (tom enfático), ele virou o capeta dentro de casa...meu irmão falou assim, 'o único jeito que a gente tem que fazer é chamar a polícia, vamos chamar a polícia', aí ele ligou prá polícia e a polícia falou 'olha, do jeito que ele tá, a gente vai, mas vocês vão ligar também'..., e deu o número desse negócio psiquiátrico...aí veio a polícia, e veio os dois prá levar ele, sabe...e levou. Ele foi numa boa, por isso que eu acho, tem coisa que não dá prá entender...ele foi...pensa que ele brigou ?...pensa que ele lutou ?...A hora que chegou lá ele falou 'ah, vocês vão me levar ?...ah, vamo embora então!'...não falou nada...quem via ele falava 'não, eles estão mentindo!'...porque ele ia como um anjinho, em outras vezes, ele conversava com os policiais como se não tivesse acontecido nada, a não ser que ele tinha acabado de me espancar e as marcas, geralmente, não aparecem na hora, né, os hematomas aparecem depois, no outro dia, você sabe disso, né ?...se você leva uma pancada hoje, o roxo vai aparecer amanhã...só que ele não ficou lá, na mesma noite ele saiu e soltou um monte de onde ele tava lá junto com ele...eles fecham a porta, dão um remédio prá dormir , deram prá ele, ele não tomou o remédio, ele não engoliu, não tomou...ele arrancou uma grade de uma janela, que não devia ser grade, devia ser uma espécie de uma rede, ele arrancou, os enfermeiros

devia estar dormindo, e os caras vendo ele arrancar perguntaram 'o que você tá fazendo aí?', ele falou 'eu vou é me mandar daqui e se vocês quiser vocês vem comigo!', então ele saiu, pulou a janela e levou os outros junto com ele. Então, o que eu vou falar prá você...qual é...é isso aí, daí prá pior, porque melhor não teve não, foi terrível. Uma vez ele bebeu...eu não vou contar isso não (abaixa a voz)...bom, você perguntou o que acontecia, o que acontecia é isso aí...

P: E depois, vocês se separaram...

E4: Eu vou te contar como foi a separação. A separação...ele teve um, uma briga, quer dizer, era briga quase todo dia e ele não ia embora, ele não saía de casa, o aluguel não pagava, eu morei quinze anos numa casa, se ela pagou aluguel três anos, ou quatro, foi muito e os donos da casa estavam indo quase que semanalmente fazer escândalo na minha porta por causa do aluguel, mas eu não podia fazer, o dinheiro que entrava era prá nós comer, você entendeu? Então, era o mínimo que ele podia fazer, né?...pelo menos moralmente, sei lá eu, pagar um teto prá gente, eu sempre enrolava o homem. Aí, eu não lembro o que foi que aconteceu que eu tava num desespero total, fui eu e meu filho do meio na polícia aqui do T. (bairro), então parece que aquele dia Deus já colocou esse delegado...eu não conseguia falar com delegado, e naquele dia eu consegui falar...o delegado que tava de plantão, fui lá e conversei com ele, um senhor de idade e contei prá ele...como eu fazia prá prender, ele devia ter feito uma coisa muito grave em casa, 'o senhor tem que prender ele', eu falei, 'o senhor tem que prender ele porque eu não agüento mais!' e comecei a contar, né...falei 'ninguém prende ele, se ele ficasse preso pelo menos uns quinze dias, eu acho que ele melhorava', eu achava...o delegado escutou tudo, eu contei parte das coisas...desde que meus filhos estavam na barriga eu não consigo largar porque a gente...eu tenho medo de largar e meus filhos passar necessidade, morar na rua e eu morria de medo. Ele falou 'olha, prender ele eu não posso não, eu só posso prender ele se ele fizer sangue, mas ele é esperto, ele não faz sangue em você, né?', eu falei 'não', então 'ele é esperto porque ele só bate em vocês e deixa marcas e marcas só faz laudo'...eu levei os b.o. prá

ele, e ele falou 'aqui nos b. o. só tem marcas, não tem perfurações, não tem nada, não tem sangue, marcas não dá nada, você entendeu?...ele falou 'ele tem que fazer sangue'. 'A senhora só apanha', ele falou, eu falei 'não é que eu apanho, porque ele bate nos meus filhos também, então, eu tenho que apanhar prá salvar meus filhos'...meus filhos com 14 anos, ele entrava por uma porta, eu empurrava meus filhos pela janela, a gente já ficava de prontidão, podia ser meia noite, uma hora, duas horas, qualquer hora da madrugada, você entendeu? Eu não dormia, do jeito que ele chegava ele já ia...ou ia para o quarto, não tinha trava nas minhas portas, eu tinha que por cama e máquina para segurar as portas porque ele quebrava tudo prá entrar. Aí eu peguei...ele (o delegado) falou 'oh, ele tem que fazer sangue, a senhora vem, aí eu abro o inquérito, aí dá inquérito'...você entende dessa parte?...ele falou assim 'aí sim eu mando prender ele, aí eu dou voz de prisão', aí ficou aquilo na minha cabeça...ele falou 'a senhora enfrenta ele'...só uma vez na minha vida que ele me furou com uma faca...ele falou 'se ele não machuca a senhora com nada é porque ele sabe, ele não é...ele é vivo, então enfrenta ele', o delegado falou 'a senhora tem que enfrentar ele...teus filhos são grande'...aí eu falei, 'mas é esse o meu maior medo'...desde que os meus filhos eram pequenininhos eu queria largar dele porque, de medo dos meus filhos crescerem, ficarem com 14 anos, e enfrentar o pai...quando eu via em jornais e rádio e televisão filhos matando pai, pai batendo no filho, eu...isso era...eu vivia nesse terror, eu falava 'não, eu tenho que largar dele, eu tenho que largar porque meus filhos uma hora vai enfrentar'...tanto é que meu filho do meio tinha 11 anos, entendeu? Eu tinha medo que ele enfrentasse...porque nós estávamos todos num quarto fechado e ele via a briga, tudo que ele fazia comigo, e eu covarde, né, aí ele falou assim chorando 'mãe, quando eu crescer, que eu ficar homem, eu vou matar meu pai', então, isso aí marca na gente...até lá, se Deus quiser nós já separamos dele, porque Deus é bom, eu falava prá ele, eu não era evangélica ainda, mas Deus foi muito bom na minha vida, sempre foi. Antes eu não seguia nenhuma religião. Eu não acreditava em nada, só em Deus. A minha força era só Deus. Igreja não. Casei na Igreja católica, casei por

casar, como se diz, como todo mundo casa, porque veste de noiva, tira fotografia, mas, mas, nada a ver viu, porque a benção vem de Deus. Você casa lá...é o padre que te abençoa, mas quem te abençoa é Deus...a benção vem antes, quando você está namorando...você começa a namorar você começa a pedir as bênçãos de Deus, prá Deus te revelar se é aquele homem mesmo que Deus tá preparando prá você, hoje eu sei disso...Bom (pausa)...então, você acha que a minha cabeça, é o nó que eu te falei que o meu marido dava na minha cabeça e...o delegado falou que a gente tinha que fazer sangue, que ele (marido) tinha que fazer sangue em nós para ele (delegado) abrir o inquérito, senão eu não ia nunca conseguir largar dele, senão não ia prender ele. Ah, minha filha, parece que aí ele me deu força, você entendeu? Coisa que eu não tinha coragem de fazer nada, eu nunca tive coragem de pegar uma faca e enfrentar meu marido, porque cada pessoa é o que é, você entendeu? Eu não tinha, depois tinha as crianças também, como que eu ia fazer dentro de uma casa...eu morei numa casa aqui no F (bairro), mas antes disso eu sempre morei em dois cômodos, e cheguei a morar em um cômodo, e ali ele pegava nós, você entendeu?...pegava nós ali dentro daquele um cômodo. Aí foi o dia que a gente enfrentou ele, então, eu falei 'meu Deus, eu tenho que dar um jeito'...arrumei um pedaço de pau para cada um deles (os dois filhos), eles já eram grandes, e ele chegou no domingo...porque era assim que ele fazia, punha o pé na porta prá entrar e 'cadê aquela biscate?', era palavra assim na boca dele, aí ele entrava e falava assim 'cadê aquela vagabunda?' e começava com palavrão...rameira...eu não sei porque...falava de mim. E eu fiquei na cozinha, quando outras vezes nós já tinha corrido, outras vezes nós já tinha corrido já, já tive que pular a janela, a chave ficava tudo na minha mão prá ele não trancar, porque no começo ele trancava, ele ficava sozinho dentro de casa, depois a gente vai aprendendo, ele trancava nós para fora e ia dormir. E nós ficava...cheguei a dormir muitas vezes fora de casa em terreno baldio. Aí menina, aí meu filho veio, meu filho tinha 15 anos, meu filho veio e falou assim 'de hoje em diante o senhor não vai nunca mais ofender minha mãe, chamar minha mãe de vagabunda, porque minha

mãe...nunca mais o senhor vai falar que minha mãe é biscate'. Aí ele falou assim 'ah, o galinho!...por que você vai me proibir?', ele falou pra o C. (filho da entrevistada)...sabe, aí eu fiquei com medo, a gente fica com medo, a gente não sabe o que vai acontecer depois, mas eu tinha posto tudo na mão de Deus, eu falei 'seja o que Deus quiser'. Aí, ele falou 'você?', aí o C. falou assim 'eu!', aí veio o outro, aí veio os três, cada um com um pedaço de pau, você entendeu?...mas quem pegou primeiro fui eu, e eu falei 'isso mesmo Z., de hoje em diante você não me bate mais, você não bate mais nos meus filhos, e eu não vou ouvir mais palavrões da sua boca e tudo que você fala de mim...antes fosse, porque ao menos eu...a gente não se ofende quando você é', ele falou 'ah!', e eu comecei a dar paulada com o cabo da vassoura, aí ele começou a gritar 'olha, ficou louca!...'para os vizinhos escutar, ela ficou louca, ela ficou louca, olha aqui...a sua mãe C., sua mãe me batendo, tua mãe tá louca, mas ele fez um pampeiro, mas um pampeiro...ele mesmo fechou a porta, ele prá fora, e ficou ali puxando prá não apanhar de nós, você entendeu?...nem dessa vez eu não consegui nada. Nunca que ele batia em nós, a anarquia que ele fazia dentro de casa, o vizinho veio socorrer...nunca!...e quando ele tava apanhando, que ele ia apanhar, eu consegui dar umas porradas nele e só...no braço dele, eu consegui dar umas quatro ou cinco pauladas, sabe, aí que eu podia ter batido mesmo, prá desferrar tudo que ele fez em mim, né, eu não consegui, o vizinho veio socorrer ele...(a entrevistada ri neste momento...), o vizinho de frente, que bebia uns golinho, mas nunca veio, veio saber o que tava acontecendo, que ele tava ouvindo a gritaria, eu falei 'ai, meu Deus!', aí ele (marido) começou a falar 'ela ficou louca, olha, tudo eles tá com um pau na rua prá me bater!', sabe, falando...(entrevistada ri novamente), foi assim, aí eu falei assim, 'agora você vai embora!', depois, que passou tudo isso, né, eu falei 'você vai embora, você não vai ficar mais aqui'. 'Eu vou', ele falava, 'você vai embora hoje', eu falei prá ele...ele foi embora, mas aí disse que ia dormir num sítio...perto da casa da mãe dele, e dormiu lá embaixo perto dos bar, não sei, isso eu fiquei sabendo depois, depois foi prá casa da mãe dele, ele foi mesmo. Consegui. Aí ele foi embora. Ele viu que nós agora ia enfrentar ele,

você entendeu? Mas...tudo tem um tempo certo, eu não sei, na bíblia tá, né, que tudo tem um tempo certo...vem da palavra de Deus...será que eu tinha que agüentar ele quinze anos? Aí eu não...sabe, eu acho que...quinze anos justamente foi o tempo, ele foi. Menina, aí eu fazia faxina, eu trabalhava...de vez em quando ele voltava, vinha brigar ainda, mas não era...mas só que aí ele não se crescia porque ele sabia que agora eu enfrentava ele. Então, mudou, eu não enfrentava ele com arrogância, eu não enfrentava ele prá brigar...nada, muito pelo contrário, eu simplesmente, como que eu te explico, não tinha mais medo dele, o que ele falava eu não ligava mais...as coisas acontecem no tempo certo, né...aí, ele foi...ficou...ele sempre viajava sabe, não ajudava mais não, não dava um tostão prá mim...menina, Deus é tão bom, minha filha trabalhando...o ruim foi isso, que eles não puderam estudar, principalmente, os dois mais velhos que tinha que ter estudado e não pode. A gente paga aluguel...aí eu arrumei, Deus preparou uma casa prá baixo...arrumei uma casinha que dava bem no nosso orçamento, sabe? O aluguel era o salário que eu ganhava...do salário que eu ganhava sobrava um tantinho. Digamos assim, eu ganhava 250, então, ainda sobrava, digamos, 40 reais no meu salário...hoje, você viu, vê se dá prá fazer isso com o salário da gente, né? Então, e o que eles ganhavam, então dava prá viver...pagar água, luz, e comer...e vestir eles, porque eles eram adolescentes, você entendeu? Eu arrumei a casa...quando ele veio de viagem, ele queria entrar de novo, eu falei 'olha, você pode ficar, você chegou de viagem, você fica até você arrumar um lugar prá você ficar'...falei 'aqui você não vai ficar não!'...ele 'não, tudo bem, deixa só eu ficar aqui uns dias prá eu arrumar um lugar prá mim ficar.' Eu tô só resumindo...só que esse ficar dele foi se estendendo...até que eu dei um basta...

**Rapport:** 28.10.2000

5ª entrevistada: Margarida

Idade: 53 anos

Estado civil: viúva há três anos. Foi casada por 29 anos

Filhos: 3 filhos: uma moça com 31 anos; outra moça com 27 anos; um rapaz de 20 anos

Religião: Católica praticante

Profissão: Oficial de escola há 6 anos. Antes trabalhou como servente e inspetora de alunos. Está há 20 anos como funcionária pública, antes trabalhou como costureira.

No último ano começou a apresentar fogachos durante a noite e por isso não conseguia dormir, alternando-se a sensação de frio e de calor pelo corpo. Faz terapia de reposição hormonal neste período. Atualmente, apresenta menstruação desregulada ficando até três meses consecutivos sem ter menstruação.

Data da primeira menstruação: aos 14 anos. Refere que apresentava muita cólica

Grau de instrução: até 8ª série (1º grau completo)

P: Bom, então, eu gostaria de saber como que está sendo a vivência sua nesse momento da sua vida, nesse momento de...relacionado à menopausa, ao climatério, como que você está se relacionando com as outras pessoas, com você mesma...

E5: É diferente...não sei, sabe assim, é uma coisa...quando a gente é...tem os filhos da gente é um amor assim...não sei, a gente gosta assim dos filhos da gente, aquela coisa assim, mas...acho porque a gente tem muito assim...ainda mais agora que eu não tenho marido, nada, nenhuma preocupação, nada com ele, né, só com o menino, e ele passa o dia inteiro fora de casa, então a gente tem, se ela ficar aqui, eu fico o dia inteiro paparicando, né, a gente tem só bem...ela prá...só uma netinha, né?...acho que se tivesse um monte, acho que daí fica difícil (risos), mas uma só então a gente fica e...mas só que foi muito difícil quando ela ficou grávida, viu?

Sabe que ela...você sabe que ela tava com sete meses e eu não sabia que ela tava grávida minha filha? Olha como eu fui cega menina! Não percebi...uma cega, não sei...aconteceu o seguinte que ela teve esse caso com esse moço e daí ela caiu de lambreta, de moto subindo a rua T. num dia de chuva, ela caiu de moto e quebrou a perna, quebrou o joelho, aí ela foi interna...foram prá por gesso, mas ela diz que também não sabia e prá ela também foi uma surpresa ela estar grávida. Foi uma relação assim de coisa...pouco tempo e ela também não sabia porque quando ela...o gesso vinha até aqui em cima na perna e, quando eu fui uma vez levar ela no médico lá para ver o gesso ela falou 'olha, o senhor corta um pouquinho aqui, corta mais prá baixo porque senão quando vier a menstruação vai sujar porque tá muito aqui em cima, então o senhor corta um pedaço', tanto que isso eu escutei ela falar, e também uma amiga dela que já teve filho, já foi casada, eles foram na piscina na casa de uns amigos, aí falou assim, 'oh, o M.(filha da entrevistada) você está com uma barriga esquisita, você está grávida', diz que ela falou, 'imagina, você é maluca, eu não tô grávida não, a menstruação tá um pouquinho atrasada mas vai vir sim', aí que ela sacou que já fazia três meses que não vinha, aí que ela foi no médico sem eu saber sem nada, aí que ela foi no médico prá ver...de fato ela tava de três meses...já tava de três meses já e não sabia e, aí que ela ia contar prá mim que eu nem tinha...nunca vi esse moço na minha frente, se fosse esse outro rapaz aí, até às vezes eu falo por que não é desse daí mesmo que ela já tava, muito mais fácil aceitar...aí quando foi passando tudo e ela muito caseira...ela não parava em casa, mas não parava em casa mesmo, depois que largou dele era festa prá cá, prá lá...ela não parava...e ela se tornou caseira, sabe assim, e um dia eu comentei com a minha sobrinha 'nossa, a M. está tão diferente, uma menina que não parava em casa nem prá tomar um banho, só prá tomar banho só porque...ia prá rua', 'Meu Deus, acho que aconteceu alguma coisa', sabe assim, nossa, melhorou, né, e foi passando assim, passando, passando, e como ela ficou de cama muito tempo assim com a perna, nunca vomitou nada, nada, nada...quando eu era criança todo mundo falava começou a vomitar 'ih, tá grávida', porque as meninas fica



sentando no colo dos meninos, não é?...fica sentando...bom aí então foi passando o tempo, essa menina caseira, onde eu ia ela ia, queria ir, não queria mais sair (tom de surpresa)...um dia eu tava na casa da minha irmã e a empregada que é muito esperta, tem quatro filhos, mais vivida...mais nova que eu, mas mais vivida, falou assim, olhou por detrás assim, daí comentou com a minha sobrinha 'a M. está grávida', aí a minha sobrinha falou 'imagina, grávida, imagine!'...e ela sempre com aquelas camisona grande, sabe?...nada, nada, nada, e não falou...naquele dia, mas um dia de noite que ela falou, menina, parecia que eu queria que essa casa caísse e soterrasse eu...na minha cabeça, meu marido era vivo ainda. Nossa, precisou chamar a outra filha que é casada, precisou chamar ela, menina do céu, mas foi um tumulto tão grande, mas parecia que eu...eu falava assim 'por que não tirou, porque você não tirou, que vergonha, uma moça estudada, trabalhava num hospital, sabe, por que não tirou ?...até isso eu falei, hoje eu falo assim, ai menina...e a vergonha da gente...porque na realidade hoje eu sei que não existe mais gente virgem, não é isso, mas, assim, ter filho, uma moça estudada, uma moça que estudou Biologia, trabalhou num hospital que menina de dez, doze anos tendo nenê...a dificuldade que é uma criança hoje, o gasto e tudo, né...ontem mesmo tava falando na televisão os gastos que um filho tem hoje prá ser sustentado...o gasto quando é bebê...tanto que a menina gasta com ela um horror porque a menininha, por incrível que pareça...parece que tá cuidando de uma bola de vidro, todo arzinho dá gripe nela, tosse ou pneumonia, sabe, então, pagar médico particular, escolinha particular, e se não tiver um bom emprego não tem né como pagar tudo isso e mais remédio e...compra isso e compra aquilo, então eu fiquei assim falando prá ela aqueles dia 'por que não tirou?', ai menina se tivesse feito isso, né?...mas que isso vai dar pano prá manga vai ainda, você acha que essa menina vai ficar sem saber quem é o pai? Ela tem dois anos ainda, ela não sabe...é tão bonitinha, tão esperta, fala tudo, tudo, tudo...

P: A senhora estava falando do seu relacionamento com seus filhos e netos...e no trabalho como é?

E5: No trabalho tem uma secretária lá que é meio terrível viu...acho...eu sou um pouco esquecida, esquecimento acho que da idade mesmo, sei lá, né...e, então, às vezes tem aquelas desavenças, mas a gente gosta dela, tudo que precisa ela ensina, mas tem que pensar mil vezes o que vai falar sabe...tem coisa que não pode falar porque ela enche o nosso saco, mas no fundo ela tem razão de certas coisa, e às vezes ela falava do meu filho assim...ai, põe esse menino prá trabalhar, não pode ficar sem trabalhar, depois no futuro não vai ser bom marido, fala prá ele trabalhar, não sei o que e...então, a gente no fundo, como é mãe, achava meio ruim, apesar que foi trabalhar tarde mesmo...eu acho que ela tinha razão, eu sei que ela tinha razão, que ele tinha que ter feito mais cursos antes, mais coisa, mas financeiramente não dava prá ele fazer...o marido ia em SP. Receber o dinheiro, quando ele chegava aqui ia correndo pagar o bar e lá ficava o dinheiro dele, com que tava vivendo, com o meu dinheiro, só, então, no fundo não dava prá gente fazer muita coisa, ganhando pouco no Estado como a gente ganha, uma miséria, não dava prá pagar curso dali pagar curso daqui, cada curso é 200, 300 reais...salário da gente, então ficou assim, fica assim meio, né...concorrer a bolsa de estudos, concorrer a bolsa de estudos, estudar num bom colégio, fazer cursinho, cadê esse dinheiro, um cursinho custa 300 reais hoje!...300, 250, né? Então, ele fica reclamando que ganha pouco, tudo, então ela falava assim 'manda esse menino, vai estudar não sei aonde', daí ela arrumou um lugar prá ele ir, ele tinha uns 16, 17 anos, num curso lá de...foi feito esse curso no Senac, mas lá no Senac foi o curso da turma que ela participa da igreja Metodista e eles tem um coisa lá de alunos carentes, então ela arrumou prá ele lá no Senac...ele foi uma vez só, não gostou lá do negócio e não quis ir mais, então ela ficava falando 'tá vendo, todos que tavam lá no curso hoje estão empregados, você não deixou o seu menino ir...', 'que não deixei, ele não gostou'...não sei o que, não sei o que...era para menino carente e que falava prá tomar banho, falava da higiene e falava disso e daquilo, ele não gostou e disse 'eu não vou mais nada, Deus o livre, eu vou lá prá aprender a tomar banho?', era curso prá criança pobre que vivia lá no barraco...da Igreja Metodista, uma

parte social...eu sei que então ela é brava, mas...todo o mundo, assim, a gente conversa, é bom, mas tem hora que ela enrola em pegar a gente e eu vou te contar...a gente fica pensando dez vezes para falar uma coisa prá ela, tudo ela acha ruim, mas tem hora que...eu não vejo a hora de chegar em casa do serviço porque eu sou muito esquecida, então às vezes eu esqueço onde eu pus um papel, aí até eu lembrar, aí quando eu lembro, eu saio e vou lá e pego, mas aí ela já xingou, já esbravejou (risos), ela já arrumou remédio para mim tomar, já fiz tratamento de cabeça, eu não tenho nada na cabeça, é envelhecimento mesmo, falta de...envelhecimento da cuca mesmo, muita preocupação, então você fica...preocupação com a filha que vivia no bar, na rua e, aí a menininha que nasceu e a gente ficava preocupada...no fim nasceu...ela tão chorona, chorona, chorava de noite...trabalhava o dia inteiro, chegava em casa...a menininha que chorava de noite, então haja pique...você fica com a cabeça desse tamanho, né?...agora melhorou (risos)...teve um tempo...a turma lá da escola dá risada...quando meu marido morreu, fazia um mês que tinha nascido a nenê, aí a minha filha que tava morando no p. (bairro), ela precisou deixar o apartamento lá prô moço, falei 'venha aqui em casa, morar aqui em casa, seu pai agora morreu, eu dou esse quarto', tem só dois quartos, um quarto lá e eu com a nenê e a M. ali na frente (outro quarto) e o Ma. (filho) tinha uma cama aqui prá ele, aí ficou, então nós estávamos em dois, cinco, seis e um cachorro, aí, menina tumultuou minha casa. Minha casa virou um "forfé", tanta gente, tanta coisa na minha casa, porque ela trouxe o jogo de quarto dela, ela tinha, ela trouxe aqui, então, tinha dois fogão, duas geladeira, ai meu Deus, quanta coisa na minha casa, um tumulto aqui...aí depois, daí passou uns meses aí, a minha filha foi convidada a morar numa casa lá perto do T.(bairro), do cunhado dela, uma casona enorme, uma casa que tem em cima e embaixo, uma casarão enorme, aí ela foi morar lá (a filha mais velha), aí ficou...aí o meu filho comigo fomo lá prô quarto e a menina ficou naquele...daí ela também resolveu ir embora quer dizer que eu fiquei com um quarto para cada um, aí meu filho ficou uns quatro meses em C. (cidade) e eu fiquei aqui sozinha, antes tinha a casa cheia, até cachorro e agora? "Graças a Deus agora eu tô

sozinha, entrava aqui, aqui eu ficava, trancava a porta, rancava a roupa, andava até pelada aqui dentro e não tinha mais ninguém...puta que pariu, até o homem da água falou assim, veio aqui na porta e falou assim 'escuta, a senhora não gasta água não? 'Por que o senhor veio perguntar se eu gasto água?', 'Por que a senhora não sai de dez reais de água, por que?'...falei 'porque não mora ninguém aqui, aqui não mora ninguém, graças a Deus mora só eu' falei para ele, eu não gasto água não...agora a turma dá risada, agora tá bom, tem o meu filho só junto comigo, até o homem da água...porque antes vinha um monte, era 40 de água, 100 de luz, então ficou um horror, muita gente...mas elas vem aqui, agora tá melhor, mais sossegado, filho é bom, netinho vem vê, traz um pouquinho...só assim, morar aqui não, não quero mais não.

P: A senhora sente que houve alguma mudança depois da menopausa, ou não?

E5: Não, não teve mudança nenhuma. No período da menopausa só mudou...essa fase...um pouco o negócio de dormir, vivia cansada e de noite eu queria dormir e não podia dormir, era aquela coisa de colocar o pé na bacia com água fria, quando colocava parece que fritava o pé da gente, fervia porque acho que tava um calor no pé, não sei, uma coisa, tudo isso aí passou já, a gente tá tomando remédio, né...já fiz todos os exames do seio, de tudo e por enquanto está tudo nos conformes...graças a Deus, nesse ponto eu não tenho nada.

P: E quanto a vivência sexual?

E5: Sentir falta eu não sinto não, sexualmente...eu acho que a mulher é mais apagada...com sexo...não sei, cada um é cada um, eu não sinto falta, eu sinto falta de uma pessoa, assim, prá ter convivência de passear, de coisa, é lógico que aí entra o sexo, mas hoje em dia tá muito difícil de arrumar, na escola brinca prá eu arrumar, 'anda, vai arrumar um homem, casar de novo', porque eles sabem que faz mais de dez anos já que eu não tenho marido, mas eu brinco muito, mas eu não sei se eu queria mesmo não, eu tenho um pouco de medo também porque...hoje em dia a doença está tudo aí...nos jovens, tá louco...a doença da Aids, a gente morre de medo, então a gente

fica com medo, então, não sei, acho que também eu sou muito séria, não olha com aqueles olhos...todo lugar que eu vou fala dona, senhora, ou tia, às vezes a pessoa é até mais velha do que eu e fica chamando eu de tia, então eu acho que não tenho cara mesmo de arrumar ninguém...nada que eu vejo de homem...eu acho bonito mas assim, dizer que me atrai...eu gosto de dançar, eu vou aprender a dançar, eu vou entrar de sábado, sabe o que é, eu trabalho com a minha irmã, todo sábado eu tava indo para C. (cidade) trabalhar, mas eu tô me cansando um pouco porque vai lá às sete da manhã e volta no domingo às sete da noite, e na segunda tem que tá às sete no serviço...porque lá tem que ficar muito tempo de pé vendendo doce, bolo, então eu quero aprender a dançar no sábado de manhã na academia senão a gente fica muito parada...eu gostaria de nadar, dançar, gostaria de aprender a nadar, nadar, participar de baile...eu só não vou porque...não sei dançar muito bem também e porque não tem companheira, não tem carro, não tem companheiro, então fica meio difícil, fica meio cocoroca dentro de casa, mas eu gostaria...se tivesse alguém disposto, convidasse a gente prá ir em bailinho...

P: E de agora em diante?

E5: Tá bom do jeito que tá...mas se...aprender a dançar ou fazer alguma atividade, é bom, eu gosto dessas coisa assim também...tem o Sesi aqui que tem coisas para a terceira idade, essa minha amiga que convidou eu prá dançar, ela já é aposentada, trabalhou como professora...ela vai ver partida de jogos, de vôlei, ela já falou prá mim ir no Sesi, faz carteirinha tudo lá, mas...prá idade que a gente tem fazer carteirinha...mas eu não sou aposentada, como eu posso deixar o serviço com uma secretária tão chata que é, não posso, sair na p. às terças-feiras eu levo atestado que a F. dá e além disso eu faço horas a mais prá cobrir o tempo que eu tô lá...falta mais uns dez anos prá eu me aposentar, aí se eu ainda tiver pique prá sair, porque hoje ainda tem pique prá sair, mas não sou aposentada porque não contou tempo de trabalhar fora...eu trabalho desde os 14 anos, 12 anos de costureira, só que não posso contar tempo porque não pagou, não registrou naquele tempo, eu era jovem não ia atrás...hoje, depois de três meses de

experiência já tá registrada, então tem que trabalhar para ter aposentadoria, mas antigamente quem tinha 30 anos de serviço aposentava, então se eu tivesse...eu trabalhei com...12 anos como costureira e fui até 21 tinha um tempo agora prá contar, mas eu já fui atrás de advogado e não adianta...juntar...daí se eu fosse aposentada hoje tanta coisa eu poderia fazer...dançar, porque a turma que dança lá na escola de quarta-feira, são todos aposentados, então eles saem prá tudo quanto é lugar, eles alugam carro, ou ônibus e...eles dançam mesmo, uma turma de bailado mesmo, só que eu não posso nunca acompanhar eles porque a dança deles é duas horas da tarde, o pouquinho que eu ia era à noite lá só, duas horas, duas horas e meia...eles fazem saiona comprida, fazem as roupas mesmo, mas que jeito participar? Essa minha amiga ela é aposentada, mas dá aula ainda, mas ela falta, falta, ela é professora, ela põe uma substituta no lugar e falta porque além de aposentada ela é solteira, não tem compromisso com ninguém, com filho, com nada prá gastar dinheiro, então ela falta do serviço, viaja com a turma prá tudo quanto é lugar, mas eu não posso fazer isso, primeiro por causa da secretária que é terrível e outra, descontar no salário nem pensar, então...

P: A senhora quer acrescentar alguma coisa ?

E5: O que eu queria assim é que meu filho conseguisse um trabalho melhor, futuramente, porque prá arrumar...com 20 anos, tá meio...ele reclama muito...que ele consiga estudar mais um pouco, alguma coisa, prestar alguns curso prá ele melhorar...ele nessa firma aí eu não sei...se acontecer alguma coisa dele se machucar, quando ele sai de manhã eu acordo e falo assim 'Deus acompanha esse menino, pelo amor de Deus', porque eu fico pensando se acontecer alguma coisa com ele, e ele não tá firme, não tá contente e ganha pouquinho por mês, tudo desconta, comida desconta, então às vezes ele vem com 200 reais, ele ganha acho que 380 ainda desconta um pouco, às vezes faz hora extra sábado e domingo e trabalha como um doido lá e ganha pouco e reclama muito, então eu quero que Jesus me ilumine prá ele fazer uns curso, que ele possa ir prá frente porque ele vai ser o sustento da casa, fico só pensando nisso aí, ele futuramente é o

sustento da casa...se eu for embora daqui prá cima (morrer) ele vai ficar sozinho, ele não tem companheira, não tem namorada nada, não é como as outras duas que tem seus companheiro aí né...eu fico pensando, então, fazer curso bom e quem sabe eu arrumar alguém prá...nas horas tristes, nas horas alegre contar alguma coisa, falar...mas se não arrumar tá bom também...às vezes você acha falta não sexualmente, acha falta de passear, de viajar, de ir num baile, num casamento de uma pessoa, é diferente de você ir com uma amiga, é diferente, às vezes eu tô pensando 'olha, aquela pessoa lá, na mesma idade da minha com seu marido e tudo e eu...', e já faz mais de dez anos que, bem dizer, nem companhia prá ir num casamento, numa festa não me levava meu marido, levava de jeito nenhum. Na formatura dessa minha filha que se formou na faculdade ele nem foi...no casamento da minha sobrinha as crianças não quiseram que ele fosse, não quis nem que falasse que era casamento da minha sobrinha, sobrinha mesmo, filha da minha irmã, tanto que ele viu crescer a menina tudo e as minhas filhas não quiseram que levasse ele...ah, porque vai beber...ele não foi...eu fiquei triste porque nada disso ele participou, todo lugar eu falava que era viúva, viúva de marido vivo...falava mesmo...ele tava doente em casa, ele ficava aqui, ele morreu sozinho no banheiro...eu saí na sexta, eu e minha filha saímos na sexta e meu filho também, nós trabalhamos junto, e essa menininha com...essa moça com a filhinha, e eu e meu filho fomos trabalhar num casamento e aí minha filha ficou lá com a nenê e eu vim embora no domingo, minha irmã falou assim ' não, vai embora de tarde só', falei 'não, vou embora agora, vou embora agora e vim, aí minha sobrinha trouxe eu até aqui, aí quando a gente abriu a porta ele tava morto...foi um susto muito grande, né...foi um susto muito grande...tava morto...a gente achou que ele tava lá no bar sentado e o cachorro...a turma aí disse que ele uivou várias vezes...ele...acho que ficou um dia lá...diz que o cachorro uivava, uivava...quando nós chegamos no domingo ao meio dia...naquele dia eu quis vir embora cedo, mais cedo, vim embora, vim embora, aí quando cheguei lá ele tava morto, mas eu nunca sonhei com ele, dizer que eu tenho medo de ficar aqui dentro de casa, não, nunca...dormi muito tempo sozinha

aqui...no final do relacionamento era como se fosse irmão, como se fosse irmão mesmo...com a bebida agente vai deixando um pouquinho de gostar, aí só mantém o respeito, mantém...só, né, sempre respeitei, foram 29 anos de casado, sempre só meu marido e como namorado também foi só ele, desde os 14 anos só ele, com 21 casei...sei lá, um homem só na vida da gente acho que fica muito difícil arrumar outro, acho muito difícil, fazer o que?...

P: A senhora quer acrescentar mais alguma coisa sobre o que foi falado até aqui?

E5: Não, não tenho nada...(silêncio)...às vezes eu falo que eu...sexualmente, muito pouco tempo eu vivi sexualmente, com 21 eu casei, aí...muito pouco tempo...quantos anos foi de vivência sexualmente?...acho que uns 20 só...que nem hoje vê criança na escola que começa com 12 anos a ter relação sexual, eu comecei com 21, aí ele mais bebeu do que não sei o quê...acabou logo, acabou logo...eu esperava uma vida mais prolongada,...eu sou meio frustrada, porque hoje se ele tivesse bem estaria com 70 anos, se tivesse aqui com a gente, né?

A entrevistada 5 oferece à entrevistadora um pedaço de doce que havia feito, mostra a residência para a entrevistadora que, após isso se despede da entrevistada.